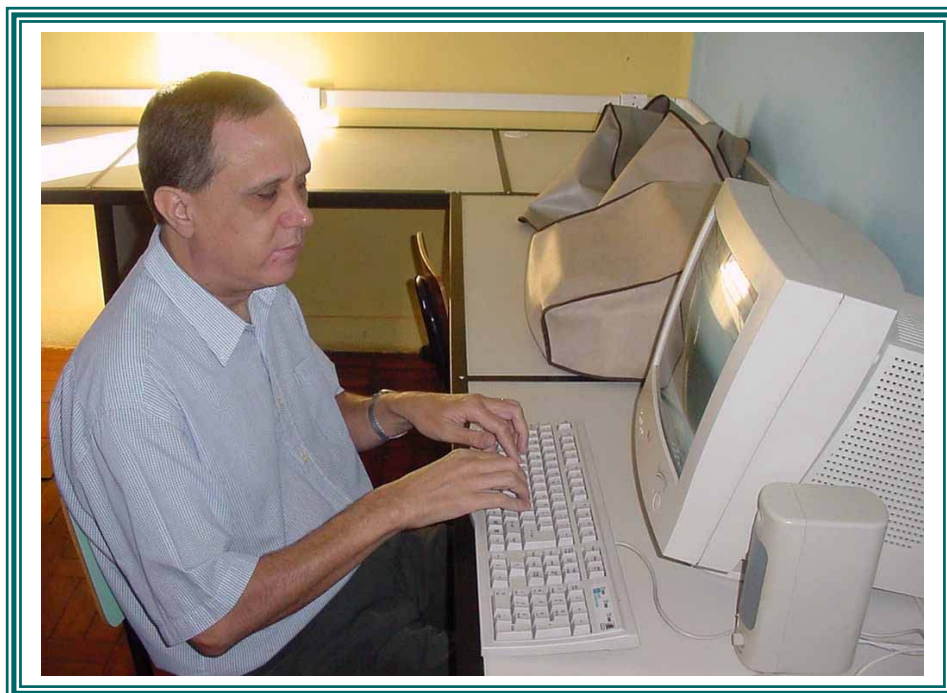


UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
JULIO DE MESQUITA FILHO
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL
PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL



**UM ESTUDO SOBRE O ENFRENTAMENTO DE PESSOAS COM
DEFICIÊNCIAS FÍSICAS E MENTAIS NO MUNDO DO TRABALHO**

VALÉRIA CARRIJO TASSO SOUZA

**FRANCA
2002**

VALÉRIA CARRIJO TASSO SOUZA

**UM ESTUDO SOBRE O ENFRENTAMENTO DE PESSOAS COM
DEFICIÊNCIAS FÍSICAS E MENTAIS NO MUNDO DO TRABALHO**

Tese apresentada à Faculdade de História,
Direito e Serviço Social da Universidade
Estadual Paulista Dr Julio de Mesquita Filho,
campus de Franca, para obtenção do título de
Doutora em Serviço Social.

Orientadora: Profa. Dra. Noemia Pereira Neves

**FRANCA
2002**

Souza, Valéria Carrijo Tasso

Um estudo sobre o enfrentamento de pessoas com
deficiências físicas e mentais no mundo do trabalho /
Valéria Carrijo Tasso Souza. –Franca: UNESP, 2002

Tese - Doutorado – Serviço Social – Faculdade
de História, Direito e Serviço Social – UNESP.

1. Deficientes – Integração Social 2. Serviço Social -
Trabalho - Deficiente físico e mental.

CDD – 362.3

VALÉRIA CARRIJO TASSO SOUZA

UM ESTUDO SOBRE O ENFRENTAMENTO DE PESSOAS COM
DEFICIÊNCIAS FÍSICAS E MENTAIS NO MUNDO DO TRABALHO

TESE DE DOUTORADO

BANCA JULGADORA

Profa Dra Noemia Pereira Neves
(Presidente e orientadora)

- UNESP – Franca, SP

Profa. Dra. Maria Tereza Egler Mantoan - UNICAMP – Campinas, SP

Profa. Dra. Vânia Maria Jorge Nassif - FACEF e MACKENZIE – Franca, SP e São Paulo, SP

Prof. Dr. Jose Valter Canoas - UNESP – Franca, SP

Profa. Dra. Íris Fenner Bertani - UNESP – Franca, SP

Dedico este trabalho aos meus filhos
Juan Alejandro e Marina.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que de uma maneira ou outra contribuíram para o desenvolvimento dessa Tese, em especial:

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, por me apoiar e oferecer recursos, para que grande parte da realização desse trabalho obtivesse êxito, principalmente por meio de suas orientações e indicações para um melhor embasamento teórico e metodológico.

Às instituições que nos abriram suas portas para permitir este estudo: as APAEs de Franca e Ribeirão Preto, às SORRIs de Bauru e Sorocaba, à Sociedade dos Cegos de Franca, à ABADEFI de Batatais, à ADEFI de Franca, e ao Hospital de Reabilitação do HC da USP, São Paulo.

Às empresas que contratam pessoas com deficiências que participaram também para a realização desta pesquisa.

Às pessoas capacitadas e trabalhadoras que contribuíram ativamente na construção da tese, ora como entrevistados, ora como espectadores e sujeitos participantes deste estudo.

À minha orientadora Profa. Dra. Noemia Pereira Neves que sempre demonstrou interesse e atenção, com carinho e profissionalismo, desde o início dessa tese.

Aos amigos e familiares que indiretamente auxiliaram para que este trabalho acontecesse.

Aos meus pais Hélio e Edith, aos meus irmãos Marilda, Vanessa, Hélio Júnior, Alexandre e Luciana, que demonstraram interesse e me apoiaram sempre que puderam para que superasse obstáculos e alcançasse mais essa vitória.

Aos meus filhos Juan Alejandro e Marina, que suportaram minhas aflições, dificuldades e ausências, e que também proporcionaram momentos de alegrias e esperanças, quando da realização desta tese.

Ao meu querido esposo Issakar, por sua demonstração de carinho, atenção e compreensão, mesmo diante de meus devaneios e de meus momentos de desesperos, e pelo seu apoio e dedicação para que este trabalho fosse concluído.

À DEUS, por tudo.

*As mãos perguntam, a cabeça pensa...
Embora isso esteja esquecido, o caminho
para a inteligência passa pelas mãos.
Pensamos para ajudar as mãos. Das
mãos nascem as perguntas. Da cabeça
nascem as respostas.*

Rubem Alves

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	09
LISTA DE QUADROS.....	10
LISTA DE TABELAS.....	11
RESUMO.....	12
ABSTRACT.....	13
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1	
CONTEXTUALIZANDO DEFICIÊNCIA E TRABALHO.....	21
1.1 Deficiência mental e a física	22
1.2 O mundo do trabalho hoje	26
1.3 O direito ao trabalho, a acessibilidade e a autonomia das pessoas com deficiências.....	29
CAPÍTULO II	
LEVANTAMENTO E COLETA DE DADOS.....	36
2.1 Levantamento de instituições para conhecimento dos programas de capacitação e para a localização de capacitandos deficientes.....	37
2.2 Contato com as instituições de capacitação e as que empregam deficientes.....	38
2.3 As entrevistas com profissionais das instituições de capacitação profissional.....	39
2.4 As entrevistas com as pessoas com deficiências.....	40
CAPÍTULO III	43

OS RESULTADOS	
3.1 Descrição dos resultados dos contatos e das entrevistas.....	44
3.1.1 <i>Levantamento e visita às instituições de capacitação profissional</i>	44
3.1.2 <i>A entrevista com pessoas deficientes</i>	48
3.2 Descrição e análise dos relatos orais das pessoas com deficiências.....	52
3.2.1 <i>Em capacitação profissional</i>	52
3.2.2 <i>Inseridas no mercado de trabalho</i>	69
3.3 Análise de Conteúdo – Histórias de enfrentamento das pessoas com deficiências no mundo do trabalho.....	102
CONCLUSÃO	119
BIBLIOGRAFIA	125
ANEXOS	134

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Trabalhador deficiente visual. Atividade: Professor de informática.....	109
Figura 2	Trabalhador deficiente físico. Atividade: Reparador de Cadeiras de Rodas.....	109
Figura 3	Trabalhadores deficientes mentais. Atividade: Embaladores de shampoo, etc.....	110
Figura 4	Capacitando deficiente visual ou cego. Atividade: participante do curso de teclado.....	110
Figura 5	Capacitando deficiente visual. Atividade: Montador de caixas de sapato..	116
Figura 6	Capacitando deficiente mental. Atividade: Costuras e reparo de roupas....	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Categorias (grupo) de dificuldades relatadas pelos capacitandos e trabalhadores deficientes, ao enfrentarem o mundo do trabalho.....	105
Quadro 2	Categorias de sentimentos e ações relacionados ao acesso da pessoa com deficiente capacitanda e trabalhadora no mundo do trabalho.....	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Perfil das pessoas com deficiência em capacitação profissional.....	49
Tabela 2	Perfil dos trabalhadores com deficiências.....	51
Tabela 3	Número Estimativo de Pessoas com Deficiência. Com base em índices recomendados pela Organização Mundial de Saúde (1980-1990).....	118

SOUZA, Valéria Carrijo Tasso. *Um estudo sobre o enfrentamento de pessoas com deficiências físicas e mentais no mundo do trabalho*. 2002. 146 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca.

RESUMO

O mundo do trabalho atual tem sofrido algumas alterações que, conjuntamente aos fatores sócio-econômicos globais, resultam em crises mundiais relacionadas com a oferta de emprego. Uma das alterações mais marcantes, no que diz respeito à seleção do profissional moderno é a exigência daquele apto ou talentoso para desempenhar diferentes funções, tornando mais limitante a atuação de pessoas com deficiências em um trabalho produtivo. A presente pesquisa centraliza-se no estudo de algumas características relacionadas à participação de pessoas com deficiências físicas e mentais no mercado laboral, em municípios do interior do Estado de São Paulo. Dessa forma, o objetivo dessa investigação é conhecer os aspectos envolvidos no processo de enfrentamento dessas pessoas no mundo do trabalho, analisando, por meios de seus relatos orais, expectativas e perspectivas em relação a ele. Foi utilizado o instrumento da entrevista semi-estruturada para coleta de informações, permitindo a análise qualitativa de conteúdo, ou seja, do objeto de estudo. Como resultado e conclusão dessa análise, considera-se que a sociedade, de maneira geral, deveria, se ‘reabilitar’ para conhecer, aceitar e permitir conscientemente o acesso da pessoa com deficiência no mercado de trabalho, analisando os recursos disponíveis da comunidade ou do meio social mais viáveis, juntamente com as forças do poder político social, público e privado, e, assim, auxiliando a remoção de preconceitos e dificuldades, e facilitando a inclusão social desses sujeitos possuidores de limitações superáveis, de talentos e capacidades para um trabalho produtivo.

Palavras-chave: trabalho; pessoa com deficiência; inclusão.

SOUZA, Valéria Carrijo Tasso. *A study about people confront with physical and mental deficiencies in the world of the work*. 2002. 146 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca.

ABSTRACT

Nowadays, the business world has suffered some changes that, together with the global social-economic factors, result in a worldwide crisis related to the employment supply. One of the more remarkable changes, in regarding the choice of the modern professional, is the demand of those who are capable or clever to perform different duties, becoming more limiting the performance of the people with a lack in a productive work. The recent research focuses on a study of some characteristics related to the participation of people with physical and mental deficiency in the laboral market, in some cities of the state of São Paulo. In this way, the aim of this investigation is to know the aspects involved in the process of confront of these people, in the business world, studying by ways of their oral reports, expectations and prospects regarding it. It was used the instrument of interview semi structured to the assessment of information collection, allowing the qualitative analysis of contents, so, the conclusion of this analysis, it is considered that the society, this way, should ‘reestablish’ themselves to know, accept and allow consciously, the promotion of the people with deficiency in the business market, analyzing the available resorts of the community or the social ways more practicable, together with the forces of the social political power, public and private, and this way, helping the removal of prejudice and difficulties, and making easier, owners of restrictions that can be beaten, of aptitudes and abilities, to do a productive work.

Keywords: work; person with deficiency; inclusion.



INTRODUÇÃO

Como ocorre com todos os seres humanos, a vida dos portadores de deficiência é cercada de alegrias, realizações, incertezas e dificuldades. É dentro desse mundo que eles crescem, se educam, fazem amigos e constroem suas carreiras.

Pastore, 2000

Durante algum tempo refletimos sobre a situação do deficiente após seu desligamento de uma instituição ou de um programa de Educação Especial, preocupação esta ligada à nossa prática profissional desempenhada, ora como pedagoga, ora como assistente social. Durante o mestrado em Educação Especial na Universidade Federal de São Carlos (SP), tivemos oportunidade de estudar aspectos relacionados ao surgimento e características do comportamento apático em crianças e adolescentes deficientes mentais, físicos e sociais, e institucionalizados na APAE - Associação de Pais e Amigos de Excepcionais - Escola de Educação Especial Dr. Ângelo Passeri, São Carlos, SP (TASSO, 1995). Tivemos depois a oportunidade de firmar um contrato como assistente social para trabalhar com as mesmas crianças e adolescentes daquela instituição. Com algum tempo de vivência na APAE (São Carlos-SP), surgiram outras preocupações sobre o que ocorreria com o deficiente institucionalizado após seu desligamento da instituição, principalmente se ele está *preparado* para enfrentar uma sociedade com características ainda não exploradas por ele. Algumas propostas de pesquisa foram surgindo como busca de análise do processo de desligamento, bem como a participação deles na sociedade. Sentimos que tais preocupações exigiam de nós um aprimoramento-aprofundamento como pesquisadora da área, focalizando essas questões. Assim, nos interessamos, como mestre em Educação Especial, em voltar à pós-graduação, desta vez em Serviço Social em nível de doutorado inteiramente envolvida com nossas expectativas.

Dentre as oportunidades acadêmicas surgidas, destacamos a seleção e demanda de uma bolsa de estudos através do Instituto de Cooperação Ibero-americana e pela Agência Governamental Espanhola, para realizar pesquisas. Ali permanecemos por um ano e meio (05/1996 a 10/1997), onde pudemos estudar e verificar na prática a eficiência dos trabalhos educacionais e sociais realizados com crianças, adolescentes e adultos deficientes físicos e mentais, em relação à sua independência pessoal e conquista laboral. É claramente perceptível que esses programas espanhóis contam com apoio governamental e não-governamental para a realização de estudos, e respectivas aplicações, estruturados e mediados pela participação de profissionais qualificados. Isto aguçou nossa preocupação com a questão política e social em relação ao posicionamento de deficientes no cenário brasileiro. Nos conduziu a algumas reflexões sobre que tipos de atividades, ou de trabalho, os deficientes brasileiros têm exercido,

e de que forma e meios eles têm participado e enfrentado o mundo de trabalho caracterizado por um regime econômico estritamente neoliberal, e em um país onde o processo de globalização é excludente. Chegando ao Brasil, planejamos um possível ingresso nos estudos de doutorado na área social, para que pudéssemos encontrar maior fundamentação teórica para realizar pesquisas sobre este tema. Daí, nossas intenções tornaram-se uma proposta de estudo sobre a participação do deficiente no mundo do trabalho em alguns municípios do Estado de São Paulo – Franca, Batatais, Ribeirão Preto, São Carlos, Sorocaba e Bauru.

É importante destacar que a pessoa deficiente depara-se com pelo menos duas dificuldades que, somadas, tendem a colocá-lo à margem no mercado de trabalho. Uma delas seria a reduzida oferta de emprego (alto índice de desemprego), fator este que atinge a maioria dos cidadãos. Segundo dados publicados em uma matéria no jornal O Estado de São Paulo, de 23 de abril de 1998, a frequência de desemprego entre 1989 a 1997 teve um aumento de 179,1%, equivalente a mais de 3,260 milhões de pessoas sem uma vaga no mercado de trabalho. Isto quer dizer que a dificuldade de vagas, ou inexistência concreta de novas linhas geradoras de empregos, cria uma atmosfera de competição entre as pessoas que já trabalhavam (os desempregados) e as que nunca trabalharam – todas elas lutando por um emprego. Dentre essas pessoas, podem ser localizadas aquelas com qualquer deficiência (física e/ou mental), o que nos leva a refletir sobre quais suas estratégias para enfrentar essa competição, no caso desigual, por uma *vaga*, um trabalho.

Uma outra dificuldade consiste no aumento freqüente das cobranças ditadas pelo mercado de trabalho que exige mão de obra multifuncional. Na maioria das vezes, o empregador é levado a pensar que não se pode encontrar este perfil de profissional em um deficiente, já que esse, muitas vezes, se apresenta limitado para exercer todas as funções de um trabalhador ou de um empregado comumente contratado. Ainda, pode-se dizer que a sociedade capital, a qual vivenciamos, não só marginaliza a pessoa que *não produz*, como também provoca a divisão social do trabalho e, por fim, o isolamento dos portadores de algum tipo de deficiência, seja ela mental ou física. Na política social os princípios, as diretrizes e normas, deveriam ser assumidos pelo Estado, sendo o seu dever atender as necessidades da população (SOUZA, 1995). Então, destaca-se que necessitamos dessa organicidade para não só capacitar o deficiente ao trabalho como também incluí-lo na sociedade. Segundo Julião (1997, p. 84), a pessoa para viver na sociedade deve “participar da mesma e ter acesso a todos os direitos garantidos ao cidadão, inclusive ao trabalho, e não sofrer nenhum tipo de discriminação”.

Sabe-se que a sociedade como um todo reflete diferentes atitudes de grupo, políticas, econômicas e, segundo vários autores, biológicas. As pessoas, de uma maneira geral, possuem e manifestam concepções, escolhas, predisposições, vontades, necessidades diferentemente umas das outras – não poderia haver igualdade de opiniões e posições. As distintas maneiras de pensar, de ser, de ver, de se comportar, as diferenças biológicas, de gênero, de cultura, de população, de localização geográfica, despertam construções variadas de identidade pessoal e grupal. O preconceito pode partir da existência dessas diferenças, de não conhecermos o todo e nem a nós mesmos.

Muitos estudiosos da área, como PINSKY e ELUF (1993); FIGUEIREDO e RIBAS (1987); AQUINO (1998); AMARAL (1994); RIBAS (1997), elucidam de uma forma clara que deveremos observar, agir e estudar, respeitando as diferenças e atentando ao preconceito que vivenciamos no dia a dia. Na clássica obra de GOFFMAN (1975) *Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, encontramos algumas caracterizações sobre a construção e a utilização do estigma. O termo é visto como um atributo (uma característica) que categoriza e reforça as diferenças entre as pessoas, formando assim preconceitos.

Na construção do conhecimento, de todo e qualquer pensamento e conceito, poderíamos partir de alguns pré-requisitos que nos rodeiam e que estão presentes em nossa maneira de ver, sentir e interpretar. O autoconceito, o autoconhecimento, o autojuízo e a predisposição para aprender e apreender nos caracterizam, ou seja, nos fazem diferentes uns dos outros. É quase impossível negar as diferenças individuais entre as pessoas de uma determinada cultura e a variabilidade dos indivíduos de diferentes grupos culturais.

A realidade do mundo natural está subordinada a crenças de um coletivo, e não há formas de julgar, pré-determinar ou discernir entre as chamadas *verdades absolutas* e as diferenças idealizadas por um grupo de cientistas ou de políticos. A idéia de que a dinâmica social está pré-determinada desde os genes, passando pelo funcionamento celular, orgânico, fisiológico, até corroborar com a complexidade social e política, é linear e racionalmente combatida por LEWONTIN, ROSE e KAMIN (1996). Segundo esses mesmos autores, as diferenças sociais observáveis devem estar mais intimamente ligadas à construção histórica, social, cultural, política e econômica de um determinado grupo do que aos fatores biológicos, isto é, genéticos, interpretados como *natureza humana*. Falamos aqui de atitudes, posições, opções, escolhas, disponíveis no entorno cultural, que geram comportamentos diferenciados. A vivência do preconceito pode ser notada pela prática da diferença e o exercício do distanciamento interpessoal, que está muito presente no nosso cotidiano.

Podemos dizer que a experiência do preconceito pode estar presente em formas de expressão, como nos gestos, no olhar a diferença, no comentário isolado, nas atitudes paternalistas de caridade e, principalmente, no não reconhecimento do outro como igual em direitos. O preconceito faz parte da atitude em relação a alguém ou a alguma coisa, revelando um imaginário social, um conjunto referencial de representações – a idéia sem embasamento, ou conhecimento de causa, que formamos a respeito de algo ou de alguém. O preconceito, antes de ser expressado com atitudes perceptíveis, sempre se apresenta como um estado mental desenvolvido durante a vida do indivíduo. Se a nossa conduta é sustentada por esse estado mental e pelo conjunto de representações sociais, essas noções coletivas estão presentes no cotidiano de trabalho e também nas diferentes pesquisas científicas.

Alguns professores, pesquisadores e estudiosos da área foram por nós abordados com o objetivo de conhecermos diferentes opiniões a respeito da presença do preconceito na ação profissional do acadêmico e pesquisador. A questão-base com a qual nos confrontamos é: *Considerando que todos nós temos presentes em nossa cultura a transmissão dos estigmas e preconceitos, em que níveis durante a realização de pesquisas eles podem estar subjetivamente mais interpostos ou presentes?* Algumas questões foram elaboradas para uma análise preliminar. (i) Um pesquisador da área de Ciências Humanas, por exemplo, pode-se apresentar *apto* para desenvolver a pesquisa de campo, mesmo possuindo algum preconceito? (ii) Como definir preconceito? (iii) Como o preconceito interfere no nosso relacionamento com as pessoas? (iv) De que forma o preconceito afetaria a comunicação numa entrevista? (v) Em que medida esse preconceito afetaria todo o desenvolvimento de uma investigação? (vi) Como poderíamos lidar com *o preconceito nosso de cada dia*, durante a realização de uma entrevista, na análise de dados ou na conclusão final?

Algumas respostas a essas questões referem-se aos seguintes aspectos:

- não ter consciência de que se tem preconceito; necessidade de ter consciência de si, conhecer-se primeiro para poder conhecer o outro; preconceito é um comportamento (uma atitude) transmitido ao longo da história da humanidade através da família, da escola e das relações sociais de maneira geral; por ser algo inconsciente as pessoas podem se comportar como se o preconceito não estivesse presente; o preconceito pode afetar o desenvolvimento da investigação no que diz respeito à escolha do tema, dos instrumentos para coleta de dados e sua elaboração, ao processo de escuta/ouvir e também quanto à forma/procedimentos para analisar os dados; para lidar com o preconceito, deve-se ter consciência de que se é preconceituoso, e o ideal é tentar sair de si mesmo (Carl Rogers) e

ver o sujeito, ou os fatos, com objetividade. Assim, é importante refletir e estar sempre atento e apto para analisar a influência do preconceito na realização de qualquer pesquisa científica, principalmente na área das Ciências Humanas.

O presente trabalho tem como **objetivo geral** tomar conhecimento das expectativas e perspectivas de pessoas deficientes físicas ou mentais em relação ao seu enfrentamento no mundo do trabalho, analisando os principais aspectos relacionados a esse tema, em alguns municípios do interior paulista.

Seus **objetivos específicos**:

1. Buscar informações sobre os programas de capacitação profissional das instituições que atendem as pessoas com deficiências físicas e/ou mentais.
2. Descrever e organizar em banco de dados as informações referenciais, bem como as finalidades e características desses programas.
3. Caracterizar os sujeitos/deficientes participantes desse estudo e descrever o perfil de cada um.
4. Analisar o processo, os meios e as formas de enfrentamento de pessoas deficientes físicas e/ou mentais no mundo do trabalho.

A escolha intencional do estudo em alguns municípios do interior paulista se deve a facilidade de coletas e também ao fato de que este poderia contribuir, por meio de pequena amostragem, com informações estratégicas para elucidar a respeito de programas de treinamento, capacitação para o trabalho do deficiente, já existentes no Estado de São Paulo. Além disso, com o levantamento das instituições públicas e privadas envolvidas na elaboração de programas de capacitação e reabilitação profissional, poder-se-ão localizar os deficientes mais apropriados para esse tipo de pesquisa.

O trabalho apresentará no 1^o Capítulo a descrição dos seguintes temas: 1. Contextualizando a deficiência mental e/ou física; 2. O mundo do trabalho hoje; 3. O direito do trabalho, a acessibilidade e a autonomia das pessoas com deficiências.

Consideramos relevante esta colocação para nós mesmas, na realização deste estudo. Ele contempla no primeiro momento alguns aspectos teóricos que julgamos importantes sobre a deficiência física e mental, por já contarmos com a possibilidade de estudos, os mais diversos realizados por vários autores. Ressaltamos a contextualização da deficiência, o

mundo do trabalho em nossos dias, o direito ao trabalho das pessoas com deficiências, a acessibilidade e autonomia dessas pessoas.

No Capítulo 2 tratamos do método utilizado para o desenvolvimento da pesquisa de campo: da metodologia, do levantamento e conhecimento das instituições que capacitam pessoas com deficiências, da entrevista com seus profissionais, das entrevistas com os capacitandos e deficientes colocados no mercado de trabalho. No 3º Capítulo apresentamos a descrição dos resultados das entrevistas com os profissionais das instituições, com os capacitandos e com os trabalhadores deficientes, a descrição e a análise dos relatos orais dos deficientes entrevistados e a análise de conteúdo, ou seja, dos resultados da análise desses relatos orais.

Diante do exposto, consideramos que esse estudo é de significativa importância por tratar de um tema relevante e presente no cotidiano de diversos profissionais que atuam com a questão educação para o trabalho. Esses profissionais devem ter capacidade para tal, de forma que tenham a possibilidade de desvendar a questão e compreendê-la em toda à sua complexidade, permitindo assim uma intervenção mais adequada.

Desejamos ressaltar a originalidade do tema proposto sobre o qual poucos estudos a ele são referidos na nossa realidade, apesar de estar ganhando ultimamente visibilidade, no conjunto da sociedade, por se tornar objeto de veiculação da mídia. Assim, é necessária que as pesquisas realizadas nessa área sejam socializadas, e é isso que pretendemos com o presente estudo.

Esperamos, portanto, que os dados por nós obtidos sejam instigadores e que possam servir de suporte a outros pesquisadores que buscam compreender as questões relacionadas à pessoa com deficiência e o mundo do trabalho.



CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZANDO DEFICIÊNCIA E TRABALHO

É preciso conhecer várias alternativas e propostas, levando em conta as problemáticas pesquisadas e os resultados obtidos, para que se aprofunde a discussão sobre as possibilidades e limitações pertinentes a cada estudo, e se possa vislumbrar a gama de possibilidades que se apresentam ao pesquisador.

Demartine, 1992

1.1 Deficiência mental e/ou física

A excepcionalidade ou a deficiência, de origem orgânica ou não, acarreta o aparecimento de outras variáveis externas que amplificam este estado. A análise da deficiência deve estar antes de tudo relacionada às articulações sociais e interpessoais, apreendendo, desta forma, as ações ambientais significativas para o indivíduo que nelas participa (AMIRALIAN, 1986). Insistindo ainda nestes aspectos, MAZZOTTA (1982) faz referência à forma de se tratar com os conceitos de normalidade e diferenças individuais. Ele diz ser importante considerar que os padrões de comportamento classificados como normais dependem dos valores de cultura de uma dada sociedade, e aquelas pessoas que não atendem apropriadamente às exigências estabelecidas são consideradas e vistas como *anormais* – a se situarem acima ou abaixo da *normalidade*. Quanto às diferenças individuais, esse autor ressalta que as elas tendem a se acentuarem ou não, dependendo das exigências naturais e sociais do meio, do grau de tolerância, compreensão ou aceitação da sociedade para com as diferenças que existem entre os indivíduos.

Em 1980, a Organização Mundial da Saúde (OMS) apresentou uma distinção entre incapacidade, deficiência e desvantagem. A incapacidade – por exemplo, um olho lesado ou atrofia de um braço ou a falta de uma parte de um corpo, consiste em uma condição que limita a realização de determinadas atividades, dentro dos parâmetros considerados normais para uma pessoa. A deficiência seria perda ou anomalia de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, como, por exemplo, a impossibilidade de ver, andar ou falar. A desvantagem é uma situação de atividade reduzida, decorrente de uma deficiência ou de uma incapacidade que limita o indivíduo, ou impede seu desempenho normal de determinada função, levando-se em conta a idade, sexo, e fatores sócio-culturais (PASTORE, 2000).

Existe uma tendência nas instituições ligadas ao atendimento e ao tratamento de pessoas com deficiências, de impor terminologias de deficiências baseadas somente na natureza e no grau do corpo afetado, na morfologia (BOVIN, 2000). Esse autor aponta que há

uma concepção natural ou formalizada que se interessa mais pelas características físicas do indivíduo, segundo o grau de sua deficiência, do que pelas suas qualidades sociais. A deficiência, mais do que uma alteração de propriedade fisionômica ou de um estado, também deve ser considerada como contendo uma complexa relação entre os atributos de algumas categorias individuais (biografia, integração social, pertencer a uma determinada família) e o conjunto de recursos de seu ambiente (posição sócio-econômica, rede de relações, tradições profissionais entre os membros da família).

O conceito e a definição da deficiência mental têm experimentado algumas mudanças nos últimos quarenta anos, tanto em sua terminologia quanto no critério diagnóstico do comportamento adaptativo. Esforços têm sido realizados por parte de diferentes áreas para melhorar o entendimento e a compreensão da condição da deficiência mental assim como para desenvolver uma terminologia e uma classificação mais precisa e prática (SCHALOCK, 1995). Segundo estudos de VERDUGO (1994), a nova definição da *Asociación Americana sobre Retraso Mental* (AAMR) integra as tendências e desenvolvimentos mais avançados nos últimos anos. Segundo a AAMR a deficiência mental caracteriza-se por um funcionamento intelectual significativo inferior a média, que geralmente coexiste junto a limitações em duas ou mais das seguintes áreas de habilidades de adaptação: comunicação, auto-cuidado, vida no lar, habilidades sociais, utilização da comunidade, auto direção, saúde e seguridade, habilidades acadêmicas funcionais, tempo livre ou lazer e trabalho. Por convenção, a deficiência mental deve se manifestar antes dos 18 anos de idade (LUCKASSON; COULTER; POLLOWAY, 1992).

A pessoa deficiente física ou mental é considerada como aquela que “apresenta, em comparação com a maioria das pessoas, significativas diferenças físicas, sensoriais ou intelectuais, decorrentes de fatores inatos ou adquiridos, de caráter permanente, que acarretam dificuldades em sua interação com o meio físico e social” (BRASIL, 1994a, p.22). Historicamente, a pessoa deficiente vem sendo tratada e considerada sob diferentes maneiras, sempre relacionadas ao modo como o indivíduo é visto nas diversas culturas (AMIRALIAN, 1986). Durante muito tempo e em muitas civilizações, o deficiente era estigmatizado e isolado da sociedade, pois era considerado como *doente* ou *inválido*, despertando a sua desvalorização como pessoa, até por sua família. Com o tempo, e em um processo lento e contínuo, a aceitação das pessoas *diferentes* passou ser privilégio de poucas sociedades. Na Idade Média, nas culturas ocidentais (Europa), tem-se o relato de que a Igreja começou a preocupar-se com os deficientes surdos como objetos de caridade. A partir do século XVIII,

os indigentes e deficientes eram recolhidos em asilos, porém ainda considerados como um "fardo de desgraça pela sociedade" (HEILBRUNN, [s.d.], p.10). COVEY (1998) faz referência às sociedades, que, ao longo da história, restringiram, estereotiparam, discriminaram e até exibiram as pessoas com deficiências dentro das mais diferentes interpretações, desde que explorassem suas deformidades, e que seus problemas fossem de origem divina. Com a evolução das ciências humanas, como a educação, a sociologia e a psicologia, é que se começou a analisar e estudar o comportamento dos deficientes e as influências sociais nos princípios que regem a aquisição deste comportamento, e, assim, favorecendo o desenvolvimento destes indivíduos e ajudando-os a viver satisfatoriamente na sociedade (PASTORE, 2000).

Atualmente, com todos os estudos e recursos existentes para educar e reabilitar a pessoa deficiente, ainda existem estigmas, preconceitos e discriminação para com ela. De acordo com GOFFMAN (1975), produzimos um estigma quanto às e nas pessoas diferentes de nós. Tem-se claro que as pessoas deficientes não podem ser vistas ou consideradas como impossibilitadas, imperfeitas, deficientes, defeituosas ou doente, e sim como ser humano que apresenta algum tipo de deficiência, com suas limitações e capacidades (MAZZOTTA, 1982). Na sociedade, as pessoas que portam algum tipo de limitação física, sensorial ou mental são mais susceptíveis a sofrerem preconceitos. Conforme PETERS (apud PASTORE, 2000), hoje ainda ocorrem atitudes discriminatórias em muitos ambientes, que tendem a ver as pessoas com deficiências como dependentes e incômodas. Muitos desses problemas e outros que afligem a vida dessas pessoas têm origem na sociedade, principalmente aqueles oriundos das barreiras que lhe são impostas pelo meio social. Muitas vezes, a pessoa pode deixar de ser deficiente no momento em que a sociedade proporciona condições adequadas como: rampas de acesso, transportes, arquitetura adequada à incapacidade, equipamentos auxiliares e outros. Assim, podemos dizer que a sociedade e a cultura desempenham um papel fundamental na própria definição da deficiência, assim como na interpretação e superação das dificuldades dos deficientes.

As categorias e classificações, comumente usadas para caracterizar as deficiências, apesar de apresentarem divergências entre os especialistas da área, ainda continuam sendo necessárias para melhor compreensão e organização didática do estudo das pessoas deficientes, além de dar algumas respostas às necessidades desses indivíduos na atualidade (AAMR). Segundo AMIRALIAN (1986, p.12), "um dos critérios mais utilizados para classificação e agrupamento destes indivíduos se baseia na generalização acerca de uma

condição particular, problema ou característica comum observada em um grupo de pessoas divergentes”. E, de acordo com a Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 1994a), a classificação das pessoas deficientes seria da seguinte forma: deficiência física, mental, visual, auditiva e múltipla. Assim, independente de qualquer tipo de deficiência apresentada, todas elas exigem os atendimentos educacional, social, médico e psicológico, sempre visando o pleno desenvolvimento das suas potencialidades através de ações sociais e de trabalho.

Variadas denominações são encontradas na literatura para a classificação das pessoas deficientes. Abaixo serão descritos alguns tipos de deficiências, aquelas significativas e de interesse ao presente estudo, dando uma idéia geral de cada uma delas (segundo a classificação de SILVA, 1996).

a) Os deficientes mentais educáveis

Existe uma variação no termo utilizado por diferentes autores para caracterizar esse tipo de pessoas. Há os que falam em debilidade mental, outros em deficiência mental, deficiência intelectual ou retardamento mental. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS apud SILVA, 1996), essas pessoas são aquelas que possuem um baixo desenvolvimento intelectual apresentando dificuldades na aprendizagem escolar. Por outro lado, têm habilidades e comportamentos que lhes permitem ser alfabetizada, treinadas e capacitadas para o trabalho.

b) Os deficientes mentais treináveis

Este outro grupo apresenta um baixo desenvolvimento intelectual, apenas um terço da média correspondente a sua idade. Devido a isto, essas pessoas enfrentam grandes dificuldades na aquisição de habilidades elementares, e cuidados pessoais, sociabilização e comunicação oral (OMS apud SILVA, 1996).

c) Os deficientes visuais

Neste grupo estão as pessoas que possuem visão reduzida e os cegos. Segundo CRUICKSHANK e JOHNSON (1974), aquelas com visão reduzida possuem entre 20/70 e 20/200 no melhor do olho, com correção. As cegas são aquelas cuja visão é menor do que 20/200, com correção, ou cujo campo de visão está significativamente restringido. DUNN

(1977) utiliza o termo *cego* para caracterizar aquelas pessoas que possuem tão pouca visão que algumas delas utilizam, como meio de leitura, o sistema Braille. Muitas pessoas não têm visão completamente perdida, conseguem perceber a luz ou vislumbrar sombras, mas sua visão é insuficiente, necessitando de programas ou recursos especiais como educação e treinamento para o trabalho.

d) Os deficientes físicos não sensoriais e neurológicos

Para MAZZOTTA (1982, p.41) esse grupo de pessoas são as que, "em virtude de limitações na sua capacidade de locomoção, postura ou uso das mãos, ou ainda limitações no vigor, vitalidade e agilidade, têm a sua escolarização comprometida em situação comum de ensino". Segundo DUNN (1977), distúrbios neurológicos podem aparecer entre essas pessoas. As mais comuns são a paralisia cerebral e a epilepsia. A variação individual existente neste grupo de deficientes exige muita atenção por parte de profissionais, a fim de atender adequadamente as diferenças de cada pessoa com programas educacionais e sociais que levem em conta suas necessidades físicas, intelectuais e emocionais.

1.2 O mundo do trabalho hoje

Com o processo de modernização e globalização no mundo do trabalho, a sociedade, pouco a pouco, está quebrando a relação entre seus membros, ou seja, os cidadãos são levados a participarem de uma consciência coletiva, e as trocas e intercâmbios são mais restritos a um grupo autônomo. O terceiro mundo tende a viver em um processo de desagregação, enquanto entidade homogênea. A globalização tem provocado um desenraizamento dos segmentos econômicos e culturais das sociedades, levando-as a uma totalidade, distanciando esses segmentos dos grupos considerados mais pobres, marginais e incapacitados de participarem do mercado de trabalho e de consumo (ORTIZ, 1994; IANNI, 1996a; 1996b). Nesse processo, JAMESON (1997) destaca que o capitalismo multinacional marca a evolução do sistema e a expansão global da forma mercadoria, colonizando áreas tributárias de tal maneira que não se pode mais falar de algum lugar “fora do sistema”, mesmo que sejam os bens públicos.

A questão da cidadania dos trabalhadores está intimamente relacionada à articulação entre liberdade política e social, e ao sistema monetário. Por outro lado, os trabalhadores não são vistos como cidadãos, no sentido pleno da palavra. Pois, a incorporação dos trabalhadores ao Estado, por meio de sindicatos e corporativismos, não cria um padrão novo de igualdade, reproduzindo no plano institucional a desigualdade social, e, ao mesmo tempo, a própria realização de igualdade e liberdade acabam sendo de desigualdade e falta de liberdade (LAMOUNIEUR, 1981; JAMESON, 1997; ORTIZ, 1994; IANNI, 1992).

Segundo ARROYO (1987), o mesmo discurso que enfatiza a liberdade e a cidadania, destaca a necessidade de educação e planos de ação para as mesmas, pois ambas – a educação e a ação, passam a fazer parte da mesma forma de avaliar e equacionar o poder das relações entre as classes. As transformações na produção da vida material provocaram mudanças na organização política e na formação do Estado moderno, colocando os homens em nova relação com a natureza e com o trabalho. É visto que a inclusão na comunidade, segundo as teorias do liberalismo, supõe capacidade de ação política racional. Com base nisto, os assalariados são considerados incapazes de governar suas próprias vidas por princípios de ordem moral. De acordo com esse autor, a questão da cidadania se insere em uma temática mais conflitiva, da possibilidade ou não da democracia, da participação do poder e da igualdade política em uma sociedade capitalista baseada na desigualdade social e econômica.

Estudos têm demonstrado efeitos da globalização sobre as relações jurídicas de trabalho (RUDIGER, 1999). A flexibilização da produção e do mercado de trabalho tem um lado correspondente na esfera jurídica. As regras estatais do direito ao trabalho são modificadas pelas normas coletivamente negociadas para trabalhadores que ainda fazem parte do núcleo de empregados ligados à atividade principal da empresa. O artigo 7º da Constituição Federal delibera principalmente os direitos relacionados ao salário e à jornada a possíveis modificações coletivamente negociadas, o que atribui aos sindicatos um poder e uma responsabilidade inéditos na modificação para melhorar ou piorar as condições de trabalho. A contratação de empregados cede à contratação de prestadores de serviços autônomos. Assim, as conquistas trabalhistas, obtidas através de regras mais *estáticas* do direito do trabalho, cedem às normas contratuais mais *elásticas* do direito comercial dependente das *leis de mercado* (forças de mercado). É importante frisar que a contratação de prestadores de serviços ditos autônomos, e a criação de verdadeiras redes de subcontratação estimulam, à primeira vista, uma perda de poder de mando de quem necessita desses serviços, uma vez que seus prestadores deixam de ser diretamente subordinados. Por outro lado, esse

trabalhador não está amparado pela lei de empregado, pois é autônomo e, dependendo do caso poderá correr sérios riscos segundo a demanda de seu serviço.

A luta pelos direitos e garantias individuais e direitos coletivos não deve ser apenas em favor da inovação e aperfeiçoamento da legislação, está muito mais perto da eficaz fiscalização pelo Judiciário da Ordem Legal (LAMOUNIER, 1981). E, segundo LAFER (1988), os direitos humanos pressupõem a cidadania como meio para sua proteção, significando um valor universal, resultante de um processo de objetivação histórica que repousa na precariedade da contingência: a cidadania no âmbito de uma comunidade. Além disso, os direitos pressupõem também a cidadania como princípio, pois a sua privação afeta substancialmente a condição humana, suas qualidades e seus estatutos políticos.

Assim, pode-se dizer que é importante saber se a cidadania é construída por meio de intervenções externas, de programas e de agentes que outorgam o exercício para a cidadania, ou verificar se ela é formada como um processo que se dá no interior da prática social e política das classes dos trabalhadores (ARROYO, 1987). Fazendo referência ao processo de alienação do trabalho, CODO (1992) expõe que o próprio trabalho se transformou em mercadoria, porque esta é capaz de ser explorada e comprada pelo preço de sua própria reprodução. Segundo DEMO (1996), o capitalismo favoreceu as estratégias de exploração do trabalho, que hoje é caracterizado como modo de produção na mais valia, ou seja, o trabalhador encontra no salário apenas uma pequena parte do valor gerado, ficando a restante para o dono dos meios de produção. O trabalho, considerado como modo de sobrevivência, transformou-se em meio de exploração entre as pessoas, gerando conflitos entre classes, alienação e exclusão daqueles indivíduos considerados incapacitados ou deficientes para participar do mercado competitivo. Mesmo assim, é possível entender que o trabalho é um instrumento de realização social e pessoal, um “componente essencial de qualquer projeto de cidadania” (DEMO, 1996, p.35). Esse autor diz que na formação da pessoa, em um contexto de direitos e deveres, é necessário compreender a noção de participação, de autopromoção, de autodefinição, de sujeito social, de democracia, de liberdade, igualdade, comunidade, de acesso à informação e ao saber, e de noção de acesso a habilidades essenciais para o exercício do trabalho. Por outro lado, DEMO (1991a; 1991b) diz que trabalho é direito, não podendo ser apenas resultado possível das forças do mercado; depende da capacidade organizativa de cada sociedade e de seus grupos em construir o caminho dos direitos. Aliás, não existe democracia confiável se o trabalho não for a própria expressão de sua realização histórica.

FALEIROS (1996) refere que o fortalecimento do sujeito, o *empowerment*, deve ser considerado a partir de *relações sociais mais gerais e complexas*, e as políticas de reforço de minorias, ou daqueles discriminados ou desfavorecidos, são importantes, pois auxiliam e servem para fortalecer o movimento pela cidadania em determinado momento ou contexto social. Dessa forma, a luta pela cidadania e pelos direitos deve ser encarada como rearticulação de forças e mobilização do poder, que implica na articulação de propostas e recursos para ação. O trabalho é a forma pela qual a pessoa atua e se insere na sociedade. Na medida em que as pessoas deficientes realizem um trabalho socialmente útil, elas terão suas atividades evidentemente inseridas ao contexto social, e conseqüentemente estarão incluídas em uma sociedade produtiva.

1.3 O direito ao trabalho, a acessibilidade e a autonomia das pessoas com deficiências

O direito das pessoas com deficiência a iguais oportunidades de treinamento e emprego, vem sendo progressivamente reconhecido nos últimos anos, em parte devido ao significado do Ano Internacional dos Incapacitados, 1981, a Década das Pessoas com Deficiências, 1983-1992, instituída pela Organização das Nações Unidas. Um marco nessa evolução foi a adoção pela Conferência Internacional do Trabalho, em 1983, da Convenção 159 e da Recomendação 168. Estas normas internacionais apóiam o direito dessas pessoas a treinamento e trabalho apropriados, não só em instituições e oficinas de produção específicas, mas em locais comuns a todos os cidadãos de uma comunidade, em centros de treinamento regulares e no mercado de trabalho.

Grande ênfase à dimensão jurídica da questão *deficiente* foi acrescida em relação às garantias constitucionais no Brasil. A Constituição Federal de 1988, no Inciso XXXI, artigo 7º, prevê explicitamente: “a proibição de qualquer tipo de discriminação no tocante a salários e critérios de admissão do trabalhador portador de deficiência”. As leis ordinárias propõem garantir grande apoio aos portadores de deficiência. A Lei n. 7.853/89 detalhou os direitos das pessoas com deficiências e criou a Coordenadoria Nacional para Integração das Pessoas Portadoras de Deficiência (BRASIL, 1994b). No seu artigo 2º, essa lei atribui ao Poder

Público a incumbência de “assegurar às pessoas portadoras de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos [...] ao trabalho, [...] e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico”. Além disso, a Lei n. 8.112/90, no seu artigo 5º, parágrafo 2º, criou uma reserva de mercado específica para os órgãos civis da União, autarquias e fundações públicas, federais, ao estabelecer que: “Às pessoas portadoras de deficiência é assegurado o direito de se inscrever em concurso público para provimento de cargo cujas atribuições sejam compatíveis com a deficiência de que são portadoras; para tais pessoas serão reservadas até 20% das vagas oferecidas no concurso”. A Lei n. 8.213/91, por sua vez, estabeleceu cotas compulsórias a serem respeitadas pelos empregadores na admissão e demissão de pessoas com deficiências. Conforme seu artigo 93, as empresas do setor privado que tenham mais de 100 empregados deveriam obedecer a cotas legais para contratar trabalhadores deficientes habilitados, a saber: a) de 100 a 200 empregados, 2%; b) de 201 a 500, 3%; c) de 501 a 1000, 4%; d) de 1001 ou mais, 5%.

Em muitos países, altas taxas de desemprego significam que há muita competição pelas vagas existentes. As pessoas deficientes que procuram emprego passam ainda por outros problemas tais como: geralmente lhes é negado o acesso à educação, ao treinamento profissional e muitos empregadores não os vêem por suas habilidades, mas só por suas deficiências. Até os trabalhadores acidentados não estão protegidos e podem perder o emprego. As pessoas com deficiências enfrentam obstáculos práticos para ir e chegar ao trabalho (barreiras arquitetônicas), devido ao mau planejamento urbano e ao projeto do edifício, e o sistema legal não protege seu direito ao trabalho, ou seus direitos como membros da comunidade. Trabalhar por conta própria é uma opção limitada não só pelos fatores já mencionados, mas, também, porque muitos deficientes não têm acesso a financiamento necessário para abrir seu próprio negócio (BRASIL, 1994b).

Nos países em que a educação primária não é obrigatória ou gratuita, muitas famílias se vêem obrigadas a arcar com as despesas da educação de um ou dois filhos, e a educação é um investimento que tem a finalidade de assegurar futuras oportunidades de emprego. Nesse contexto, o custo educacional do deficiente é visto como um investimento *sem retorno*.

Mesmo quando a criança portadora de deficiência recebe educação básica, é improvável que tenha a oportunidade de continuar os estudos porque, freqüentemente, os familiares acreditam que não conseguirá emprego mais tarde. Além disso, escolas regulares, e algumas instituições de capacitação profissional, não aceitam pessoas com deficiências ou não são capazes de fazer as adaptações necessárias. Por isso, há muita escassez de vagas em

escolas e centros de treinamento para elas. Esses centros especializados de reabilitação profissional podem desempenhar um papel fundamental para pessoas com deficiências graves. Mas também têm suas próprias limitações. Por exemplo, muitas vezes, os alunos que moram longe do centro de treinamento precisam de alojamento, e sua acomodação torna mais cara a administração do centro. Também, o aumento das taxas de desemprego significa que as oportunidades de trabalho estão se tornando cada vez mais limitadas, inclusive para deficientes com alguma habilidade específica, e muitas vezes suas habilidades não são baseadas nas necessidades do mercado de trabalho. Ainda, esses locais geralmente só aceitam estudantes com deficiências leves, que poderiam ser treinados nos centros regulares, necessitando de pequenas adaptações para seu treinamento.

Porém, está crescendo o número de deficientes aceitos nas instituições educacionais regulares, e têm sido também desenvolvidos métodos criativos de treinamento profissional comunitário. As *Oficinas Protegidas* prestam serviços às pessoas com deficiência grave ou múltipla, geralmente por meio de programas subsidiados e pelo sistema de trabalho por peça. Este tipo de oficina é vital para os severamente deficientes, porque os retira da reclusão em suas casas e lhes oferece oportunidade de ganhar algum dinheiro, usar sua criatividade e, assim, adquirir um sentimento de auto-estima. Às vezes, porém, essas oficinas têm sido transformadas em *guetos* de pessoas com deficiência, inclusive daqueles que poderiam estar inseridos em atividades econômicas regulares. Na pior das hipóteses, essas oficinas podem ser nada mais que locais de exploração de trabalho dessas pessoas em nome da *caridade*.

No caso dos *projetos de treinamento no local de trabalho*, os deficientes podem ter um salário enquanto participam desse processo. Esses projetos são programados de forma que, após a conclusão do treinamento, os alunos estejam treinados para ingressar como empregados ou trabalhar como autônomos. O tipo de treinamento depende quase sempre das necessidades do mercado de trabalho, ou de lacunas nesse mercado que podem ser preenchidas por trabalhadores autônomos. Muitos desses programas não costumam, entretanto, incluir treinamento em atividades comerciais que facilitariam as pessoas a optar pelo trabalho autônomo.

A categoria das *unidades de produção* inclui todas aquelas independentes e viáveis como trabalho autônomo, cooperativas ou oficinas de produção planejada – onde os ganhos não têm apenas a finalidade de subsistência, mas de gerar rendas regulares equiparadas com as do mercado. Os maiores obstáculos para o trabalho autônomo e o estabelecimento de negócios independentes são a falta de capital, autoconfiança e habilidades comerciais.

Embora numericamente escassas, são oferecidas algumas opções para a *capacitação das pessoas deficientes ao trabalho*. Dentre elas, encontram-se as oficinas protegidas de trabalho e centros de reabilitação e capacitação para o trabalho (MAZZOTTA, 1982). O objetivo das Oficinas chamadas Protegidas de Trabalho é gerar oportunidade de trabalho protegido para as pessoas deficientes e as incapacitadas emocionalmente, através de: emprego provisório, preparação e treinamento para o trabalho competitivo, e emprego à longo prazo para aquelas que possuem deficiência severa que não seriam capazes de obter uma colocação no mercado competitivo (NEVES, 1997). Porém, existem problemas legais envolvendo o trabalho provisório, pois, o deficiente encontra-se na condição de aprendiz e não como um trabalhador perante a lei. Esta mesma autora diz que as Oficinas Protegidas de Trabalho deveriam “estimular a cooperação no trabalho em conjunto, [...] educar o participante, buscando que desenvolva hábitos pessoais de independência e de convivência social e atitudes adequadas para o trabalho [...], quando possível deve oferecer a oportunidade de um emprego normal” (p.35). Outros tipos de problemas podem ser encontrados neste programa, tais como baixos recursos financeiros e alto custo na contratação de profissionais pela oficina. Por outro lado, a capacidade de produção da oficina é baixa, porque, na maioria das vezes, os trabalhadores que mais produzem ali são considerados como aptos a participar do mercado de trabalho, e ao mesmo tempo, o seu trabalho é explorado em empresas, que contratam serviços desses deficientes, e a mão de obra se torna mais barata.

A *capacitação para o trabalho* é “entendida como o desenvolvimento pleno dos potenciais da pessoa deficiente com vistas à sua inclusão social a partir do trabalho” (NEVES, 1997, p.11). Nos programas de habilitação, reabilitação e capacitação para o trabalho, a pessoa deficiente geralmente passa por um processo de treinamento para o trabalho produtivo. Centros de *reabilitação profissional* deveriam ser locais que favoreçam ou facilitem os deficientes físicos, mentais e os incapacitados emocionalmente a recuperarem suas capacidades para o trabalho.

O trabalho é a forma pela qual a pessoa atua e se insere na sociedade. Na medida em que as pessoas deficientes realizem um trabalho socialmente útil, elas terão suas atividades evidentemente inseridas no contexto social. O ideal, em relação à inclusão social do deficiente, é a sua colocação no mercado de trabalho competitivo, e isto corresponde a sua transformação em um indivíduo *normal*, não importa o tipo de deficiência que apresente, do ponto de vista social ele se transformou em um cidadão normal (CLEMENTE FILHO, 1977).

Ao se defrontarem com barreiras, falta de acessibilidade e sem oportunidades do convívio social, a maioria das pessoas com deficiências tende a viver isoladas e dependentes – incapazes de viver sem que outro interfira a todo o momento para decidir sobre o que deve ser ou não feito para elas. A acessibilidade deveria estar presente em todos os ambientes e não poderia ser só de responsabilidade do Estado. Cada organização administrativa deve conter seu programa de implantação da acessibilidade. Segundo GUIMARÃES (2000) os benefícios envolvidos com a remoção de barreiras superam os custos. A acessibilidade permite às pessoas deficientes trabalharem, estudarem e conviverem socialmente. Foi criada recentemente a rede SACI – Solidariedade, Apoio, Comunicação e Informação – que é uma rede de informações para deficientes auditivos e visuais, e que tem como ferramenta principal o uso da internet.

É fácil observar no cotidiano que a sociedade brasileira, de uma maneira geral, acentua ainda mais certas barreiras ou obstáculos arquitetônicos, quando não se dá a devida importância de certas adaptações necessárias ao acesso e ao transporte de pessoas com determinadas deficiências ou incapacidades. Alguns países passaram por experiências de consolidação legal para criar condições regionais viáveis de aplicações normativas de acessibilidades urbanas e sociais. O Departamento de Bem-estar Social de Cataluña, Espanha, apresenta um Guia Básico de um Plano de Acessibilidade Municipal (CATALUNYA, 2000), com o objetivo de reduzir as barreiras arquitetônicas. Nele, estão indicadas várias propostas vindas da própria sociedade, para que seja eliminada ou diminuída a grande parte dessas barreiras, tanto para deficientes que necessitam dessas facilidades, quanto para os idosos, obesos, mulheres grávidas e crianças. Esse guia básico foi articulado com profissionais que assessoram trabalhos nas áreas de arquitetura, urbanismo, transporte, serviços públicos, serviço social e tecnológica. Tal experiência traz luz sobre a possibilidade de sua realização no Brasil, utilizando-se de governos municipais e estaduais que incentivam a participação popular no orçamento. Ainda, não pode ser esquecido que cada secretaria nos municípios e estados conta com conselhos consultivos formados por cidadãos e profissionais de diferentes áreas. Se tais conselhos exercerem sua função de discussão e elaboração de normativas regionais para condutas nos níveis urbanos e sociais, como na província da Catalunha, seguramente haveria uma maior aplicabilidade legal, aceitação, compreensão e exercício por parte da sociedade, em relação as dificuldades enfrentadas por certas pessoas, quanto à acessibilidade.

A acessibilidade se torna uma realidade quando está presente entre os valores da vida. Ela revela um espírito aberto, uma mente disposta e moderna. Assim, pensar em acessibilidade não significa ser solidário com os problemas dos deficientes, mas ser ativo na melhoria da condição de vida de si próprio e dos seus semelhantes. A acessibilidade permite que todo um povo aprenda a se preparar para tais mudanças, e, por ela ocorre a chance de convívio entre as pessoas que antes viviam isoladas e distantes. O ensinamento é natural pelas simples trocas de experiências entre iguais, onde uma pessoa deficiente não depende de outra aparentemente sem deficiência para poder decidir como usar os recursos do espaço à sua volta, e que estão disponíveis para ambos na medida certa. De outro modo, o deficiente aprende que não precisa esperar ajuda de outros para desempenhar seu papel como cidadão, como trabalhador, como amigo e companheiro, como pai ou mãe de família, como pessoa madura que deve chegar a ser, exercendo sua cidadania e autonomia.

A autonomia é vista como a capacidade que a pessoa tem para se desenvolver, se reproduzir, para viver com as incertezas e certezas, para perceber sua auto-estima e o outro, e a sua representação como sujeito, criticamente, [...] “combinando o reforço do eu com a aprendizagem da dúvida, na recusa da alienação, da tutela, do controle” (ENRIQUEZ apud FALEIROS, 1999, p.62). O desenvolvimento da autonomia do sujeito implica na necessidade de verificar as relações de poder, o acesso, as relações de controle e uso da palavra, dos horários, dos temas, dos encaminhamentos, enfim, implica na busca do saber fazer, para poder viver para si no controle das próprias forças e de acordo com as próprias referências (FALEIROS, 1999).

Em pessoas deficientes, a conquista de certa autonomia pode representar a aprendizagem de novas condutas (TOLDRÁ, 1996). Requer a recuperação ou a capacitação de habilidades perdidas, ou de outras novas, e a adaptação de novas condições, e a substituição daquelas que são incompatíveis com a nova vida. O que determina a pessoa se sentir e estar capacitada, não capacitada, ou deficiente, se correlaciona principalmente com as noções de atividade e inatividade. Estar incluída na sociedade por meio de uma atividade significa a capacidade de conviver com as limitações no âmbito social, e, se sentir excluída da sociedade pela inatividade, significa a incapacidade de conviver com as limitações, o que ocasionaria insucesso na convivência social.

Diante das considerações acima citadas, é notável a importância dos estudos levados a cabo para o conhecimento e subsequente compreensão da problemática enfrentada por aquelas pessoas que são deficientes em relação a sua participação no mundo do trabalho. Existe,

então, a necessidade de reflexão sobre essa problemática, uma vez que a acessibilidade não está equilibradamente disponível a todos os cidadãos, o que fere a própria constituição que prevê que os deficientes são pessoas e cidadãos possuindo os mesmos direitos daquelas consideradas *normais*.



CAPÍTULO II

A PESQUISA: LEVANTAMENTO E COLETA

A vida é a mais importante de tudo, enquanto você não enxerga, você não anda, não consegue ouvir, falar, mas consegue viver, aproveite a vida naquilo que você pode aproveitar. Procura a vida naquilo que ela pode ser usufruída.

Ariano

2.1 Levantamento de instituições para o conhecimento dos programas de capacitação para o trabalho e para a localização de capacitandos deficientes

Inicialmente buscamos, via internet, levantar e localizar instituições ou programas de capacitação para o trabalho de deficientes físicos e/ou mentais, e de reabilitação de pessoas com deficiências físicas, tomando o cuidado de selecionar aquelas da região do estado de São Paulo que julgamos importantes para o nosso estudo¹. Dentre elas, detectamos a AGIR (Atendimento Global Integrado Renovado, São Paulo SP); a O Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo SP; o PADEF (Programa de Apoio á Pessoa Portadora de Deficiência no Mercado de Trabalho, da Secretaria do Emprego e Relações de Trabalho, São Paulo SP); o Sistema SORRI (Sociedade para Reabilitação e Reintegração do Incapacitado, Bauru, Campinas e Sorocaba SP); e o PLANFOR (Programa Nacional de Qualificação do Trabalhador/Ministério do Trabalho, Secretaria de Formação de Desenvolvimento Profissional – SEFOR, São Paulo SP).

Em seguida, incrementamos a listagem com outras instituições paulistas, por meio de informações de pesquisadores na área, distinguindo aquelas que capacitam deficientes mentais e aquelas que reabilitam deficientes físicos.

- *Instituições que capacitam deficientes mentais para o trabalho:* APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – dos municípios de Franca, Campinas, São Paulo e São Carlos); Fundação PESTALLOZZI (São Paulo); AGIR (São Paulo); PADEF (São Paulo); CEI (Centro de Educação Integrada, Franca); e Sistema SORRI dos municípios de Bauru, Sorocaba e Campinas.

¹ Podemos caracterizar no estudo em questão a **reabilitação** como processo de habilitar o indivíduo que sofre algum dano físico ou mental para ser inserido novamente na sociedade ou em novo trabalho; diz respeito ao desenvolvimento das capacidades adaptativas dessa pessoa. Capacitação como processo de habilitar a pessoa deficiente, seja física ou mental, para sua inserção na sociedade e no trabalho produtivo.

- *Instituições que reabilitam e capacitam deficientes físicos para o trabalho:* ADEFI (Associação de Deficientes Físicos, Franca); ABADEFI (Associação Batataense de Deficientes Físicos, Batatais); Centro de Reabilitação do Hospital das Clínicas (USP, São Paulo); Sistema SORRI (Bauru, Sorocaba, Campinas); AGIR (São Paulo); e AVAPE (Riacho Grande e São Bernardo do Campo).

2.2 Contato com instituições de capacitação e as que empregam deficientes

a) Instituições que desenvolvem programas de reabilitação e capacitação para o trabalho

Antes das primeiras coletas de informações sobre esses programas, foi enviado uma Carta de Apresentação às instituições, na qual estão descritos a finalidade da visita e o objetivo dessa pesquisa. As seguintes instituições abaixo se mostraram mais receptivas para o desenvolvimento das coletas de dados:

- APAE dos municípios de Franca, São Carlos e Ribeirão Preto;
- CEI em Franca;
- Sistema SORRI dos municípios de Bauru e Sorocaba;
- ADEFI em Franca;
- ABADEFI em Batatais, e
- Centro de Reabilitação do Hospital das Clínicas – USP, São Paulo.

O contato constante com essas instituições – por meio de telefonemas, e-mails, ou pessoalmente e de entrevistas com os profissionais, facilitou a localização dos sujeitos participantes do presente estudo.

b) Instituições que empregam trabalhadores com deficiências

Os entendimentos com as instituições ou empresas que contratam pessoas portadoras de deficiências se deram via telefonemas ou e-mails, com o diretor da empresa ou outra

pessoa indicada pela instituição de capacitação. Nesse contato, foi esclarecido o objetivo da pesquisa e verificada a possibilidade de entrevistar funcionários deficientes. Esperou-se, dessa forma, que a colaboração dessas empresas permitiria o avanço no estudo e a verificação de como esses funcionários têm enfrentado o mundo do trabalho.

O contato foi realizado com as seguintes empresas ou instituições:

- Supermercado Extra (São Carlos);
- Supermercado Pão de Açúcar (Ribeirão Preto);
- Correio e Telégrafos (Batatais e Franca);
- Fábrica de calçados FREEWAY (Franca);
- Fábrica de sucos (Bauru);
- Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Franca;
- Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de História, Direito e Serviço Social (Franca);
- Indústria de Cosméticos MSA (Franca);
- Universidade de Franca – UNIFRAN (Franca), e
- Colégio de Ensino Fundamental e Médio Jesus Maria José (Franca).

2.3 As entrevistas com profissionais das instituições de capacitação profissional

Para a coleta de informações, que levou ao conhecimento de programas das instituições que capacitam os deficientes físicos e/ou mentais para o trabalho, foram elaborados os seguintes temas para a entrevista:

1. Instituição: histórico, objetivos, recursos econômicos para a sua manutenção, administração, organograma e funcionamento;
2. Nome do diretor ou presidente da instituição;
3. Os programas desenvolvidos na instituição;

4. Principais características das atividades relacionadas com a capacitação para o trabalho e seus resultados - inserção no mercado de trabalho;
5. Equipe multidisciplinar/multiprofissional responsável pela orientação desses programas;
6. Perfil dos capacitandos: número, idade, sexo e a deficiência apresentada;
7. Procedência e motivos da busca da instituição pela família ou pela própria pessoa deficiente;
8. Número de deficientes que freqüentando os programas buscam uma colocação no mercado de trabalho;
9. Numero de deficientes masculinos e femininos que desenvolvem o programa de capacitação profissional;
10. Número/porcentagem dos capacitandos que desistem dos programas; e
11. Data de início da instalação do programa de capacitação e/ou reabilitação na instituição.

2.4 As entrevistas com as pessoas com deficiências

A proposta de se eleger a entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados deveu-se ao fato de que ela permitiria um relacionamento mais informal com o entrevistado, podendo, no seu desenvolvimento, formular novas questões ou reformular as já estabelecidas, procedimento que, em muito, propiciarão maior conhecimento da realidade a ser conhecida, segundo Minayo (1989).

a) Em programas de capacitação profissional

Para o levantamento de informações que conduziriam ao estudo das expectativas de deficientes em relação à sociedade, às questões de acessibilidade, à sua participação e enfrentamento do mundo do trabalho, foram elaborados e definidos os seguintes temas da entrevista:

1. Identificação;
2. Data da matrícula e nascimento, motivo da busca ao programa, e quem o encaminhou;
3. Atividades que desenvolve na instituição;
4. Conhecimento a respeito de trabalho;
5. Expectativas em relação ao emprego;
6. Expectativas em relação à sociedade e à vida futura;
7. O saber/pensar sobre a política e a sociedade atualmente. O viver na sociedade, e o brasileiro no mundo do trabalho. Conhecimento e compreensão a respeito da qualidade de vida de forma geral;
8. Sua representação: ser deficiente, treinando da instituição, possuir alguma deficiência, as dificuldades enfrentadas, etc.; e
9. Seus comentários finais a respeito da participação na entrevista e de uma forma geral do assunto destacado.

b) Colocadas no mercado de trabalho

Para a análise das estratégias e ferramentas que essas pessoas utilizam para enfrentar o mundo do trabalho, e como se dá esse enfrentamento, foram elaborados e definidos os seguintes temas:

1. Identificação;
2. Tempo no emprego, função e formas utilizadas para a sua colocação;
3. Desenvolvimento de seu trabalho na empresa;
4. Dificuldades enfrentadas no trabalho/empresa;
5. Conhecimento e perspectivas a respeito do trabalho;
6. Expectativas em relação à sociedade e à vida futura;
7. O saber/pensar sobre a política e a sociedade atualmente. O viver na sociedade, e o brasileiro no mundo do trabalho. Conhecimento e compreensão a respeito da qualidade de vida de forma geral;
8. Sua representação: ser deficiente, possuir alguma deficiência, as dificuldades enfrentadas no trabalho, etc.; e
9. Seus comentários finais a respeito da participação na entrevista e de uma forma geral do assunto destacado.

Através de estudos já realizados, disponíveis na literatura, tentou-se levantar algumas reflexões a respeito do presente tema. É possível supor que as pessoas deficientes capacitadas podem ter dificuldades para a sua inclusão no mundo do trabalho, geralmente relacionadas a (i) insegurança/segurança quanto ao futuro emprego, (ii) autonomia para a busca de colocação/emprego, para seu deslocamento e acesso ao local de trabalho, e, (iii) competitividade, estabilidade/instabilidade e renda. E, os que já se encontram laborando, provavelmente poderiam estar se deparando com: (i) insegurança e estabilidade/instabilidade no emprego, (ii) desemprego, competitividade, lucro na economia globalizada, (iii) autonomia para a busca de colocação, dificuldades para seu descolamento e acesso ao local de trabalho, e (iv) dificuldades no relacionamento com colegas de trabalho e com o próprio empregador.

A photograph of a woman with dark hair, wearing a colorful patterned top, sitting in a wheelchair. She is in a room with a wooden desk, a mirror on the wall, and a wooden cabinet. The image is slightly faded and serves as a background for the text.

CAPÍTULO III OS RESULTADOS

... depois que eu parei por causa da deficiência, tive um crescimento muito grande, não que eu era desumano. Passei a olhar a outra face da moeda, comecei a ver o mundo com outros ângulos. Para mim têm duas maneiras de se ver o meu problema. Ou eu o abraço e vivo com ele, ou eu fujo dele, e para fugir eu teria que morrer, sumir.

Luciano

3.1 Descrição dos resultados dos contatos e das entrevistas

3.1.1 Levantamento e visitas às instituições de capacitação profissional

Foram selecionadas algumas instituições paulistas para visita, consideradas importantes para a presente investigação, segundo as características de cada uma, conforme listagem abaixo:

a) Instituições que capacitam deficientes mentais para o trabalho:

- APAE – Franca
- APAE – São Carlos
- APAE – Ribeirão Preto
- SORRI – Bauru
- CEI – Franca
- SORRI – Sorocaba

b) Instituições que reabilitam e capacitam deficientes físicos para o trabalho:

- ADEFI – Franca
- SORRI - Bauru
- ABADEFI – Batatais
- Centro de Reabilitação do HC da USP – São Paulo
- Sociedade Francana de Instrução e Trabalho para Cegos – Franca
- SORRI – Sorocaba

Nessas instituições que capacitam e reabilitam deficientes físicos e mentais, acima citadas, foram realizadas entrevistas com alguns profissionais, assistente social, psicóloga e pedagoga, disponíveis no momento da visita. Assim foram obtidas as primeiras informações sobre os programas ali desenvolvidos. Pode também ser iniciado o processo de conhecimento

e seleção dos deficientes que participam desses programas, para serem entrevistados. As entrevistas com os profissionais das instituições foram gravadas e posteriormente transcritas, e, em seguida, foi elaborado um banco de dados organizando todas as informações por nós obtidas, possibilitando melhor visualização e análise das mesmas.

Instituição (1): Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE - Franca, SP.

Tipo de Instituição: filantrópica de atendimento a deficientes mentais.

Endereço: Av. D. Pedro I, 100. Franca, SP.

Telefone: 16 727 2188.

Responsável: Diretora: Nilra Aparecida Costa Agostini

Mantenedoras: APAE e Prefeitura Municipal de Franca.

Pessoa para contato: assistente social Gisele Gaudiano Braguetto de Oliveira

Equipe Profissional: 1 coordenadora de relações públicas, 2 dentistas, 1 neurologista, 4 assistentes sociais, 8 fonoaudiólogas, 10 fisioterapeutas, 3 auxiliares de fisioterapia, 33 professores, 3 coordenadoras pedagógicas, 1 pediatra, 1 endocrinologista, 3 psicólogos, 1 monitor de música.

Trabalhos e serviços desenvolvidos: educação precoce, educação infantil, pré-escola, centro de convivência psicossocial, oficina escolar, programa de fonoaudiologia, de fisioterapia, assistência médica, psicológica e dentária.

Atividades de capacitação: Estágio em oficina de trabalho a partir de 14 anos de idade; trabalho manual e artesanato; trabalho de horticultura; atividade acadêmica. Os deficientes que exercem algum tipo de atividade são remunerados.

Capacitandos: deficientes mentais, auditivos com deficiência mental associada, visuais com deficiência mental associada, e deficientes de aprendizagem.

Nº e % de deficientes masculinos em capacitação: 10 - 70%.

Nº e % de deficientes femininos em capacitação: 4 - 30%

Início de funcionamento do programa de capacitação na instituição: início de 1995

Instituição (2): Associação de Deficientes Físicos de Franca. - ADEFI

Tipo de Instituição: filantrópica de atendimento a deficientes físicos.

Endereço: Rua Amapá, 1062. Franca, SP.

Telefone: 16 723 7794.

Responsável: Diretora: Maria José Jesus Monçon

Mantenedora: Prefeitura Municipal de Franca.

Pessoa para contato: Maria José Jesus Monçon

Equipe profissional: 1 fisioterapeuta, 1 pedagoga, 1 assistente social.

Trabalhos e serviços desenvolvidos: Recadastramento de deficientes físicos. Projeto inicial de capacitação profissional.

Atividades de capacitação: não há atividades de capacitação por falta de clientela.

Capacitandos: deficientes físicos.

Nº e % de deficientes masculinos cadastrados: 80 - 40%.

Nº e % de deficientes femininos cadastrados: 120 - 60%.

Início de funcionamento do programa de capacitação na instituição: ano de 2000

Instituição (3): Filantrópica de atendimento a deficientes mentais.

Endereço: Av. Prof. Luiz Augusto de Oliveira, 465. São Carlos, SP.

Telefone: 16 271 1318.

Responsável: Presidente Nildred Baptiston Passeri

Mantenedores: Secretaria da Criança., Família e Bem Estar, Secretaria de Educação, Prefeitura Municipal, Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação, Conselho Estadual de Auxílio e Subvenções.

Pessoa para contato: Professor Antonio Carlos Matos

Equipe profissional: 39 professores, 2 dentistas, 1 terapeuta ocupacional, 3 médicos, 1 coordenadora pedagógica, 2 fisioterapeutas, 1 assistente social, 2 fonoaudiólogas, 1 psicóloga.

Trabalhos e serviços desenvolvidos: avaliação e diagnóstico (triagem da clientela), educação especial e educação para o trabalho.

Atividades de capacitação: Oficinas pré-profissionalizantes a partir de 14 anos, com atividades de artes, pintura, bordado, marcenaria, sapataria, artesanato e tapeçaria; atividades de treinamento, com vistas a ocupação e preparação para o trabalho.

Capacitandos: pessoas com deficiência mental; com deficiência auditiva e visual com deficiência mental associada; deficiência educacional.

Nº e % de deficientes masculinos em capacitação: 62 - 71,26%

Nº e % de deficientes femininos em capacitação: 25 - 28,73%

Início de funcionamento do programa de capacitação na instituição: início de 1962

Instituição (4): Sociedade para a Reabilitação e Reintegração do Incapacitado - SORRI.**Tipo de Instituição:** filantrópica de atendimento a deficientes mentais e físicos.**Endereço:** Av. das Nações Unidas, 5340. Bauru, SP.**Telefone:** 14 230 3677**Responsável:** Presidente: João Carlos de Almeida**Mantenedores:** órgãos governamentais e particulares, recursos próprios através de campanhas e eventos.**Pessoa para contato:** Professora Gina Mitsunaga**Equipe profissional:** 2 assistentes sociais, 1 enfermeira, 3 psicólogas, 2 terapeutas ocupacionais, 1 fisioterapeuta, 10 professores, instrutores de cada setor, 1 coordenadora de reabilitação, 1 fonoaudióloga, 1 médico.**Trabalhos e serviços desenvolvidos:** triagem da clientela, educação básica, reabilitação profissional, serviços de apoio, desenvolvimento de produtos especiais, projetos comunitários.**Atividades de capacitação:** Atividades de integração social através do trabalho e seu treinamento. Atividades de fabricação de jogo de monofilamentos.**Capacitados:** pessoas com deficiência física, mental, auditiva e visual parcial e com hanseníase.**Nº e % de deficientes masculinos em capacitação:** 22 – 64%**Nº e % de deficientes femininos em capacitação:** 12 – 36%**Início de funcionamento do programa de capacitação na instituição:** início de 1977.**Instituição (5): Centro de Educação Integrada - CEI.****Tipo de Instituição:** filantrópica de atendimento a deficientes mentais.**Endereço:** Rua Prudente de Moraes, 426. Franca, SP.**Telefone:** 16 723 7014.**Responsável:** Coordenadora Profa. Cecília Del Bianco**Mantenedoras:** Prefeitura Municipal e a própria CEI.**Pessoa para contato:** Professora Cecília Del Bianco**Equipe profissional:** 1 fonoaudióloga, 1 psicóloga, 6 professores especializados em deficiência mental, 1 professor de educação física, 1 professora de música, 1 pedagoga, 1 guarda mirim.**Trabalhos e serviços desenvolvidos:** musicalização; sociabilização, desenvolvimento físico, sensorial e mental; programa educacional e social para o desenvolvimento do comportamento grupal, interesse, memorização; capacitação profissional.**Atividades de capacitação:** tapeçaria, cozinha experimental e pintura em tecido. Programas de capacitação e treinamento profissional com o objetivo de participação no mercado de trabalho.**Capacitados:** pessoas deficientes mentais, deficientes visuais com deficiência mental associada; deficiência auditiva com deficiência mental associada, deficientes físicos com deficiência mental associada.**Nº e % de deficientes masculinos em capacitação:** 60 – 55,55%**Nº e % de deficientes femininos em capacitação:** 48 – 44,45%**Início de funcionamento do programa de capacitação na instituição:** início de 1995**Instituição (6): Associação de Pais e amigos dos excepcionais – APAE de Ribeirão Preto.****Tipo de Instituição:** filantrópica de atendimento a deficientes mentais.**Endereço:** Coracy de Toledo Pizza, 571 – Ribeirão Preto, SP**Telefone:** 16 6242557**Responsável:** Diretora Ana Luiza Souza Cintra Magri**Mantenedoras:** Prefeitura Municipal e doações – telemarketing**Pessoa para contato:** Psicóloga Anadini Lucia Abraão**Equipe profissional:** 4 fonoaudiólogas, 4 psicólogas, 2 assistentes sociais, 1 assistente de direção, 1 coordenador pedagógico, 1 dentista, 1 diretor escolar, 1 diretora técnica, 1 enfermeira, 7 fisioterapeutas, 1 médico fisiatra, 1 médico neurologista, 1 terapeuta ocupacional, 47 professores.**Trabalhos e serviços desenvolvidos:** atendimento psicossocial e de estimulação, educação infantil, educação compensatória, oficinas pedagógicas e de produção com atividades manuais de caráter educativo e preparação para trabalho produtivo, centro de convivência, lares com atividades curriculares dos programas pedagógicos, projetos especiais de equoterapia, botox, grupo de disfagia, de dança, de mães, biblioteca e brinquedoteca.**Atividades de capacitação:** preparação para o trabalho em nível de internato, com estágio de funções como auxiliar de almoxarifado, auxiliar de secretaria, auxiliar de dentista e de serviços externos. Contato e cadastramento de empresas que oferecem estágios para capacitados para um futuro emprego.**Capacitados:** pessoas com deficiência mental e de linguagem, problemas educacionais**Nº e % de deficientes masculinos em capacitação:** 6 – 75%**Nº e % de deficientes femininos em capacitação:** 2 – 25%**Início de funcionamento do programa de capacitação na instituição:** em outubro de 1999

Instituição (7): Associação Batataense dos Deficientes Físicos - ABADEFI**Tipo de Instituição:** filantrópica de atendimento a deficientes físicos.**Endereço:** Avenida dos Andradas, 43 – Batatais, SP**Telefone:** 16 7614323**Responsável:** Diretor Carlos Roberto de Oliveira**Mantenedores:** Governos federal, estadual e municipal**Pessoa para contato:** Assistente Social Delma Abirached**Equipe profissional:** 1 diretora, 1 presidente da Associação, 3 fisioterapeutas, 1 psicólogo, 1 fonoaudiólogo, 1 assistente social, 1 musicoterapeuta, 1 professor de alfabetização, 4 instrutores das áreas de computação, artesanato, pintura e crochê.**Trabalhos e serviços desenvolvidos:** trabalhos laboratoriais, fisioterápicos, fonodialegia, psicologia, serviço social e musicoterapia e programas de habilitação e reabilitação do deficiente físico.**Atividades de capacitação:** trabalho profissionalizante nas áreas de computação, artesanato, pintura e crochê.**Capacitandos:** pessoas com deficiência física, com exceção da auditiva e da visual**Nº e % de deficientes masculinos em capacitação:** 98 – 50%**Nº e % de deficientes femininos em capacitação:** 98 – 50%**Início de funcionamento do programa de capacitação na instituição:** desde 1989**Instituição (8): Sociedade para a Reabilitação e Reintegração do Incapacitado - SORRI****Tipo de Instituição:** filantrópica de atendimento a deficientes físicos, auditivos, mentais e a hanseníase.**Endereço:** Rua D PedroII, 95, Sorocaba, SP**Telefone:** 15 2316956**Responsável:** Presidente Profa. Zoica Pakirtzief**Mantenedoras:** Convênios com empresas e instituições, AIFO, SEBRAI**Pessoa para contato:** Profa. Zoica Pakirtzief**Equipe profissional:** para cada curso, 2 instrutores, professor de educação física, do ensino médio e pedagoga. Contam diariamente com 1 secretária apenas.**Trabalhos e serviços desenvolvidos:** cursos de capacitação de empreendedores, com o objetivo de desenvolver habilidades necessárias para o capacitando ser um microempresário autônomo ou se incluir no mercado de trabalho como funcionário, cursos de informática, e a educação da sociedade através da Turma do Bairro (teatro de Bonecos)**Atividades de capacitação:** curso de capacitação de empreendedores e depois do curso acompanhamento dos capacitandos nas suas atividades na forma de consultoria e assessoria.**Capacitandos:** pessoas com ou sem deficiência física, mental e aditiva desempregadas**Nº e % de deficientes masculinos e femininos em capacitação:** Não há número fixo de capacitandos, depende dos cursos oferecidos durante ano**Início de funcionamento do programa de capacitação na instituição:** desde 1998**Instituição (9): Sociedade Francana e Instrução e Trabalho para Cegos – Franca, SP****Tipo de Instituição:** Filantrópica de atendimento educacional e profissional a deficientes visuais - cegos**Endereço:** rua Santa Catarina, 802**Telefone:** 16 37259228**Responsável:** Presidente Sergio Francisco Lima**Mantenedoras:** Convênios com a Prefeitura Municipal e empresas calçadistas**Pessoa para contato:** Assistente Social: Rosangela Valério Coelho**Equipe profissional:** 1 professor de informática, 1 professor de educação física, 1 fonoaudióloga, 1 psicóloga, 1 professor de espanhol, 1 professor de inglês, 1 professor de braille, 1 assistente social, 2 professores de reforço escolar, 1 professor de orientação e mobilidade,**Trabalhos e serviços desenvolvidos:** trabalho educacional/adaptação a crianças, jovens e adultos e capacitação profissional para adultos**Atividades de capacitação:** educacional, informática e cartonagem**Capacitandos:** pessoas com deficiência visual**Nº e % de deficientes masculinos e femininos em capacitação:** 30 – 50% sexo masculino; 30 – 50% sexo feminino**Início de funcionamento do programa de capacitação na instituição:** desde 2000/2001

3.1.2 As entrevistas com as pessoas com deficiências

A proposta de se eleger a entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados se deve ao fato de que ela nos permite um relacionamento mais informal com o entrevistado, podendo no seu desenvolvimento formular novas questões ou reformular as já estabelecidas, procedimento esse que, em muito, propiciará maior conhecimento da realidade a ser investigada, segundo Minayo (1989).

a) Em programas de capacitação para o trabalho

As entrevistas foram realizadas na própria instituição, a pedido dos seus profissionais. Para preservar a individualidade de cada entrevistado, bem como para propiciar respostas mais originais, estes serão identificados no presente estudo por nomes fictícios.

Por meio da transcrição das entrevistas, foi delineado o perfil de cada pessoa com deficiência em capacitação para o trabalho (TABELA 1), e posteriormente iniciou-se a descrição e a análise dos relatos orais.

TABELA 1. Perfil das pessoas com deficiência em capacitação profissional

Capacitando	Escolaridade	Tipo de deficiência	Idade	Local da Capacitação	Função atual (atividades)	Tempo na instituição
GABRIEL	Fundamental incompleto	Síndrome de Down	23	Centro de Ed. Especial	artesanato e música	09 anos
MANUEL	Médio incompleto	mental	31	APAE	horta	21 anos
HOMERO	Fundamental incompleto	física	19	SORRI	artesanato	1 ano
IVANA	Fundamental incompleto	mental	19	SORRI	artesanato	3 anos
ALEX	Médio completo	física	22	ABADEFI	Pintura e computação	3 anos
HÉLIO	Superior	física	26	SORRI	Participante do curso de empreendedor	2 anos
MARLENE	Fundamental incompleto	mental	19	APAE	office girl	7 anos
MAURO	Médio completo	física	50	SORRI	Participante do Curso de empreendedor	2 anos
MELISSA	Fundamental completo	física	45	SORRI	Participante do Curso de empreendedor	3 anos
JAMES	Fundamental incompleto	visual	30	Sociedade dos Cegos	Massagista, montador de caixas de sapato e cobrador	16 anos
JOANA	Médio completo	visual	25	Sociedade dos Cegos	Informática e participante dos treinos de natação e Golboll para campeonatos	6 meses

b) Inseridas no mercado de trabalho

As entrevistas foram realizadas na empresa que trabalham ou na residência do deficiente, conforme o combinado com antecedência.

Também, nesse caso, foram utilizados nomes fictícios para identificar cada pessoa entrevistada. Por meio da transcrição, foi descrito o perfil de cada pessoa com deficiência já colocada no mercado de trabalho (TABELA 2), e, posteriormente, foi realizada a análise dos relatos orais.

TABELA 2. Perfil dos trabalhadores com deficiências

Empregado	Escolaridade	Tipo de deficiência	Idade	Trabalho/local	Função	Tempo no trabalho
JOEL	Médio completo	física	37	Universidade Estadual	secretário executivo	20 anos
MARIETA	Superior	física	42	Universidade Particular	professora de História	20 anos
LÚCIO	Médio incompleto	mental	18	Indústria de cosméticos	produção – impressor de etiquetas	3 meses
LILIANA	Médio completo	física	29	Colégio de ensino Infantil, Fundamental e Médio	secretária	6 meses
WILSON	Médio completo	física	26	Supermercado Extra	locutor	2 anos e 6 meses
MARIANO	Fundamental incompleto	física	23	Fábrica de sucos	embalador de sucos	1 ano
MARIANA	Fundamental completo	física	47	Vendedora autônoma	vendedora	4 anos
LUCIANO	Médio completo	física	52	Contador autônomo	contador	5 anos
DEMÉTRIO	Fundamental incompleto	mental	20	Supermercado Pão de Açúcar	empacotador	3 meses
ARIEL	Médio completo	visual	21	Correio	computação e registro de cartas	6 meses
MARLAN	Médio completo	física	41	Empresa de calçados Freeway	técnico da Segurança do Trabalho	3 anos e 9 meses
ARIANO	doutorado	visual	53	Arquivo Histórico da Prefeitura	administrador do Arquivo Histórico	5 anos

3.2 Descrição e análise dos relatos orais das pessoas com deficiências

3.2.1 Em capacitação profissional

a) Conhecimento a respeito do trabalho²

GABRIEL, capacitando de 23 anos de idade, há oito anos estuda na APAE, veio para essa instituição aos 14 anos, encaminhado pela escola onde estudou até a 8^a série do Ensino Médio, para aprender a fazer alguma coisa como tecelagem e arte. É solteiro e irá se casar em breve. Realiza atualmente trabalho de tecelagem, bordado e pintura na instituição, canta no coral e faz curso de violão. Tem alguma noção de trabalho, pois ele tem sonhos de conseguir algum emprego e vê no trabalho algo importante:

*Meu projeto é trabalhar fora, cantar, é meu sonho desde criança. Agora sou cantor de verdade, pois todo fica espalhando que sou a dupla Leandro e Fabrício [...] Trabalhar é bom, eu gosto muito [...] para não ficar em casa sem fazer nada [...]*³.

MANUEL, capacitando de 31 anos de idade, é solteiro e há 21 anos frequenta a APAE, veio para a instituição aos 10 anos, encaminhado pela psicóloga e fonoaudióloga da escola onde estudou até a 2^a série do Fundamental, pois, conforme seu relato, as pessoas estavam com medo de que ele não sabia nada em outra escola. Realiza atualmente atividades na horta da instituição. Relata a importância do trabalho e do dinheiro e como seria esse trabalho:

Trabalho é para ajudar uns aos outros. Ter dinheiro, muito dinheiro, sem dinheiro você não é nada. O trabalho é super importante porque ajuda demais as pessoas, a levantar o ânimo das pessoas [...], Tem que pegar bem mesmo o serviço. Trabalhar bem no serviço. Se o chefe falar que não está bem no serviço, não trabalha certo no serviço, não está dando certo no serviço.

² É importante explicitar que descritas ou transcritas a fala ou as frases proferidas por cada relator, obedecendo a temas sugeridos para a análise de dados: conhecimento a respeito de trabalho, expectativas em relação ao emprego, à sociedade e à vida futura, o que pensa a respeito da sociedade, da política, como é a vivência no mundo do trabalho e sua compreensão a respeito da qualidade de vida e a representação de ser deficiente ou de sua deficiência.

³ As falas dos entrevistados serão apresentadas em itálico para ficarem mais destacadas em relação às citações.

HOMERO, capacitando de 19 anos de idade, é solteiro e há um ano frequenta a SORRI. Nasceu aos 6 meses, ficou algum tempo na incubadora, adquiriu uma espécie de paralisia generalizada, e hoje, depois de várias fisioterapias, anda com muletas e se comunica com mais facilidade. Participa atualmente na confecção de cestas e nas atividades do coral, e estuda a 2ª série do Ensino Fundamental na instituição. Parece que fala do trabalho como uma maneira de ser reconhecido fora da instituição, no mercado de trabalho:

O trabalho para mim, eu acho muito bom, sabia? Fazer as coisas para fora. No trabalho você aprende muitas coisas para fora: se você estiver trabalhando, tem que ter carteira assinada, tem que fazer um currículo para tentar entrar em locais de trabalho. Eu acho muito bom trabalhar. A gente lá fora é chamada de louco pela maioria que não conhece o outro lado da moeda. Mas eu não ligo não, sou feliz do jeito que eu sou. O trabalho é importante para as pessoas que não tem a cabeça igual à gente, é bom andar junto com eles. Aí muda bastante.

IVANA, capacitanda de 19 anos de idade, é solteira e há três anos é aluna da SORRI. Estudou até a 3ª série do Fundamental em outra escola e veio para a instituição encaminhada pela psicóloga porque possui dificuldade de aprender desde a 1ª série, onde tinha disritmia que a fazia esquecer do que aprendia. Atualmente estuda a 4ª série do Fundamental e participa na confecção de cestas de jornal na instituição. Diz que trabalhar é bom para evitar brigas na hora de precisar de dinheiro, além do compromisso que o trabalho sugere:

Chegar na hora certa. Se você tiver uma folga e seu patrão telefonar, aí tem que ir trabalhar. Daí você ganha mais. Se trabalho mais, eu ganho mais. Bater cartão certo, na hora certa... Eu gosto muito de trabalhar. Porque eu gosto de trabalhar? Não gosto de ficar dentro de casa. Porque as mulheres hoje estão trabalhando para fora mais que os homens. Eu não quero ser dona de casa. Trabalhar é bom faz muito bem pra saúde. Porque você tem seu dinheiro para sair, para passear, se divertir. Daí não briga muito.

ALEX, capacitando de 22 anos de idade, é solteiro e frequenta a ABADEFI há três anos. Com a idade de 16 anos sofreu um acidente de automóvel. Sofreu traumatismo craneoencefálico, ficando em coma por 42 dias. Fez tratamento fisioterápico e fonoaudiólogo. Após alguns tratamentos tentou voltar a estudar, mas não conseguia escrever. Depois tentou supletivo e escola normal. Seu pai o encaminhou para a ABADEFI para realizar alguns cursos. Atualmente desempenha atividades de pintura e computação na instituição. Para Alex, trabalho é uma forma de buscar uma ocupação ou emprego:

A gente ouve falar que trabalho está muito difícil para qualquer um. Eu mesmo fui atrás de emprego. Fiquei sabendo de emprego através do rádio e da minha mãe.

HÉLIO, capacitando de 26 anos de idade, é solteiro e há três anos frequenta a SORRI. Possui uma lesão medular e deficiência física, devido a um acidente de carro que sofreu em 1994. É graduado e atualmente, realiza o curso de empreendedor na SORRI, com a finalidade de trabalhar por conta própria e ter sua própria empresa ou investimento. Estuda também para prestar concursos. Fala do trabalho como algo de difícil acesso e muito competitivo:

Mercado de difícil acesso, uma selvageria. Porque se formam muitas pessoas, principalmente direito e administração, que está cada vez mais concorrido para uma vaga. Você tem de estar sabendo de cursos, tem que saber de tudo na visão global das coisas, no surgimento de emprego, como as coisas acontecem, para se ter um pouco mais de chance.

MARLENE, capacitanda de 19 anos, é solteira e há sete anos frequenta a APAE. Veio para a instituição encaminhada pelos profissionais de uma escola normal, onde não conseguia acompanhar os alunos e escrever com a letra cursiva. Atualmente, estuda e auxilia na fabricação de tapete. Realiza atividades de *Office Girl* na CETESB. Marlene fala sobre trabalho como atividade normal e de aprendizagem para fazer algo, além de outras funções:

Para mim é normal. Já me acostumei a trabalhar. Acho normal. Eu gosto de trabalhar. Porque às vezes eu ajudo a minha mãe em casa. Eu cozinho e passo roupa, lavo roupa para ela. Eu gosto mais do trabalho na CETESB. Porque lá tem um pessoal muito bacana. Converso com o pessoal. O trabalho é bom, é coisa boa. Eu recebo um salário. Quanto eu não sei, eu levo para casa. Recebo por hora de estágio. Tenho que chegar na hora certa. Bater o ponto. Comprei um guarda roupa para minha mãe com o dinheiro que ganhei. É bom ganhar salário, é útil. Minha mãe paga as contas. O pessoal lá dá muita atenção. Se você quer fazer alguma coisa e perguntar para eles, eles sempre ajudam. Não ia trabalhar de graça. Trabalho, eles ensinam a gente a fazer as coisas. Trabalho é aprender e fazer.

MAURO, capacitando de 50 anos de idade, casado, dois filhos, há dois anos participa das atividades da SORRI. Possui uma deficiência física nos pés, a qual o faz mancar ao andar. Aos 25 anos se aposentou por incapacidade física. Sua formação escolar é Ensino Médio completo e atualmente realiza cursos de empreendedor e de trabalho informal nessa instituição para dar continuidade ao seu investimento no escritório de contabilidade. Mauro destaca aspectos da globalização e desemprego quando fala sobre trabalho:

Hoje no Brasil, que é uma exceção, o problema do desemprego está generalizado. O mundo está em crise, devido à globalização que é mais uma concorrência. E esta concorrência gerou desemprego. No Brasil, gerou muito desemprego, se reclama muito porque o pegou desestruturado. Primeiro, não se priorizou a escola e a educação. Nessa globalização veio a era da informatização, entrou com a população despreparada para driblar isso aí. Hoje qualquer emprego que se

procura necessita de pessoas escolarizadas. Penso que na escola não é o professor que está errado e sim os princípios.

MELISSA, capacitanda de 45 anos de idade, é casada, tem três filhos e há três anos frequenta a SORRI. Tem uma deficiência no pé direito, caracterizada por osteoporose, deformação no osso, desde o nascimento. Morava em uma cidade pequena e por falta de orientação a doença foi se agravando. Realizou o primeiro tratamento aos 18 anos. Depois de algumas cirurgias, hoje anda sem dificuldades utilizando bota ortopédica. Tem formação escolar completa no fundamental e atualmente realiza cursos de empreendedor na SORRI, para, segundo ela, aprender a fazer uma meta de tudo que esteja relacionado com o trabalho autônomo. Melissa relata sobre trabalho como uma necessidade e, quem sabe, gerador de renda:

Trabalho é assim: eu trabalhava por conta própria, parece que não rendia. Não via gerar renda. Trabalhava com vendas – vendia ficha de ônibus, depois passei a vender salgadinho, depois verduras. Depois que vim para SORRI eu estava pensando em montar produtos de limpeza, daí eu fui trabalhar com minha irmã, para juntar um capital para começar. Mas não deu certa a sociedade. Daí eu comecei com um brechó informal, não deu certo porque o prefeito tirou de todos os trabalhadores. Ele tirou porque era informal. Não quis mais saber disso, ele achou que as barraquinhas não ficavam bem ali no local. [...] Mas eu quero é mesmo montar uma produção de produtos de limpeza. Eu sei que vou chegar até lá.

JAMES, capacitando de 30 anos de idade, tem uma filha, é solteiro, tem formação escolar incompleta no ensino Fundamental. Há 16 anos participa do programa de capacitação profissional da Sociedade dos Cegos. Buscou a entidade porque, segundo ele, queria um lugar para estudar e para aprender a conviver com a sua deficiência. Conta que perdeu a visão aos 13 anos. Aos 11 anos estudava em uma escola pública em São Paulo. James revela que ao brincar de desalinhar o cabelo de seu colega, recebeu uma pedrada em um de seus olhos. Seu olho adoeceu e não fazendo o devido tratamento, a doença passou para o outro. Com o tempo, houve deslocamento da retina dos dois olhos. Na época, morava na FEBEM de Batatais, SP, e, aos 14 anos de idade, foi encaminhado pela assistente social da instituição para a Sociedade dos Cegos. Atualmente, na entidade, exerce atividades de massagista e montador de caixas de sapatos para as empresas calçadistas de sua cidade. James, parecendo muito interessado, relata sua perspectiva sobre trabalho. É importante observar que destaca a independência como possivelmente o principal fundamento do trabalho:

Trabalho é uma independência financeira, um objetivo e um direito de sonhar, de querer algo melhor. Vejo o trabalho como necessidade também, mas eu acho mais importante a independência financeira. A gente não trabalha por prazer, mas por essa necessidade. Não há um lazer. Se eu pudesse parar de trabalhar eu parava [...].

JOANA, capacitanda de 25 anos de idade, solteira, tem um filho, tem formação escolar completa no ensino Médio. Nasceu com a visão, reduzida devido a doença toxoplasmose adquirida pela sua mãe na gestação. Possui visão subnormal amblíope – enxerga de 12 a 15 % com correção, com o uso de óculos. Joana conta que com poucos meses de idade, sua avó percebeu que tinha algum problema de visão. Levaram no médico, e os exames apontaram cicatriz na retina, miopia e outros. Na época, há 25 anos atrás, o diagnóstico médico não era exato, e somente com a idade de 15 anos que a toxoplasmose foi apontada como causadora de seu problema. Disse que recebeu estimulação visual quando criança e durante sua permanência no Instituto para Cegos de Uberaba, SP, o que a levou a saber usar a visão que tem. Revela que identifica melhor objetos pelas cores. Estudou o Fundamental e o Médio em uma escola pública, onde recebeu aulas de braile e teve acompanhamento escolar na sala de recursos. Há 6 meses participa das atividades de capacitação da Sociedade Francana de Cegos. Atualmente, realiza curso de informática e participa dos treinos de natação e Golboll para próximos campeonatos. Joana, possivelmente muito determinada, fala sobre o que significa trabalho para ela. Além da independência, cita outros benefícios que o trabalho poderá trazer:

Trabalho para mim, atualmente, é tudo: independência financeira, valorização, através dele a gente está mostrando que é capaz e a gente se sente útil. A gente também não fica parada, consegue o dinheiro para manter a casa, o filho, para poder tentar dar uma boa educação, saúde para os filhos e para a gente também.

b) Expectativas em relação ao emprego, à sociedade e à vida futura

GABRIEL, parecendo muito tranqüilo, diz da facilidade de arrumar emprego, e que fazendo o que é certo, confiar e pensar positivo poderá conseguir este emprego, além de relatar que é contra algumas coisas que acontecem na sociedade:

Para mim não é difícil emprego, eu sei cantar, é fácil [...] Em relação às coisas que acontecem [...] eu sou contra as guerras, as violências, as bebidas, as matanças, eu não gosto [...] às drogas, bebidas e violências, eu falo não. Saúde sim. Eu espero positivo do meu futuro. Tem que saber o que é certo, fazer certinho. Pensar positivo, confiar em Deus, eu chego lá [...].

MANUEL, provavelmente indignado, fala de algumas mudanças do governo na lei do salário institucional, a qual pagava um valor pelos serviços prestados pelos capacitados na APAE. Parece lamentar sobre a falta de dinheiro e de trabalho. Porém diz da esperança em conseguir emprego fora da instituição para se ter condições de formar uma família:

Emprego? Que eu estava no almoxarifado...aí saiu essa lei do governo. E aí não tem dinheiro. Fiquei triste sem dinheiro, sem serviço. Aí, falaram que é para ficar na horta até ter um serviço bom para você [...] Falei da lei do governo, que quer tirar nós do serviço; nós daqui da APAE. Falou que nós fazemos o serviço direito. E o Dr Cláudio não falou essa lei, não apareceu na televisão [...]. Então surgiu essa lei do governo que não paga o serviço. Estávamos tão bem no serviço, tínhamos até cheque [...]. Sem serviço bom, garantido, a gente não é nada [...]. O trabalho que ganha dinheiro. Espero ter serviço fora. Ganhar um dinheiro; se chefe fala para fazer alguma coisa, fazer certo sem briga, sem discussão, se mandar fazer, você vai lá e faz, sem xingar, sem nada [...], fazer o serviço certinho. Quero arrumar uma namorada, que não tenho. Ter um carro, uma casa, uma bela mansão. Família [...].

HOMERO, parecendo muito tranqüilo comenta de seu sonho, de seu crescimento no trabalho sem prejudicar ninguém, da sua vontade de poder ajudar as pessoas e sua família, da estranheza das pessoas quanto ao trabalho das pessoas deficientes:

O meu sonho é ser cobrador de ônibus. Alguns deficientes já trabalharam como cobrador. Espero crescer muito. Sem pisar em ninguém. Com muita força e vontade. Eu acho que é difícil para os dois lados da moeda: para gente deficiente e para gente normal. Porque o presidente não ajuda a gente. O povo mesmo não ajuda a gente. Porque eles só querem fazer para ganhar. Mas eu não penso assim. Tem que ajudar uns aos outros. Com a parte de trabalho: eu acho que com a minha força eu vou tentar fazer o máximo para conseguir ajuda das pessoas. Elas falam desse jeito, nesses termos, porque não conhecem a gente. O povo acha estranho a gente trabalhar, porque tem poucas pessoas deficientes trabalhando. A minha vida futura: é crescer muito sem pisar em ninguém, ajudar a minha mãe e meu pai, meus irmãos, quem puder ajudar, eu ajudo.

IVANA, aparentemente muito atenta, relata da dificuldade em arrumar um emprego tanto para as pessoas da SORRI como para outras fora da instituição. Fala do seu relacionamento com colegas de trabalho, da sua vontade de seguir a carreira de atriz de novela e de constituir uma família. Relata também da necessidade de ajudar o próximo hoje em dia:

Eu gosto de emprego bem rápido. Eu sou muito rápida. Acho muito difícil encontrar algum emprego. Está muito difícil. Tem muita gente desempregada hoje. O emprego está indo para São Paulo, para Campinas e em Bauru eles estão esquecendo. Em Bauru está muito difícil arrumar emprego. O emprego está muito difícil para a gente daqui da SORRI e aí fora. Eu espero trabalhar, com atenção; patrão chamando precisa ir logo. O emprego está difícil para todo mundo. Porque tem gente que não contrata nenhum deficiente. Eu me dou muito bem com meus colegas

aí fora. Minhas colegas são minha professora, e uma colega que vai se formar para psicóloga. Eu me dou muito bem também com minha futura sogra. Venho sozinha para SORRI. Tenho a carteirinha para deficientes. Quero fazer teatro. Hoje já faço teatro. Tenho muita facilidade para decorar texto. Gostaria de ser atriz de novela. Quero casar, ter uma família, ter uma casa. Tem gente que não ajuda ninguém. Hoje precisa ajudar o próximo. Precisa muito. Tem gente que joga comida fora e tem gente que não tem nada para comer.

ALEX relata com certa firmeza da sua vontade de ter um emprego e continuar lutando pela vida. Parecendo muito convicto, diz da coragem que as pessoas precisariam ter para lhe oferecer algum trabalho e para aceitá-lo na sociedade sem sentimento de piedade, além de falar da sua vontade de formar uma família e de ajudar seus pais:

Eu espero ter um motivo para continuar nessa luta, junto à vida. Quero continuar no emprego para ter meu ganha pão e pensar em construir uma família. Espero que parem de me olhar como um coitado, que me aceitem na sociedade, que tenham coragem de me dar um trabalho, que a vida continue. Quero no futuro construir minha família e deixar bem meus pais e meus familiares que moram comigo.

HÉLIO, aparentemente muito seguro e convicto, fala resumidamente sobre sua expectativa em conseguir um emprego, além de sua vontade de obter independência financeira e de realizar cursos para aumentar sua chance de passar em concursos e de participar do mercado competitivo:

Como as coisas estão difíceis estou estudando para prestar concurso. Para mim como qualquer um, pretendo ter minha vida sem depender de ninguém – independência financeira. Não tenho idéia do que exatamente fazer ou montar alguma coisa própria –. De um modo geral, acho que estar fazendo na medida do possível cursos para ter uma formação. Não só para deficientes físicos, para outras pessoas também, hoje com o mercado de trabalho competitivo, você ter algo mais para concorrer é válido, para você conseguir alguma colocação.

MARLENE, parecendo muito sensata, relata concisamente sua vontade de fazer uma carteira de trabalho para obter um emprego. Por outro lado fala das dificuldades de se conseguir algum emprego e da sua vontade de ser enfermeira. Segundo Marlene, se sente bem realizando suas atividades e as pessoas com quem convive são boas:

Espero fazer carteira de trabalho para arrumar um emprego. Está muito difícil o emprego. As pessoas lutam para conseguir um emprego e não conseguem. Espero ser enfermeira um dia. As pessoas são boas. Elas gostam de mim. Eu sinto bem lá no estágio.

MAURO, aparentemente um pouco ansioso e esperançoso, relata da sua segurança em receber aposentadoria e da possível insegurança de se manter em um emprego. Parece que foi incentivado a continuar a estudar depois que participou de um curso na SORRI, porém diz que não possuía condições econômicas de dar continuidade. Fala também a respeito de um emprego informal, além de algumas tentativas de trabalhar em um tipo de atividade que possivelmente possa realizar segundo sua formação. Mauro, parecendo um pouco decepcionado, fala da acomodação do brasileiro a respeito das condições salariais e do trabalho os quais é submetido:

Depois do curso da SORRI partir para fazer o colégio. Depois fiz um supletivo e prestei vestibular e comecei a fazer direito. Parei porque o financeiro não deixou, o curso custava muito caro. Para mim, para arrumar um emprego devo me registrar com a lei social e tenho que me desligar da aposentadoria que é benefício. O benefício sempre recebo e será que o emprego vai me manter? Já fiz um teste em uma empresa aqui em Bauru, através da SORRI, mas não me chamaram ainda. Quanto ao emprego informal: Já havia pensado em ser escrivão, despachante, trabalhar com policiamento de carro e também ter um balcão de informações que informa as pessoas como se encontram lugares, bairros em Bauru, como se encontra a cidade, etc. Trabalho em casa com contabilidade, mas não tenho comércio aberto, para cada pessoa que eu atendo eu faço serviço de orçamento, contrato, aposentadoria, procuração. Espero conseguir aquele emprego de escrivão, eu vou tentar novamente. Nós brasileiros somos muito acomodados. Do jeito que as coisas vão, você pode trabalhar a vida toda e se aposentar com um salário mínimo. Ai, a gente fala que o governo deveria pagar bem todo mundo.

MELISSA, possivelmente mostrando-se segura do que realmente gostaria de realizar, fala que gostaria de receber ajuda e apoio de alguma pessoa para poder trabalhar com mais segurança, e ainda explicita que devido sua deficiência e por ser aposentada encontra dificuldades que arrumar emprego. Também relata que sente vontade de crescer, esquecendo de sua idade, se importando mais com sua saúde:

Eu gostaria que alguém pudesse estar do lado da gente, dando uma força. Porque, no meu caso, que vou trabalhar com produtos de limpeza, precisa de uma pessoa do meu lado para provar, para dar apoio. Sou aposentada e tenho uma deficiência. Não é qualquer emprego que vão liberar para mim, então tem que ser informal. Eu estou separada e espero apoio. Gostaria muito desse emprego e na minha vida futura eu espero ter a minha casa própria. E através desse trabalho, posso chegar lá [...]. O que me importa é a minha saúde.

JAMES, aparentemente sereno, relata seus sonhos em relação a um emprego e sua esperança em relação a sociedade como um todo. Na questão da sociedade, é provável que James se refere a perspectiva de interligação entre emprego e violência como um fato real e de desinteresse dos políticos. É interessante notar como James fala de sua expectativa em

relação ao emprego, principalmente o informal. Possivelmente, essa sua esperança esteja ligada a algumas dificuldades já enfrentadas, e quem sabe, o que importa no momento para ele é uma mudança na sua qualidade de vida:

Eu espero ser massagista e viver só disso aí fora [...] Seria um emprego informal. Nada de coisa presa. Não gostaria mais de obedecer ordens. Já estou velho [...]. Eu recebi ordens durante a minha vida inteira. Então esse não é mais o meu objetivo. Espero também casar [...]. Se Deus quiser, o ano que vem me caso. Eu recebi ordens da FEBEM, dos pais e assim por diante. Nunca tive o meu cantinho. Espero ter um lar para apitar um pouquinho, né? Espero também que a vida da sociedade melhore, porque se melhorar a vida sociedade, melhora da gente também. Embora existam desemprego e violência, a violência é por causa de emprego. Hoje, em alguns empregos, as pessoas roubam uma vez, e quando dá certo, continuam roubando. Os políticos [...]. Se o interesse pela sociedade fosse melhor para área de serviço, infraestrutura das cidades, acho que tinha emprego para todo mundo. Pretendo casar, ter mais um par de filhos, cabeça fresca, ter meu emprego, meu cantinho e paz, muita paz.

JOANA, possivelmente muito interessada, fala de sua esperança de ser incluída no mercado de trabalho e de seus sonhos, e também relata o que deveria melhorar no comportamento da sociedade para com os deficientes. Em relação à sua inclusão no emprego, parece que o mais importante para Joana é a questão da credibilidade e da confiança na capacidade dos deficientes:

Espero conseguir alguma coisa no mercado de trabalho, espero conseguir me encaixar. Espero que eu consiga me encaixar como todos os outros estão tentando e conseguindo. Que eu consiga me encaixar e ter alguém que confie na capacidade da gente. Porque é difícil para todos, mas é muito difícil para a sociedade entender que a gente é capaz, acreditar na capacidade da gente. Da minha vida futura, eu espero mais daquilo que eu já tenho. Espero conseguir realizar e atingir meus objetivos e sonhos, que é continuar a estudar, prestar um vestibular e fazer uma faculdade. Espero conseguir um trabalho e que a sociedade tenha maiores informações sobre a gente, que ela abra mais a mente. Melhorar muito, sabe? A sociedade olhar para o portador de deficiência com menos dó. Eu espero que ela melhore mais e possa nos ajudar mais.

c) *O que pensa sobre política, sociedade brasileira, a vivência no mundo do trabalho, sua compreensão sobre a qualidade de vida*

GABRIEL, aparentemente curioso, diz do apoio que tem de algumas autoridades de sua cidade, além de gostar de conversar sobre política, fala de uma “forma certa” de ser e se fazer brasileiro, e da convivência pessoal como qualidade de vida.

Eu gosto de política. É bom. Tem de olhar por dentro...o que é governador, o que é o prefeito, o que o prefeito faz. E todos, o meu plano, o que eu vou fazer, de todos tenho apoio do que vou fazer. Brasileiros têm uma forma certa, nós trabalhamos

para um Brasil novo, outro Brasil certo. Então o brasileiro deve fazer certo, e acabar de uma vez com o roubo... Aqueles políticos que roubaram dinheiro do povo. Isto também faz parte do brasileiro. Tem muito brasileiro certo, na parte social tem de ficar muita atento, abrir os olhos e seguir o Brasil, a gente mesmo vai ver o futuro da pátria,... Faz parte do brasileiro... Às vezes o brasileiro faz certo, às vezes erra também. Errar é humano. Tem de consertar um pouco, não muito. Qualidade de vida tem de ver conosco. Saber falar muito, conversar com os outros, e isso é bom. A gente tem de saber conviver, e também saber o que acontece na nossa cabeça.

MANUEL, parecendo muito sincero, fala do comportamento do governo, além da forma como as pessoas deveriam viver no mundo do trabalho. Quanto à qualidade de vida do brasileiro, cita a questão das drogas e da violência, do respeito entre as pessoas e com os deficientes e anciãos. É possível que Manuel tem se revoltado com o sistema do governo que apóia o tráfico de drogas e que tirou a lei que beneficiava os capacitados na APAE:

Que esses políticos, ah, eles roubam do povo e saem falando mal do povo. O governo que não faz para o povo. E o povo ajuda o governo e o governo não está nem aí com a gente. O povo aí está passando fome. Também não tem água para beber, que nem as pessoas da Etiópia. É triste, comem bicho do chão, comem até mato. Tem que ver o governo, senão nada. No mundo do trabalho, deve haver ajuda para as pessoas viverem no mundo do trabalho. Deve fazer o serviço bem feito se está aí na firma e trabalha aí fora. Não pode parar no serviço. Tem que trabalhar das 8 horas às 11 horas. Tem muito brasileiro, deficiente parado aposentado, e o Prefeito tem de ver isto. Anunciar o trabalho no rádio. Aí ajuda o povo que está desempregado, aposentado, porque é melhor para eles e para a família deles. Na nossa qualidade de vida, que nós tenhamos muita paz, saúde, alegria. Não gosto de briga, quando tem pessoas brigando, chego e aparto a briga [...]. Apartar a briga, falar que não foi você que errou. Drogas, gangue, bebida. Pai que quebra tudo em casa quando bebe. A mãe pede ajuda por causa dos filhos pequenos. Hoje a briga não está com nada e não leva a nada. Tem que chegar no ponto certo. As pessoas têm que ver e ficar com a família e não ficar nas ruas. Tem que ver as dificuldades das pessoas, dos paralíticos e dos velinhos em andar. Tem que ter dó e respeito. Ah, tem Governo [...]. Acho que eles pagam os caras mexerem com drogas, as pessoas em por fogo nas casas. O governo de hoje não está com nada. Estava tão bem no serviço, e saiu esta lei do governo, puxa vida [...].

HOMERO, referindo-se a questão da política brasileira, parece se lamentar do nosso presidente, culpando-o pelo salário dos trabalhadores, pelo racionamento de energia. Relata também que em nossa sociedade há diferenças no comportamento das pessoas, e também da falta da credibilidade delas com os deficientes. Homero expõe que na questão do trabalho a aparência social e econômica é muito importante para se conseguir emprego. Quanto à qualidade de vida, possivelmente muito convicto fala da falta de dinheiro e da dependência econômica e do presidente atual como fatores que impedem melhorar a vida dos brasileiros:

Quanto à política: é muito roubo de dinheiro. Primeiro é o presidente. Todas as vezes que ele fala que vai aumentar o salário, as coisas todas sobem de preço, então não adianta. Quanto ao racionamento de energia: Eu acho que o brasileiro sempre vai levar a pior, na parte de dinheiro, sempre depende do presidente, que manda em tudo. É o presidente o culpado, e é ele que tem que pagar. Eu aprendi isso através de três motivos: a televisão, a escola também nos ensina, e o outro é que é esse o meio jeito de pensar. Quanto às eleições: Eu vou votar naquele que é bom. Eu acho que uma mulher mandando vai ser muito melhor. Eu acho que quem iria se dar bem é o Lula. Porque ele vai para o lado do trabalho. Hoje está precisando é dele. A nossa sociedade: tem parte boa e parte ruim. A parte boa, o brasileiro é muito bonzinho. Outra parte é que têm pessoas muito más. Tem pessoas que fazem maldades por fazer mesmo. Eu acho que o brasileiro tem de pensar nele e nos outros. As pessoas não põem fé na gente. Se elas têm fé, muda muita coisa. Eles não acreditam na gente. Só acreditam neles mesmos. O povo brasileiro, na parte de trabalho, olha muito para a riqueza. Se for um cara pobre, não consegue emprego, não tem nem emprego, e depende do emprego também. Um cara que tem um pouco de dinheiro, e se manda a aparência é o dinheiro, acho que está errado. Tem que ser tudo igual – pobre ou rico, e outras coisas [...]. Os políticos estão aí por causa do dinheiro. Tem que não ir atrás dos outros, do presidente. Tem que mudar e derrubar o FHC. Não por dinheiro ou promessa, pela sua cabeça. Nossa qualidade de vida tem dois sentidos: muito bom e muito ruim. A parte ruim da nossa vida é – fora do trabalho é horrível, quer dizer, fica dependendo do presidente, se não puder depender dele estaria uma maravilha. O brasileiro é o primeiro lugar de ajuda. O brasileiro pensa mais nas pessoas. Para mim não deveremos considerar o presidente e os outros políticos como brasileiros. O brasileiro vive bem. Que é honesto o bastante, a felicidade é boa. Tirando o dinheiro. O que atrapalha o brasileiro é a parte de dinheiro. Bondade tem, ajuda um ao outro. O que atrapalha tudo isso é o presidente.

IVANA, parecendo muito ativa e curiosa, indica alguns problemas relacionados com a nossa política, quando faz referência aos temas *apagão* e racionamento de energia. Relata também algumas características de nossos políticos. Possivelmente Ivana tem alguma noção do que é viver na sociedade brasileira hoje, dizendo da necessidade de melhorar nossa qualidade de vida. Aponta alguns aspectos que parecem exigir mudanças para se viver melhor nessa sociedade:

Tem muitas ruas esburacadas, o viaduto não foi ainda construído. O governo, esse negócio de apagão [...]. Aqui em Bauru não deveria existir apagão. Nas ruas vão ter mais ladrão para roubar os outros. O racionamento já vai ter. Nós já estamos economizando energia. O brasileiro não tem culpa do que está acontecendo. Esse horário de verão não economiza energia nenhuma. O brasileiro deverá acordar bem mais cedo. Políticos só prometem. Políticos fazem tudo ao contrário. Eu tenho que pensar muito em quem votar. Não tenho nem idéia. Quero votar na pessoa certa. Aquela que não fica prometendo muito. O viver nessa sociedade: trabalhar, sair para passear é gostoso. Nossa qualidade de vida tem que melhorar. Os médicos demoram muito para atender. A educação de hoje está muito ao contrário. Tem gente que responde para professor e para a mãe. Está tudo errado na educação. E educação nas escolas não está certa. Tem aluno que responde para professor. Os professores falam para a gente que quem não quer aprender são os alunos. Mas se eles não ensinam direito, fica tudo a mesma coisa. Acho que os professores têm que melhorar um pouco mais.

ALEX, aparentemente muito seguro, parece ter uma idéia formada sobre nossa política e a nossa vivência na sociedade quando relata os problemas relacionados com o desemprego, a desvalorização da nossa moeda, as conseqüências do terrorismo nos Estados Unidos sobre o Brasil, além de falar sobre seus sentimentos a respeito do terrorismo. Parece que não concorda com o nosso governo atual, pois fala sobre alguns problemas relacionados com a renda dos trabalhadores e a dificuldade de se viver bem:

Acho que é preciso melhorar nesse ponto de viver na sociedade, porque o tratamento na sociedade com qualquer ser humano, está meio difícil. Porque hoje em dia o emprego está muito difícil. O dinheiro está desvalorizado. Eu acho um absurdo isso que aconteceu nos Estados Unidos. Porque é suicida. Se suicidar no avião em troca do que pensam seus líderes islâmicos, é tragédia. Eu acho que pode piorar, isso tudo vai na cabeça de nós que estamos vivendo. Não podemos ter a mesma cabeça daqueles doentes do terrorismo. Eu acho que isso pode influenciar na cotação do dólar. E as coisas podem até piorar para nós, por exemplo, na questão de remédios. Tudo isso pode causar um grande transtorno na sociedade. Muito trabalham para indústrias internacionais ou para fazer produtos que são vendidos para fora. Com essa tragédia pode causar a queda do emprego. A pobreza pode aumentar, Os roubos, assassinato e a violência em geral podem aumentar. Temos que agradecer, porque aqui no Brasil não está tão ruim como está lá fora na Arábia. Aqui não estamos seguindo regimes doentes. Eu acho que hoje em dia está difícil viver bem para qualquer um, em qualquer lugar, desde que não tenha uma boa renda. Eu acho que nosso governo está meio ruim, e que precisa melhorar um pouco. Como pode o Real, hoje em dia, estar valendo menos que o dólar? Temos que ver qual partido tem melhores propostas.

HÉLIO, possivelmente apresentando-se um tanto curioso e sério, questiona sobre a nossa política em relação aos cursos de capacitação e oportunidades de emprego. Relata das facilidades de uns e as dificuldades de outros para estudar e obter maiores chances de trabalho. Parece que relaciona a questão do trabalho e do emprego com a qualidade de vida, quando fala da distribuição de bens e de riqueza, além de citar tipos de trabalho que formam a sociedade e o mundo do trabalho em geral:

Por parte dos empresários, a gente está vendo que está aumentado muito o incentivo para o que é politicamente correto. Entidades, organizações que oferecem cursos para capacitação, por quê? Porque do governo não vem muita coisa. Se o governo está investindo, apoiando, como a gente vê na televisão, parece que sim, mas... Há aqueles empregos e desempregos, e empregos e escravidão. Não sei da sociedade como um todo, mas a gente vê qualquer vaga para emprego – uma fila enorme para apresentar currículo. Ou seja, emprego tem, ganha pouco? Ganha, mas tem suas vagas. Não sei como poderia melhorar isto. A gente que teve oportunidade de estudar um pouco mais, tem 4 vezes mais facilidades. Outras pessoas que estão num emprego, que ganha pouco para sustentar família – aquela rotina de trabalho o dia todo e estudar à noite. O Brasil é que nem a Venezuela. A riqueza que tem está nas mãos de poucos. Poucos têm muito. A riqueza é bem mal distribuída. A estatística hoje oscila. As pessoas estão buscando isso, o emprego próprio, já que está difícil o formal. Um emprego de camelô, por exemplo, de mais

imediate. Não sei nada há nada registrado, que você contribua para o governo estar fazendo propaganda lá fora.

MARLENE, aparentemente um pouco confusa, relata seu sentimento e o que sabe a respeito da política. Parece ter alguma noção sobre a sociedade como um todo, quando fala sobre violência e drogas, além da pobreza. Segundo Marlene, é possível que haja diferentes maneiras de se entender a qualidade de vida do brasileiro.

Sobre política eu não entendo nada. Eu ouço o que o presidente e o prefeito dizem sobre isso ou aquilo. No nosso país o presidente é rico. Ele viaja muito. Eu gosto do presidente. Têm pessoas que falam mal dele e não gostam dele. Eu acho que a política é complicada. Eles fazem cada coisa, é superdifícil falar sobre política. O brasileiro vive bem na política. As pessoas pobres precisam melhorar um pouquinho, até o emprego. As pessoas usam drogas, matam. Tem que ajudar as pessoas pobres, dar alimento. O governo tem que fazer alguma coisa para ajudar essas pessoas. Ele é rico. A nossa qualidade de vida é boa. Eu vivo bem. Alguns não vivem bem.

MAURO, parecendo muito atento à questão, relata com uma certa seriedade sua visão de política e da vivência do brasileiro na sociedade atual. Possivelmente, tendo uma boa idéia sobre o mundo do trabalho e nossa qualidade de vida, cita alguns exemplos que, provavelmente, deveriam ser levados em consideração para melhorar a vida dos cidadãos brasileiros:

Eu gostaria que melhorasse a situação que estamos vivendo. Dar um basta na corrupção, e o político trabalhar com mais honestidade. Essas pessoas e crianças que ficam pelas ruas, não deveriam ser chamadas de vagabundas, pois a gente não sabe o que realmente aconteceu com elas. Penso que o brasileiro deva estudar, ter uma boa educação para ter um bom trabalho e também uma boa alimentação para não ir doente trabalhar. A nossa qualidade de vida está presente na gente, no dia a dia. Conhecemos as pessoas pelo rosto quando não estão bem alimentadas. Muitas vezes falta a educação alimentar. Hoje o casal com mais de três filhos, a situação fica pesada. Para se ter vida saudável, deveremos aprender. Como estrutura, faltou a educação para nós. Se não tem escola, deveremos aproveitar aquilo que está à nossa disposição.

MELISSA, possivelmente muito convicta e ciente da caracterização da nossa política e o mundo do trabalho, relata do apoio da política para com as pessoas deficientes, além das oportunidades existentes na sociedade para o trabalho ou o emprego. Quanto à qualidade de vida do brasileiro, fala também das oportunidades e chances para melhorar, tanto da sociedade como da própria pessoa:

Se a política apoiasse os deficientes físicos, vai bem. Mas o outro lado também da sociedade. Enquanto que eles olham para aqueles que têm capacidades, esquecem dos deficientes. É assim que eu sinto. Se desse uma liberdade, uma oportunidade que eu vi até agora para os deficientes. Eu tenho amigos que terminaram o curso aqui e estão bem, porque tinham um capital, tinham um pai que apoiou, aí já estão crescendo. A sociedade, se olhar desse lado, vai melhorar. É um pouco crítico, porque em nosso país poderia ter muito mais oportunidade. Porque não é um país tão pequeno. É um país que tem muitas empresas, mas as chances são poucas, mas oportunidades têm. Mas se todos trabalhassem juntos, a gente espera alguma melhora. A qualidade de vida do brasileiro tem de ser construída por nós. Depende muito. Depende muito do apoio e da oportunidade.

JAMES, mostrando-se sincero, fala sobre a situação de nossa política e da sociedade, possivelmente em termos de desenvolvimento. Cita vários termos ou temas que são pertinentes para ele, quando comentar ou relata sobre a competição, a violência, as inseguranças das pessoas, a globalização para alguns, e outros. É provável que a qualidade de vida, que James questiona, em relação às diferenças de classes poderia ser levada em consideração, uma vez que os interesses sociais, políticos e econômicos fossem vistos ou projetados de forma unânime por toda a sociedade brasileira. É importante notar essa noção e perspectiva que James tem de política, sociedade e qualidade de vida:

Eu acho que em termos de política, a gente nunca esteve em pior momento. Na eleição vai ser uma luta para eleger o menos pior. A sociedade em si, eu acho que melhorou muito. A tecnologia ajuda muito. Obriga a gente a estudar mais. Hoje não dá para ficar entre os dez melhores. Você tem que ser o melhor. O computador não te dá opção de ser o segundo e o terceiro. Então está virando uma concorrência do mundo cão. Então quem fica para trás e não estuda, faz violência. Às vezes a lei não favorece os de boa índole, né? Porque as pessoas praticam a violência e a lei favorece mais essas pessoas. Não se vê uma casa hoje com muro baixo, então as pessoas de boa índole estão presas e os bandidos soltos. A gente está presa na nossa casa com grades na janela. E a violência está aumentando cada vez mais. Na sociedade em si, a política está bem decadente. Hoje só vale a globalização, que é a parada do momento. Só que essa globalização é só para os ricos. Esse é o problema. Pobre não faz globalização. Os empresários cada vez mais fortes, ganhando cada vez mais. Tem uma renda tal e não consegue dar cesta básica para os seus funcionários que ajudam na renda desse empresário. O trabalhador está em decadência e as coisas para ele estão piorando cada vez mais. Sei disso tudo e me atualizo através da televisão, rádio e fitas K7 da Revista Seleções. A qualidade de vida melhorou um pouco. Porque hoje o mais pobre vive melhor do que um rei há 500 anos atrás, se partir por esse princípio de conforto, banheiro dentro de casa, saneamento básico, energia elétrica. A comida está cada vez mais escassa na panela da gente. As coisas estão cada vez mais caras. Está difícil ficar com a barriga cheia. O Brasil tem condições de melhorar se todo mundo quiser. Cada um rema por um lado. Tem interesse próprio. O mundo está assim. Onde tem muito rico e muita fome no mesmo lugar [...]. A má distribuição de renda favorece muito isso também.

JOANA, aparentemente empática e confiante, relata o que pensa sobre a política e a sociedade brasileira, tentando, quem sabe, argumentar as razões das dificuldades de viver

nessa realidade. Por outro lado, dá dicas de como é possível melhorar a vida do brasileiro no mundo do trabalho. Sobre a qualidade de vida, Joana, parecendo muito sincera, questiona a situação do brasileiro e, talvez, da sociedade e cita a necessidade de investir em algumas áreas que para ela são importantes para melhorar a qualidade de vida:

Em relação a política eu acho que ela deixa muito a desejar, especialmente na área de saúde, educação e segurança. Eu acho que ela tinha de pensar mais. Acho que nosso político, nosso governo têm condições de melhorar. Tem que querer um pouco: a política e também a sociedade. Porque na política é cada um para seu lado. Acho que a política tem suas desculpas: falta de verbas, falta disso, falta daquilo... E a sociedade se acomoda, se reprime, não procura lutar, não procura seus direitos. Eu acho que viver nessa sociedade é difícil, não é fácil. Você tem que ter muito jogo de cintura, usando a política da boa vizinhança, procurando se integrar da melhor forma possível. Viver na sociedade hoje, você tem que ser muito humilde para se conseguir alguma coisa. O brasileiro no mundo do trabalho tem que investir muito hoje, investir na educação, investir nele mesmo, procurar se atualizar cada vez mais. Porque hoje em dia estamos num mundo globalizado e muito informatizado. Precisamos evoluir mais, procurar saber mais. Porque hoje em dia não adianta ter o 2º grau completo, como eu tenho, mas eu não tenho informática, não tenho um curso aí [...] telemarketing, computação, telefonista. Eu tenho que progredir cada vez mais. Porque hoje estão escolhendo as pessoas que estão sabendo mais. Eu acho que nossa qualidade de vida é muito precária. A gente precisa mais de investimento para uma qualidade de vida melhor: a gente está precisando de segurança, a gente vive num mundo muito violento, onde a educação está muito precária, onde a saúde está muito difícil, onde a gente não consegue remédios, onde a gente não consegue um trabalho. A gente está tendo uma qualidade de vida muito precária e difícil.

d) A representação da sua deficiência

GABRIEL, mostrando-se interessado, fala sobre um comportamento seu que tem atrapalhado sua convivência na sociedade, é interessante notar que não fala sobre sua deficiência, ou de suas possíveis dificuldades por ser deficiente:

Para mim eu tenho muita timidez. Eu não tenho confiança lá fora. Então tudo o que a gente conhece, tenho confiança [...]. O indivíduo fala vou te matar, então é ruim. Eu passei por isso, todos nós passamos por isso. Então todos nós temos de saber o que é errado, o que é certo. Tem de aprender a não fazer o que o outro faz. Para mim dificuldade seria trabalhar e arrumar emprego, porque às vezes é mal atendido, roubam, cortam o salário, descontam o salário, e eu não acho certo isso.

MANUEL, parecendo muito confiante, fala da ajuda da APAE que recebe, além de relatar que está preparado para enfrentar o mundo do trabalho. É possível que Manuel não tenha consciência de sua própria deficiência, ou melhor, parece que não encara sua deficiência como um empecilho para trabalhar ou realizar algo:

A APAE é para ajudar. Vim para APAE porque estavam com medo de que eu não sabia nada em outra escola. Sinto que estou já preparado para enfrentar as dificuldades para arrumar algum emprego.

HOMERO, possivelmente muito tranqüilo, parece resoluto em aceitar sua deficiência. É interessante verificar que se possui alguma independência para sua locomoção, a deficiência não é nenhum empecilho para ele. Parece que fala de problemas de acessibilidade, quando enfrenta algumas barreiras arquitetônicas. Porém, Homero diz que vivem bem com seu jeito de ser e de locomover:

Para mim é normal. Normal assim, dando para eu me virar sozinho, eu não esquento não. Prefiro ser assim, a ter problema de cabeça. Não tem nada a ver com o outro. Se puder ajudar eu ajudo. Meu jeito para andar está bem. Se puder melhorar um pouquinho eu faria. Se o médico falar que eu não sairia disso, está ótimo para mim, para mim está bom. Se puder crescer um pouco mais na vida social, na vida normal da gente, eu aceito de coração. Eu sou uma pessoa feliz. Quanto ao meu transporte de ida e vinda, de pegar ônibus, se tivéssemos mais ajuda política seria muito melhor. Para mim está dando para me virar. O problema é a escada, se não tiver apoio, eu preciso de ajuda. Eu peço ajuda, por favor; tem pessoa que não ajuda porque não gosta de ajudar, outra pessoa não tem costume de lidar com a gente.

IVANA, parecendo muito tranqüila e confiante, diz que convive bem com sua deficiência. Por outro lado, é possível que a discriminação não existe para ela, afirmando que não há percepção nítida de sua deficiência:

Eu convivo bem. Nunca ouvi qualquer discriminação. Nunca passei por isso. Minha deficiência é muito simples. Ninguém percebe que tenho.

ALEX, possivelmente mostrando sinceridade, relata algumas de suas dificuldades para conviver na sociedade. Parece que sente discriminado por causa de sua deficiência, além de, provavelmente, se sentir estigmatizado. É importante observar que, talvez, Alex vê e encara sua deficiência como algo positivo, tentando tirar proveito dela para se valorizar e valorizar sua capacidade de realizar coisas e de produzir:

Está sendo difícil para mim conviver na sociedade. Para arrumar trabalho eles não vêem a gente como capazes de realizar um trabalho, eles vêem como um coitado. Para mim, eu aprendi com minha deficiência. Eu acho que foi uma grande lição de vida. Eu não pensava assim. Eu só queria curtir. Passei a ver as coisas com outros olhos e a dar valor nas coisas com meu esforço.

HÉLIO, parecendo muito convicto e realista, mostra alguns possíveis comportamentos ou atitudes que poderia ter tomado quando aconteceu a sua deficiência. É provável que Hélio dá algumas dicas para enfrentar a deficiência, e também parece se lamentar um pouco sobre planos desfeitos e outros a realizar e da dependência de outras pessoas, quando diz da liberdade que se tem quando estamos bem fisicamente:

É aquele negócio: a vida de minha família e a minha virou de cabeça para baixo. Planos que a gente fazia para curto prazo, quando possível, hoje, em longo prazo. Agora para mim, às vezes eu acho que é uma lição para gente passar e aprender mais desse lado. Se for encarar com revólver já teria me matado. Quando a gente está bem, está andando, a gente é livre para fazer o que quiser. A partir do momento que acontece o acidente com a gente, a gente depende dos outros, se a gente não tem uma boa cabeça, entra em depressão e é muito fácil dar um tiro na cabeça. Acho que temos que ficar tranquilos, tem que conversar muito [...].

MARLENE, aparentemente muito resolvida, apresenta resumidamente o que representa sua deficiência ao falar da APAE como algo bom tanto para ela como para outras pessoas. Parece que Marlene encara normalmente sua deficiência, talvez porque não sente muitas dificuldades para conviver na sociedade:

Aqui na APAE é super legal e as pessoas do estágio acham que é bom.

MAURO, parecendo de certa forma sincero, encara sua deficiência com naturalidade, quando relata que obteve um certo crescimento pessoal com a deficiência. Por outro lado, é possível que Mauro também vê sua deficiência um problema, pois nos apresenta maneiras de encará-lo:

Quando eu tive a deficiência, passei a olhar o outro lado das coisas. Ou eu encaro a minha deficiência e sigo em frente ou eu me ocupo com ela e fico quieto no meu canto, sem produzir, sem fazer nada.

MELISSA, aparentemente segura e interessada, parece encarar sua deficiência com naturalidade, dizendo que se considera uma pessoa normal. Afirma que sabe que tem a deficiência, mas possivelmente não possui grandes dificuldades para seguir e alcançar seus propósitos:

Representa assim: eu tenho uma deficiência física. E não posso me forçar nela. Não é porque tenho uma deficiência física que eu vou ficar naquele canto, que eu não posso fazer nada, não posso trabalhar, não posso chegar até lá. Não. Eu a encaro

como se eu fosse uma pessoa normal. Eu me sinto normal. Eu sei que eu a tenho, mas ela não me incomoda. Porque se eu tivesse me acomodado nela, hoje seria uma pessoa que não teria essa habilidade que eu tenho hoje. Eu encaro a minha deficiência.

JAMES, possivelmente tranqüilo e reflexivo, relata como sua deficiência representava no passado e como ela é sentida hoje por ele. Cita a solidão e a incapacidade que, provavelmente, seriam obstáculos importantes para se conviver com a deficiência. É importante observar o que James fala da sua deficiência e de como aceitá-la:

No começo da deficiência, a gente se sente muito inútil. A gente não conhecia a capacidade da gente. Por isso uma entidade como essa faz falta na vida da gente. Porque é ela quem ensina o que é a vida de um deficiente, conviver com outros deficientes, para você aceitar sua deficiência, e a gente vai superando barreiras que não conseguiríamos sozinhos. Se a gente não tivesse o apoio de outro deficiente que já passou por isso um dia, não venceríamos. A cegueira em si... Hoje eu sinto muito pouco a falta da visão, a não ser para ter esse luxo de ter carro, bicicleta, que seria um prazer a mais, um lazer que não temos, por causa da visão. A cegueira não é o fim do mundo. Dá para conviver com ela bem. A gente acostuma. Aprende a acostumar com ela.

JOANA, dizendo ser sincera, fala de seus sentimentos no passado e atualmente. É possível que Joana sempre tenta encontrar meios para conviver com sua deficiência. É interessante notar como ela relata sobre a aceitação de sua deficiência, quem sabe para encarar as dificuldades e as possibilidades de conviver com a falta de visão:

Eu vou ser bastante sincera com você. Eu não tenho revolta. Eu já fui muito revoltada. Hoje não. Eu procuro conviver bem com a minha deficiência, embora às vezes eu não consiga, pois é difícil [...]. A gente tem que ter muito apoio da família, dos amigos para a gente poder conseguir ter essa aceitação. É muito difícil para eu conviver com a minha deficiência, aceitar a minha deficiência. Aceitar-me como eu sou. Então às vezes eu me sinto inferior, mas eu procuro conviver com isso da melhor maneira possível. Eu procuro melhorar isso da melhor maneira possível porque é assim que eu sou e é assim que eu vou viver o resto de minha vida. Então eu tenho que conviver melhor com ela.

3.2.2 Inseridas no mercado de trabalho

a) Desenvolvimento de seu trabalho e dificuldades enfrentadas no trabalho/empresa⁴

⁴ A análise e a descrição dos relatos orais se desenvolverão seguindo os temas sugeridos na entrevista: dificuldades enfrentadas no trabalho, perspectiva e conhecimento a respeito do trabalho, expectativas em relação

JOEL, jovem de 37 anos, solteiro, tem formação escolar completa no ensino Médio. Aos 8 meses de idade teve a poliomielite. Com alguns tratamentos se locomove com mais facilidade usando muletas. Realizou cursos técnicos de eletrônica e de contabilidade. Após algumas tentativas de emprego e desistências, hoje trabalha em uma universidade, exercendo a função de secretário executivo no departamento de pós-graduação. É concursado e está empregado há 17 anos. Fala claramente de sua dificuldade no trabalho e da convivência na sociedade, possivelmente devido à deficiência que possui:

O meu problema é a locomoção. É bem evidente nesse caso. Todo o ambiente de trabalho é próprio para minha função. Eu não preciso fazer grandes esforços físicos. O que me impede são as escadas para eu chegar onde preciso. Enfrentei não só esse tipo de barreiras com as escadas, como também outras colocadas pela sociedade. Infelizmente, a sociedade em geral tem uma visão muito pequena sobre o que uma pessoa portadora de deficiência física pode fazer ou é na verdade. Primeiramente, as pessoas julgam a deficiência física, mas não sabem o poder que elas podem ter, não confiam nisso. Então a barreira social para mim foi muito grande [...]. Eu tive muitos problemas também com a aceitação das pessoas.

MARIETA, professora universitária aposentada, 49 anos de idade, solteira, formada em Letras e em Educação Artística. Tem deficiência nos braços (braços curtos) desde seu nascimento. Nos informa que sua mãe talvez tenha tomado a Talidomida, medicamento muito usado na época (décadas de 50 a 60) pelas gestantes. Devido a alguns tratamentos, evitou atrofiar suas pernas, que na época de seu nascimento também apresentaram problemas de locomoção. Até aos 5 anos não andava. Marieta nos revela que começou a andar aos 5 anos de idade em uma festa de quermesse, quando estava sendo carregada no colo. Nos disse que deu um grito e daí de repente passou a andar. Atualmente, mesmo aposentada, continua trabalhando como professora do curso de Letras, de Terapia e de Educação Artística. Aparentemente muito interessada e tranqüila, nos relata que não enfrentou muitas dificuldades no seu trabalho, pois, como nos disse, sempre tem alguém disponível para ajudá-la. É interessante notar que a falta de seus braços possivelmente não impediram de exercer suas atividades no trabalho ou em outro lugar:

Talvez você vai estranhar um pouquinho a nossa entrevista. Que eu já tive uma experiência dessa e a entrevistadora, ficou assim meio, ela achou diferente. Porque assim, desde o início de minha carreira eu não tive muita dificuldade. Eu comecei a trabalhar, no 2º grau. Eu já optei por trabalhar com adulto, porque com criança seria difícil ministrar a aula, mais relacionamento, mais a questão de lousa, de giz,

à sociedade e à vida futura, o que pensa sobre política, a vivência do brasileiro na sociedade e no mundo do trabalho, a compreensão a respeito da qualidade de vida e a representação de ser deficiente.

de computador, mais qualquer outra coisa que eu necessitasse de mãos, de braços e mãos, de cabeça não, então eu penso assim que fica meio dependente de alguém para auxiliar para manusear, para coisa normais de dar aula. Com adultos eu sempre assim de uma forma ou de outra, não encontrei muitas dificuldades, sempre tinha alguém disponível, alguém que tem vontade de auxiliar. De uma forma geral, se você pensasse assim que os braços me fizeram falta para trabalhar, não fizeram. Dentro da própria sala de aula, sempre encontrava um aluno para me auxiliar. Eles se dispõem. Meu relacionamento com aluno ele é muito [...]. É lógico, tem o lado do professor/aluno, mas tem o lado muito humano, eu sempre encontrei uma resposta positiva, um retorno em relação ao relacionamento aluno/professor, então praticamente, se eu for pensar em ministrar aulas, esse lado prático, eu sempre assim vou ter respostas positivas.

LUCIO, jovem de 18 anos, tem formação escolar incompleta no Ensino Médio, solteiro. Foi encaminhado pela escola pública para o Centro e Educação Integrada (CEI) da Prefeitura, porque, conforme nos informou, lá na outra escola não conseguia acompanhar os outros alunos. Permaneceu no CEI por 4 anos, onde desenvolveu atividades de artesanato e pintura. Depois na APAE permaneceu 1 ano, trabalhando na horta. Hoje trabalha em uma empresa de cosméticos no setor de tamponografia, exercendo a função de impressor de etiquetas nos frascos dos produtos dessa empresa. Parecendo interessado e curioso, Lucio nos fala de sua grande dificuldade enfrentada no emprego, o que possivelmente o leva sentir uma certa insegurança no próprio local de trabalho:

Tenho um pouco de medo de não fazer o serviço direito. E medo de perder meus colegas da APAE, que ficaram todos lá. Tenho mais medo de perder meus colegas, de não ver mais eles. Tenho ido a APAE de 15 em 15 dias. Estou aqui como estagiário. Às vezes tenho medo de conversar com os funcionários daqui da empresa.

LILIANA, 29 anos de idade, já foi casada e atualmente é separada, tem uma filha, e possui formação escolar incompleta no ensino Médio. Desde muito criança, teve uma doença na musculatura da perna direita, que, com o tempo foi atrofiando. Depois de várias cirurgias e fisioterapias, consegue andar com mais facilidade. Há 3 meses trabalha como secretária em uma escola pública de ensino infantil e fundamental. Liliana nos relata que depois de deixar seu currículo em vários lugares, procurou a ADEFI (Associação dos Deficientes Físicos), quando por contato da escola, que oferecia uma vaga no seu quadro de funcionários para uma pessoa com deficiência física, pode ser empregada. Aparentemente decidida e convicta, Liliana fala de algumas dificuldades enfrentadas em outro emprego e nesse atual. Possivelmente revela preconceitos e formas de inseguranças que a levam a questionar sobre seu trabalho atual, levando-a a conviver com algumas inquietações pessoais no seu dia a dia:

No primeiro emprego eu cheguei e não tinha nenhuma experiência, só tinha experiência como dona de casa e mãe. E, eles me aceitaram na condição de me ensinarem todo o trabalho, era um salário muito bom, e eu aceitei porque queria entrar no mercado de trabalho; e a gente sente alguma dificuldade até você se habituar com o computador, com toda rotina de um escritório. E lá, eu não sei se eram pessoas muito desequilibradas, não sei, aí você ouve: como você é burra, você não...esse tipo de coisa. Até que um dia um dos patrões, é complicado, porque você não sabe se a discriminação é porque você é mulher primeiro e segundo porque você é deficiente, uma leva a outra, porque um dos patrões...eram sete chefes. E, um dos patrões começou com uma brincadeira de me abraçar, sabe, beijar, e eu não gosto. E foi indo até a gente levando na brincadeira, eu e uma colega de trabalho. Até um dia que não deu mais, aí eu cheguei no diretor da empresa, aí eu falei para ele: não quero mais essas brincadeiras comigo, porque vai chegar uma hora que eles vai querer me passar a mão...aí não vai dar, aí eles foram conversar com ele. Eu estava em minha sala com a porta fechada, trabalhava como digitadora lá, e na hora que eu abri a porta, ele estava na sala dele gritando feito louco; aí eu ouvi a frase que está gravada até hoje em minha memória: aquela “manca” e aquela outra me pagam, elas estão perdidas. Aí eu perdi o chão, comecei a chorar, peguei minha bolsa queria vir embora, e um deles veio e me abraçou e disse que não era por aí, que tinha uma filha, era separada e meu marido não tem como me ajudar, e aí como eu ia pegar minha bolsa e deixar meu emprego para trás? Aí, eu já levei e passei por cima, mas chegou um ponto que não deu mais, nem para mim, nem para ele, por que depois disso eu não consegui mais encarar essa pessoa e nem ela me encarar, e ele era um dos donos da empresa. Aí chegou um ponto que eles me cortaram do quadro dos funcionários. Para mim foi ótimo, porque lá no colégio, além de ganhar bem menos, é um trabalho estressante também, é muito pai, aluno, o dia inteiro e tem que atender todo mundo muito bem. Mas lá sou tratada como ser humano, até hoje não sofri nenhuma discriminação. A maior dificuldade que eu tenho lá, e nem é uma dificuldade em relação ao trabalho, é uma coisa pessoal: eu tenho uma certa insegurança; todo deficiente físico tem uma certa insegurança, aquela insegurança do tipo assim: será que estou fazendo o certo? Eu estaria fazendo melhor senão fosse a minha deficiência física? A gente tem, a gente carrega isso dentro de si, não sei se fazer uma análise resolveria isto? Remédio eu sei que não tem, na farmácia não. Lá eu tenho essa insegurança. No começo eu tinha muito medo de perder trabalho, eu entrei em depressão depois dos primeiros 15 dias eu entrei em depressão. Eu chorava, eu achava que não daria conta. Aí eu comentei com uma colega de lá, ela me deu muita força, não você vai conseguir sim, agora até hoje eu ainda tenho essa insegurança. Todos os dias eu penso: será que meu trabalho ainda está garantido? Será que eu vou perder meu emprego hoje? Cada dia que eu saio de lá e trabalhei mais aquele dia e não fui embora ainda e não fui demitida, eu agradeço porque [...]é uma história diária, sabe? Uma hora eles podem decidir que não me querem mais lá e irão colocar uma pessoa que não tem problema, uma pessoa segura, então é uma luta diária. Eu meu torturo com isso sabe, será que é só comigo essa insegurança? Eu me pergunto se as outras pessoas que não têm deficiência possuem essa insegurança, porque parecem tão seguros [...]. Nesse emprego não preciso subir escadas. Ainda bem, porque eu não gosto de subir escadas, tenho dificuldades, é natural, é óbvio.

WILSON, com a idade de 26 anos, é radialista e locutor de um supermercado. Já foi casado e tem uma filha. Tem formação escolar completa no ensino Médio. Fez cursos técnicos na área de comunicação e de economia. Com 1 ano e 3 meses teve a paralisia infantil. Sua paralisia era generalizada, sendo então submetido a vários tratamentos e hoje consegue se locomover com mais facilidade usando muletas. Antes de ser contratado em um emprego fixo, trabalhou como padeiro, engraxate, vendedor de sorvete, na vidraçaria, no jogo do bicho,

como cambista e radialista também. Há 1 ano e 3 meses trabalha como locutor em um supermercado. Wilson, aparentemente muito confiante e interessado, revela, com um certo detalhe, a forma de como exerce seu trabalho, e, também fala de uma única dificuldade que vem enfrentando na empresa. É importante observar que Wilson tem se questionado sobre esse problema, não culpando as pessoas, mas possivelmente leva em consideração a necessidade de verificar e estudar a questão:

Aqui sou locutor da loja. Ou seja, eu fico divulgando os preços, as promoções, informando aos clientes o que tem e o que a loja oferece. O locutor acaba ajudando o cliente a comprar mais. E a loja precisa vender. Hoje em dia um empurrãozinho a mais sempre funciona. Eu ando com o carrinho por ser preguiçoso, eu não fico a fim de andar o dia todo. Eu podia andar. Na verdade, não me atrapalha em nada. Eu não vou ficar andando a pé se eu posso andar de carrinho, pois a tecnologia me favorece. O rádio não depende de muletas, não depende de cadeiras de roda. Rádio depende de sua voz. Da sua cabeça, depende daquilo que você faz. Da maneira como você fala. Então essa é a forma como eu trabalho no rádio, independente se eu fosse ficar numa cama e a parte superior de meu corpo funcionasse, eu seria um radialista. É claro que para mim a condução até a rádio fica mais difícil. Mas isso não me ocorre. A única dificuldade que enfrento é o preconceito. Sabe, as pessoas que têm preconceito, não têm culpa disso, porque elas não têm conhecimento da pessoa que estão lidando. A partir do momento que você passa a conhecer uma pessoa deficiente, você vai saber realmente como é que funcionam as coisas para ela. Por exemplo, para mim, quem me conhece já sabe como eu sou. Eu sou aquele deficiente que precisa e pede ajuda, senão fala muito obrigado porque posso fazer sozinho. E as pessoas, elas...a primeira impressão que elas têm de um deficiente físico é pensar: puxa, vou ajudá-lo porque ela não tem condições. Primeiro, as pessoas precisam perguntar se você precisa ou não de ajuda. É óbvio que aí vai da cabeça de cada deficiente. Tem deficiente que é orgulhoso, não quer ser ajudado. Se eu precisar eu peço. Então na maioria dos casos, por exemplo, namoradas, emprego, têm um poço de preconceito. Mas eles não têm culpa. Isso aí é uma coisa que não é hoje e não vai ser tão já que vai ser mudado. As pessoas simplesmente olham para você e se sentem penalizadas [...] Todos nós somos preconceituosos. Resta saber, e a ciência precisaria estudar isso, se preconceito é ou não é um defeito. É e tem ou não um grau de maldade. Geralmente quando as pessoas falam de preconceito normalmente falam com certo teor de maldade. Eu procuro me virar: dirijo moto, dirijo carro. Consigo nadar [...].

MARIANO, jovem de 23 anos de idade, é solteiro e tem formação escolar incompleta no ensino Fundamental. Estudou por algum tempo no Telecurso 2000 no SENAI, pretendendo continuar até o 3º ano do ensino Médio. Aos 4 meses de idade teve a paralisia infantil. Nos fala que, na época, moravam em um sítio e seus pais parecem não ter tido conhecimento da vacina contra a poliomielite. Com a idade de 10 anos iniciou alguns tratamentos para sanar seu problema, por intermédio de sua professora que, segundo Mariano, não se conformava com a situação dele, de vê-lo andando como um bebê, se arrastando e, conseqüentemente, esfolando os joelhos. Realizou 10 cirurgias para poder andar, porém, a equipe médica não tinha esperanças de que ele iria conseguir. Com a idade de 13 anos, um médico, confiando em

seus tratamentos, deu alguma esperança de que Mariano poderia andar. Depois de muita fisioterapia, consegue se locomover com mais facilidade. Há 1 ano trabalha em uma fábrica de sucos, exercendo a função de embalador de suco. Disse que, por intermédio da SORRI, onde participou do programa de capacitação profissional, conseguiu o emprego. Mariano, aparentemente muito atento, nos relata como desenvolve seu trabalho e comenta algumas dificuldades encontradas na empresa, que, possivelmente não afetam o seu desenvolvimento profissional:

Eu procuro trabalhar, eu embalo suco. Eu procuro trabalhar sentado. Quando estou cansado de ficar sentado eu trabalho de pé. Eu trabalho colocando o display do suco. Qualquer serviço que der, eu faço, e tendo condições que faço. Eu colo caixa, tudo. A maioria do serviço deles lá é manual, tem que colar display, tem que montar o display. É o pacote de suco que vai 20 pacotinhos de suco. Esse pacote é o display. Você o abre e monta. Nesse trabalho eu não encontrei muita dificuldade, porque eles me trataram bem. Deram condições para eu trabalhar. Nesse trabalho atual, eles me tratam muito bem, o pessoal me respeita. Lá têm rampas. Tem tudo. Tem algum outro degrau, mas não oferece dificuldade para mim porque eu estou já acostumando. Quanto a locomoção até o trabalho, utilizo o ônibus. A empresa tem ônibus particular que nos busca e nos leva. Em vez de darem o passe, a gente paga esse ônibus.

MARIANA, senhora de 47 anos de idade, casada, tem 3 filhos, estudou até a 7ª série do ensino Fundamental. Possui uma deficiência no pé desde o seu nascimento, que é uma deformação no osso. Com a idade de 18 anos, com algumas cirurgias realizadas, hoje pode andar usando bota ortopédica. Atualmente é trabalhadora autônoma, e exerce a função de vendedora de mel para uma empresa. Mariana, possivelmente resoluta e segura, fala resumidamente de como conseguiu o emprego e diz que não encontrou nenhuma dificuldade no trabalho. É provável que ela não tem dificuldades porque parece que sua locomoção, sendo a principal exigência de seu trabalho, não lhe traz grandes problemas tanto pessoais como profissionais:

Depois que vim para SORRI eu estava pensando em montar produtos de limpeza, daí eu fui trabalhar com minha irmã, para juntar um capital para começar. Mas não deu certa a sociedade. Daí eu comecei com um brechó informal, não deu certo porque o prefeito tirou de todos os trabalhadores. Ele tirou porque era informal. Não quis mais saber disso, ele achou que as barraquinhas não ficavam bem ali no local. Hoje estou trabalhando com vendas de mel, em casa mesmo. É pequeno, mas está gerando um pouco de renda. Mas eu quero é mesmo montar uma produção de produtos de limpeza. Eu sei que vou chegar até lá. Sou vendedora para uma empresa. A empresa fornece o mel para mim. Foi através de uma pessoa conhecida. Ela estava na casa de meu irmão, e ele perguntou se eu não gostaria de trabalhar com eles com revendas. Não vou até a população. A população vem até a mim. Eu vendo para população um produto limpo, lacrado e higiênico, é um mel de qualidade. As minhas dificuldades, no caso do melzinho, no começo, nas

redondezas onde trabalhava tinha várias vendedoras, mas a qualidade é em primeiro lugar, e eu não tinha dificuldade com meu produto e nem pessoalmente.

LUCIANO, com a idade de 52 anos é contador autônomo, casado, tem dois filhos, tem formação escolar completa no ensino Médio. Possui uma deficiência física em um dos pés. Aos 25 anos de idade se aposentou por incapacidade física. Aparentemente muito convicto, relata sinteticamente algumas opções de emprego informal, as quais pensa serem interessantes para seguir carreira. Fala também de algumas dificuldades para conseguir emprego formal, e questiona sobre seu benefício que recebe por apresentar uma deficiência:

Para mim, para arrumar um emprego devo me registrar com a lei social e tenho que me desligar da aposentadoria que é benefício. O benefício sempre recebo e será que o emprego vai me manter? Já fiz um teste em uma empresa aqui em Bauru, através da SORRI, mas não me chamaram ainda. Quanto ao emprego informal: Já havia pensado em ser escrivão, despachante, trabalhar com policiamento de carro e também ter um balcão de informações que informa as pessoas como se encontram lugares, bairros em Bauru, como se encontra a cidade, etc. Trabalho em casa com contabilidade, mas não tenho comércio aberto, para cada pessoa que eu atendo eu faço serviço de orçamento, contrato, aposentadoria, procuração.

DEMÉTRIO, jovem de 20 anos de idade, solteiro, desde criança estuda na APAE, tem formação escolar completa no ensino Fundamental. Há três meses trabalha em um supermercado, exercendo a função de empacotador. Trabalhou por algum tempo na CETESB, realizando atividades de estágio e treinamento para o trabalho. Depois, por intermédio de uma funcionária do supermercado, que possivelmente era encarregada de contratar trabalhadores deficientes, foi encaminhado e contratado para trabalhar nessa empresa. Possivelmente muito tranquilo e curioso, Demétrio relata como desenvolve seu trabalho na empresa e também fala de algumas dificuldades enfrentadas no trabalho, o que provavelmente exigem um maior esforço pessoal para ultrapassar obstáculos, além de desenvolver estratégias tais que poderiam levá-lo a exercer bem seu papel:

Não só aprendo a empacotar, como também outras coisas me ensinam: fazer devolução, atender o cliente, encaminhar o cliente para onde ficam os produtos nas prateleiras. Sempre mudam os produtos das prateleiras. Uma é trabalhar no supermercado e atender o cliente e não ter vergonha. Medo de aprender. Você não pode ter medo e nem vergonha. Meu medo é ficar com um monte de troco nas mãos para entregar para o patrão. Não devo olhar para os lados, olhar para frente e não ter medo. Se alguém me chamar, não olhar para trás e nem para os lados. Depois que levar o troco atendo o cliente. A minha maior dificuldade é não saber ler. Quando tenho que fazer a devolução do produto é complicado saber qual é a farinha com fermento e a farinha sem fermento. Então me falam essa é a farinha com fermento e essa é sem fermento. Eu leio os produtos pelos desenhos e conheço

o produto pela cor. Leio pouca coisa. Tenho medo de ler os produtos e segurar o dinheiro. Ali o máximo que você deve fazer é conhecer as pessoas, os clientes, você não precisa ter medo. Os clientes já me conhecem pelo nome e nem precisam olhar no meu crachá, já me chamam: oi Marcos, tudo bem?

ARIEL, 21 anos de idade, solteiro. Trabalha há 6 meses em um correio, onde exerce a função de registrador de cartas. Com 2 anos de idade sua família percebeu que, além do estrabismo, tinha miopia elevada e astigmatismo. Estudou em escola normal até completar o 3º ano do ensino Médio. Possui qualificação técnica em contabilidade e administração para trabalhar em gerência e também realizou cursos de informática. Foi através de seu primo deficiente físico, que freqüentava a Associação Batataense de Deficientes físicos (Batatais, SP), que conseguiu o emprego no correio. Parecendo muito atento e interessado, Ariel relata como desenvolve seu trabalho na empresa e também fala das dificuldades, possivelmente comuns para qualquer trabalhador iniciante, que enfrentou no seu trabalho. É interessante observar que ele revela de como superou certos obstáculos que talvez dificultariam sua adaptação em qualquer atividade a ser realizada:

As malas que chegam de Ribeirão Preto eu ajudo a abrir, ajudo também na parte de cartório, etiquetar e registrar, etiquetar entregas nas ruas. Mexo na parte de computação para fazer a pesquisa, passar algum registro. Quando as coisas ficam meio difíceis, a gente faz com que elas se tornem fáceis, então eu tenho um modo de facilitar o meu trabalho. Tenho que chegar um pouco mais perto por causa do tamanho da letra. Sem óculos dá para ver alguma coisa. No começo encontrei mais dificuldades. Agora elas se tornaram mais fáceis. A partir do momento que a gente faz parte do esquema as coisas passam a ser fáceis para a gente. Dificuldades [...]. Tudo no começo é meio complicado. A gente passa por várias modificações para se chegar a essa comodidade/adaptação que eu tenho agora. No começo eu pedia ajuda e o pessoal estava aberto para me ajudar.

MARLAN, senhor de 41 anos de idade, casado, duas filhas, tem formação escolar completa no ensino Médio. Há três anos e 9 meses trabalha como Encarregado Patrimonial e Técnico da Segurança do Trabalho em uma indústria de calçados. Teve paralisia infantil aos 9 meses de idade e começou a andar de muletas aos 5 anos. Nessa época, morava com sua família em uma fazenda no interior paulista, e, por causa da situação financeira e a falta de orientação médica, não tinham acesso à cidade próxima para a vacinação. Segundo Marlan, naquela época teve um surto de paralisia infantil na região. Nunca passou por tratamento médicos ou fisioterápicos. Diz que lhe dava muita febre, e sua mãe não podia fazer nada a não ser rezar. Atualmente anda com a ajuda de muletas. Marlan, possivelmente seguro e convicto, relata a forma de como vem desenvolvendo seu trabalho na empresa, além de revelar as dificuldades que enfrentou na busca de seu primeiro emprego, destacando uma certa

discriminação por apresentar a deficiência física. É provável que certos problemas enfrentados por ele poderiam também parecer comuns para qualquer pessoa que culturalmente são discriminadas ao buscar seu acesso no mundo do trabalho:

O trabalho na área de segurança do trabalho tem que ser um trabalho direto com os funcionários da produção que é na condição de eliminar o risco de acidentes, o dia todo eu estou dentro da produção, olhando e investigando a produção que as pessoas estão trabalhando, a situação do maquinário, se não tem maquinário em risco de acidente, e estou vendo também se tem algum funcionário trabalhando em condições inseguras. Então minha função aqui dentro é trabalhar na prevenção dos acidentes, então eu estou ligado diretamente como pessoal e fico andando dentro da produção. O trabalho de patrimônio fica todo sob minha responsabilidade, então eu tenho que ir atrás, tem muito maquinário em uma unidade, e tem que passar para outra, eu tenho que estar fazendo a transferência tudo direitinho [...]. Eu cuido também da parte particular do patrão, do banco, da fazenda, tudo. Hoje eu não tenho nenhuma dificuldade aqui e na outra empresa que trabalhava antes. Eu tive dificuldade para arrumar meu primeiro emprego. Porque o primeiro emprego eu ia procurar por ele, aí as pessoas viam a gente de muleta, deficiente, e não usavam a credibilidade. Minha mãe era mais interessada para eu arrumar emprego. E eu já tinha quase 20 anos e não trabalhava e a gente precisava, porque era de uma família pobre. Além de que a gente necessitava sentir útil. Eu passei muita dificuldade com isso, porque realmente as pessoas que já estão engajadas [...], é raro a gente ver essas pessoas darem oportunidades para um deficiente. Mesmo hoje nos dias atuais, é muito raro empresários, ou melhor, o chefe das empresas contratar deficientes, pois eles dificultam a entrada dos deficientes nas empresas. Você bate em uma porta e recebe uma desculpa. Eles não falam um não para você. Isso acontece muito, embora esteja na lei [...]. Isso precisava ser divulgado porque é lei. Toda empresa com muitos funcionários devem contratar deficientes, só que hoje em Franca, você achar 10 empresas com deficientes é muito. Deveriam pensar não no defeito, mas em dar valorização na capacidade do deficiente. Foi meu amigo me ajudou arrumar meu primeiro emprego. Eu me apoiei nele, porque eu ia a vários lugares e não conseguia. Daí, quando fui trabalhar na primeira vez, o chefe me chamou na sua sala e disse que eu ia fazer uma experiência de 45 dias, para verificar se eu ia bem no trabalho [...]. Quando chegou nos 45 dias ele me chamou na sala dele e me disse que eu superei todas as expectativas que era para eu continuar assim, porque eu estava me saído muito bem. Depois disso eu não encontrei mais dificuldades. Depois me tornei candidato a vereador, hoje eu sou suplente de vereador.

ARIANO tem 53 anos, casado, três filhos, é doutor em História. Com a idade de 21 anos ficou cego, devido uma cirurgia mal feita, o que provocou um deslocamento na retina. Na época era professor de História em uma universidade estadual. Declara que aposentou ao perder a visão, devido a universidade não lhe ter dado condições para dar continuidade na carreira. Atualmente, trabalha como diretor em um Arquivo Histórico da Prefeitura de sua cidade. Ariano, aparentemente muito confiante e empático, fala como desenvolve seu trabalho, e relata uma única dificuldade que vem enfrentando, possivelmente não só profissionalmente, como também na sua vida pessoal e particular:

Como é uma direção, é fácil: eu traço as diretrizes da instituição e observo a execução delas. Agora, quem faz tudo são as funcionárias e as estagiárias. Nós

discutimos e traçamos as diretrizes, e apuramos na medida que elas estão sendo exercidos ou não. São documentos...e não tinha condições de ler...Elas lêem para mim, essa coisa toda. Como eu já estava encaixado na vida, bem localizado na produção....Era professor, com doutorado, era vice-prefeito, então não tinha dificuldades, para mim foi muito mais fácil. Porque grande parte daquela bagagem cultural que eu podia adquirir já tinha adquirido. Você não pode parar de ler, alguém lê para mim. É mais devagar, o que eu fazia em um minuto, faço em meia hora hoje, mas faço. Hoje tem computador que lê. Se o livro vem disquete, aí facilita. Mas isso é hoje, antes não existia isso. A fundação Dorina Doril, manda os livros para você ler, os livros falados. No computador, é um programa que se chama Virtual Vídeo, para quem é correntista do Bradesco. A dificuldades, é que as coisas são mais demoradas agora que estou cego.

b) Perspectiva e conhecimento sobre trabalho

JOEL, parecendo muito tranquilo, coloca a importância da formação profissional para exercer qualquer tipo de trabalho, e não apenas para se ter algum título. Como conclusão, fala o que para ele significa realmente o trabalho:

Eu tinha uma vontade muito grande de fazer uma graduação em arquitetura, é o meu grande sonho. Mas diante das dificuldades financeiras que tenho na família e não dispondo de um salário razoável para manter a faculdade [...]. o meu maior sonho é arquitetura ou engenharia. Por outro lado, para eu entrar numa faculdade particular para exercer a função que eu realmente gostaria, não teria a mínima condição. Diante de tudo você ter uma graduação para ter um cartucho e dizer que eu tenho uma graduação e não exercer, eu acho que se você se sacrifica dentro de uma faculdade para exercer a profissão, ótimo, é válido. Agora se você faz isto simplesmente para ter um cartucho em casa, quer dizer, eu não acho legal. Trabalho é função e profissão e a prática disto.

MARIETA, aparentemente convicta, relata sobre trabalho e perspectiva de oportunidade de emprego hoje em comparação com épocas passadas. É possível que a formação escolar e outros não tinha tanta importância para se conseguir um emprego há 40 anos atrás. Marieta, parecendo sincera, tem questionado a situação de jovens graduados que saem em busca de emprego:

Eu acho que nós somos uma classe privilegiada, estou falando de minha época para cá em relação ao trabalho. Nós terminávamos uma faculdade e já praticamente já éramos caminhados para trabalhar em alguma coisa. Não tinha essa expectativa que tem hoje. Você vê bateladas de alunos que saem das faculdades sem perspectiva nenhuma praticamente. Só para ter um exemplo prático, por exemplo, eu estava assistindo debates políticos, as campanhas e tal e de repente eles focalizaram um fábrica de calçado e por coincidência focalizaram uma ex-aluna minha passando cola no sapato. Eu ainda fiquei pensando nisso, a dificuldade que essa aluna deve ter tido para pagar 4 anos de universidade, no curso de Letras, a gente via que ela...E hoje ela passa cola no sapato, ela então não está exercendo profissão nenhuma, que ela cursou em 4 anos, eu falo assim porque eu tive contato com ela e a gente via as dificuldades que ela teve para pagar a universidade. Eu até esqueci

da campanha política e fiquei preocupada com aquela aluna passando cola. Ela seria assim um tipo representativo da maioria dos alunos que saem de uma faculdade, têm exceções, chances, valores, tem muita coisa que entra em discussão, mas de uma forma geral eu acho que os jovens hoje, que estão se formando hoje, não têm perspectivas como tinha antigamente, embora tenha em termos de globalização, de modernidade, de pesquisas, mas ainda fica meio restrito para quem está se formando agora. Eu penso muito nisto também.

LUCIO, parecendo um pouco tímido e inseguro, fala resumidamente o que pensa a respeito de trabalho. Provavelmente, Lucio se encontra realizado em seu trabalho, e para ele, não apresenta grandes dificuldades, quem sabe dependendo do tipo de função que se exerce. É interessante verificar como ele encara o trabalho:

Trabalho é uma coisa boa. Dependendo do trabalho, você até se diverte. Não é uma coisa assim difícil.

LILIANA, possivelmente interessada e resoluta, diz o que é trabalho, destacando os seus benefícios financeiros e pessoais, não deixando de mostrar seu aparente entusiasmo quando faz referência a sua incansável luta para conseguir seu emprego. É interessante notar que, mesmo se sentindo insegura, segundo seu relato, quanto às chances de ser inserida no mercado de trabalho, parece que seu empenho foi importante e decisivo, demonstrando que, provavelmente, a desistência, o desalento e o comodismo, tanto das pessoas deficientes como de outras, podem influenciar na visão trabalho e mundo do trabalho:

Na minha vida? Ah, para mim é me sentir útil, me sentir viva. Quando eu fui fazer a entrevista com a D. Sonia, a vice-diretora da escola, eu falei assim para ela: olha eu tenho a oportunidade de me aposentar, eu corri atrás, eu bati nas portas para perturbar muita gente, mas eu posso me aposentar, mas acho que seria morrer em vida. Trabalhar para mim é ser útil, é colaborar, é dar minha parcela de contribuição ao mundo, é viver. Trabalhar para mim é viver. Os dias em que eu fiquei desempregada, eu quase entrei em depressão, quase pirei, eu acordava de manhã, ia orar, e falava agora o que faço hoje, e enquanto muitos iam aproveitar as férias e coisa e tal, eu só queria trabalhar, porque trabalho me faz sentir útil. Não sei se todo mundo é assim, mas na minha cabeça, produzir, trabalhar, contribuir para o mundo girar, sabe, é viver [...] trabalhar é viver. Sem dúvida nenhuma, quanto a isso, da necessidade de trabalhar, não tem nem o que falar. Só para você ter como exemplo, quando eu fui fazer a entrevista, eu fui empolgadíssima, eu nem acreditava que estava fazendo uma entrevista, eu achava que não ia dar certo porque era a primeira, tem gente que faz dez, até conseguir um emprego, mas só o fato de você ser cobrada para fazer uma entrevista, já me animou demais, e eu sai de lá e esqueci de perguntar quanto era o salário; aí todo mundo me perguntava quanto é o salário, e eu dizia sabe que eu esqueci de perguntar, para mim não era importante o salário, era voltar a trabalhar, sabe assim [...]. É claro que é importante, é fundamental, mas primeiro era o emprego. A partir do momento que eu consegui o primeiro emprego, apesar de ter encontrado tantas dificuldades, quando eu sai de lá, de outro emprego, eu sabia que antes de terminar de receber o seguro de desemprego eu estaria trabalhando de novo, isso só dependia de mim, eu tinha essa certeza. Na época de dezembro eu ia deixando meu currículo, e os outros falavam, não... Minha família, meu irmão, não calma, todo mundo está de férias, agora não vai encontrar nada não né? E Eu ia deixando meu currículo, pessoal

entrando de férias e eu na luta, todos os dias de manhã, toda a semana eu fazia aquele roteiro. E, graças a esse currículo, e essa divulgação, em Janeiro comecei a trabalhar. Então quer dizer, foram nos meses mais difíceis. Para todo mundo, para uma pessoa normal, aliás todos com quem conversei eram normais, e eles me falavam a mesma coisa, dezembro todo mundo está de férias, fica tranqüila, lá para fevereiro, março você irá conseguir alguma coisa. E eu afirmava para mim todos os dias: não, eu quero trabalhar agora, eu quero arrumar um trabalho agora. Então com essa determinação eu fiquei só dois meses desempregada, e eu não terminei de receber meu seguro de desemprego. Por outro lado eu tenho amigas normais, se é que hoje em dia existam pessoas normais, porque eu não sei o que é normal. Eu tenho amigas assim, que estão um ano desempregadas, e são inteligentes, têm colegial, já trabalharam em escritório, então não sei se é falta de garra ou falta de oportunidades, mas eu acho assim que oportunidade a gente é que cria, você corre atrás, você batalha. Até ontem eu passei à tarde me lembrando de uma frase que fala que sorte é quando você junta conhecimento com oportunidade, isto que é sorte né? Para mim é isso, porque na hora em que apareceu o emprego lá no colégio, eu já tinha uma certa experiência anterior disso e muita vontade de não ficar parada, meu objetivo é isso, ficar estudando, prestar concurso, eu quero melhorar.

WILSON, aparentemente curioso e seguro, relata sobre a independência pessoal, financeira e profissional como um dos aspectos mais importantes que, possivelmente, se deveria buscar no trabalho. Questiona também sobre formas de locomoção e tecnologia que, parecem ser primordiais quando se fala em acessibilidade dos deficientes físicos. Sua perspectiva quanto ao trabalho não deixa de ser interessante, uma vez que, provavelmente, com suas conquistas, pretende obter uma vida mais estável:

Por exemplo, eu graças a Deus, não dependo só da minha voz. Se eu tivesse que fazer um trabalho de secretário, trabalhar em uma vidraçaria, numa oficina mecânica, qualquer setor que eu estiver desenvolvendo uma atividade, eu consigo. Embora eu tenho algumas limitações, sim, mas eu consigo. Porque a deficiência não me deixou tão inativo a algumas coisas, mas o trabalho que eu vejo, é um trabalho...é algo que você tem que ter, para você ser um profissional realizado e infelizmente hoje a gente necessita de uma cota mensal, para você pagar suas dívidas, porque sua vida é cara, independentemente o que é melhor. Eu acho que a primeira coisa que um deficiente físico tem que ter é um pouquinho de independência, e não é só financeiro. A independência que eu preciso me manter é tipo assim: a mãe e um pai que têm um filho deficiente, quando...eu levo para esse lado porque meu pai e minha mãe não se esforçaram muito comigo. Não que eles eram pais despreocupados e irresponsáveis. É que eles, desde que eu era criança, perceberam que eu era uma criança que eu podia...eu briguei muito com minha mãe, eu queria sair de casa e ela não deixava. Eu fui muito rebelde e saía de casa mesmo assim. Eu queria pescar e ia pescar, nadar eu nadava, eu queria brincar com molecada na rua e ia para rua. Ela achava que eu ia me envolver com drogas, e eu falava para ficar sossegada que eu não ia me envolver com esse tipo de coisa. Então o que acontece com o deficiente físico: eu vejo a maioria das pessoas que anda de cadeira de rodas que não tem condições de se locomover como eu tenho, elas se sentem presas, elas se sentem realmente dependentes. Mas é também porque as pessoas da família dela ou alguma coisa que poderia motivá-las, não tenha feito. É bom deixar claro que a minha forma de locomoção é muito mais superior que de outros deficientes físicos. Porque eu consigo tanto andar de muletas, como andar de cadeira de rodas, andar de moto, de dirigir um carro. Tem deficiente físico que não consegue sair da cadeira de rodas. No caso falta um pouco de tecnologia para eles. Porque a tecnologia tem favorecido muito os deficientes, a ponto de criar os carros

que são fáceis de serem pilotados, enfim, cadeira de rodas mais inteligentes. Os sistemas de transportes públicos, as lojas de acesso. Tem deficiente físico que não tem condição dele propriamente se mover, de subir numa cadeira de rodas, de subir numa cama, ir ao banheiro, então ele não tem condições. Ele vai ficar o resto de sua vida dependente, não vai ter como. A não ser que venha uma tecnologia que torna a perna dele funcionante, o braço dele. Eu não me comparo, eu não digo superior, é que eu sou mais livre para poder falar isso. A deficiência não me afetou tanto como afetou para muita gente. Eu sou cara que gosto de fazer sucesso, e fazer sucesso não é querer ficar famoso, simplesmente para falar: eu sou o cara, não é isso. Quero ter uma vida mais estável, pode ter minha casa própria, um carrinho, poder dar mais conforto para minha família, para meus pais, e ter uma vida mais favorável. Eu já tenho conquistado muitas coisas: rádios, eu quero chegar a nível nacional, para poder gravar canto para as pessoas, eu quero desenvolver meu trabalho nesse sentido.

MARIANO, mostrando-se tranquilo e confiante, fala do trabalho como algo necessário e importante para, quem sabe, se viver melhor e ainda ter uma ocupação e uma utilidade. Provavelmente, a necessidade de que Mariano se refere pode estar relacionada ao ato de ajuda pessoal e familiar, pois o consumismo, principalmente o básico, não só é necessário como também pertinente na vida de qualquer pessoa:

O trabalho que eu faço lá [...] às vezes a gente até pensa em ser promovido. Conforme o seu trabalho, você pode ser promovido. No meu caso, eu posso ser promovido a controle de qualidade. Às vezes, um salário melhor, minha própria família, continuar ajudando minha irmão e meus pais, e continuar trabalhando e sempre, porque [...]. Porque se você não está empregado e precisa comprar qualquer coisinha, você precisa de dinheiro. Se não tem emprego, você fica em casa parado. Se você fica parado em casa, como é que vai comer e viver? E tudo aqui na cidade você paga. Lá no sítio, você não paga nada. Se quiser uma fruta lá, lá tem de tudo. Aqui eu aprendi que sem dinheiro você não vive. Você precisa do trabalho. Porque você mora aqui na cidade, se você não está empregado e precisa comprar qualquer coisa, você precisa do dinheiro. Se não tem emprego, você fica em casa parado. Se você fica parado em casa, como é que vai comer, viver? E tudo aqui na cidade você paga. Lá no sítio você não paga nada. Se quiser uma fruta, lá tem de tudo. Aqui eu aprendi que sem dinheiro você não vive. Você precisa do trabalho porque trabalho pode te dar dinheiro para você viver aqui na cidade. É, o trabalho também contribui, eu gosto de trabalhar, não gosto de ficar parado. Posso até concluir que eu ganho pouco, mas prefiro trabalhar a ficar parado. O trabalho é útil para você não ficar desocupado.

MARIANA, parecendo muito segura, relata resumidamente o que significa o trabalho para ela. Possivelmente, o trabalho autônomo ou informal, para Mariana, é o mais importante atualmente, pois revela que, sendo aposentada e tendo uma deficiência, dificilmente irá conseguir um emprego formal. Talvez o estigma e o preconceito ainda dificultam o acesso das pessoas, tanto deficientes como outras, no mundo do trabalho:

Trabalho envolve [...].É muito bom porque abre a mente da gente, e também aumenta a renda familiar, e você cresce. É uma necessidade. Ele faz parte da vida

da gente. Estou aposentada e tendo uma deficiência vai ser difícil conseguir emprego em algum lugar. Batalho para conseguir um trabalho autônomo.

LUCIANO, aparentemente simpático e solícito, fala sinteticamente sobre o trabalho globalizado. Parece que questiona sobre o despreparo dos trabalhadores para enfrentar as mudanças na economia. É importante observar que possivelmente Luciano, sendo uma pessoa mais experiente (52 anos) e tendo uma visão crítica a respeito do trabalho e suas relações, poderá construir estratégias, para desenvolver com mais habilidade seu trabalho:

Hoje o desemprego no Brasil está generalizado. O mundo do trabalho está passando por mudanças, devido a globalização. Muitos trabalhadores estão confusos e ansiosos, pela insegurança de um emprego estável. Trabalho em casa com contabilidade, mas não tenho comércio aberto, para cada pessoa que eu atendo eu faço serviço de orçamento, contrato, aposentadoria, procuração. O trabalho para mim significa empenho e dedicação, sempre gosto de tentar novas soluções para problemas que surgem no dia a dia.

DEMÉTRIO, mostrando-se interessado e empático, diz o que sente a respeito do trabalho. Fala também da sua vontade de mudar de atividade na empresa, possivelmente porque pretende passar para outras pessoas o que aprendeu no trabalho, além de aprender a realizar uma nova atividade. Quem sabe aprecia desafios ou conquistas, e, talvez poderiam ser considerados como aspectos importantes para seu enfrentamento no mundo do trabalho:

O trabalho é uma coisa boa, legal. Não é coisa ruim. Você aprende também a se modificar. Saber fazer o trabalho. Como recolher os carrinhos. Separar os carrinhos maiores e pequenos [...]. Esses outros serviços que as pessoas fazem. Pode ser que um dia eu chegue a trabalhar com as pessoas. Então um dia viro gerente e não mais empacotador.

ARIEL, aparentemente muito atento e comunicativo, relata alguns aspectos referentes ao trabalho. Cita algo sobre cidadania e direitos. É interessante notar que possivelmente trabalho não é visto por Ariel, em primeiro lugar como necessidade, mas sim quem sabe a lutar para garantir seus direitos. A importância do relato de Ariel está provavelmente na maneira como descreve o trabalho, como algo de direito aos deficientes de forma geral:

Eu tive acesso a uma revista interessante e achei importante uma reportagem que estava falando sobre os deficientes de forma geral. O tema era sobre cidadania. Provavelmente, a população de Franca tem 30000 deficientes. É difícil porque as empresas, os patrões, ainda não estão [...]. Por obrigatoriedade, as empresas tendem a contratar um funcionário deficiente. Como nos concursos tem uma colocação de até 20 %, os deficientes ainda têm oportunidades de seguir uma carreira normal. Eu posso esperar é que as coisas para a gente possam melhorar

cada vez mais. As pessoas, eu particularmente, tenho uma atividade normal. Eu jogo bola [...] só que a parte de trabalho, a turma que tem alguma deficiência é muito presa. Muitos não conhecem ainda seus direitos.

MARLAN, possivelmente atento e convicto, relata sua visão sobre trabalho. É importante observar que fala sobre trabalho como algo importante para o complemento pessoal de toda e qualquer pessoa. Seu sentimento a respeito de seu emprego é positivo, pois provavelmente obtendo uma vida estável e se valorizando como trabalhador dentro de uma empresa, o desenvolvimento pessoal e profissional seria uma conquista diária e acessível:

Trabalho é uma busca do seu, da sua integração social, do seu complemento do seu eu. Você não trabalha e automaticamente você não tem o dinheiro. Se você não tem o dinheiro, você não tem condições de sobreviver uma vida dentro dos padrões do que a gente, nós o ser humano [...] nós viemos aqui para ter uma vida adequada. Se você não trabalha, não produz, você não adquire nada. O trabalho é a forma de você ter o seu espaço aqui, a sua participação. Para mim trabalho é a coisa mais gratificante do mundo. Eu adoro trabalhar, eu adoro meu serviço, eu não me completo sem o trabalho. O homem, toda a pessoa tem que ter um trabalho.

ARIANO, aparentemente muito atento e interessado, relata sobre a importância de se trabalhar e gostar de trabalhar. Possivelmente, o mais importante para Ariano é o trabalho como ambição, necessidade e complemento, tanto para as pessoas deficientes como para outras. É interessante notar o seu relato sobre a eficiência e a deficiência:

O trabalho é fundamental. Quando você trabalha você não cansa, você distrai. O grande problema é trabalhar em lugar que não gosta. Aí é difícil, meia hora que trabalha cansa. Quando é uma coisa que se sabe fazer e gosta, não se cansa. O ambiente se torna bom. Sem o trabalho você não vive. A pior coisa, seja cego, seja paraplégico, seja perfeito. Tem que ter ambição, porque o trabalho é o complemento da vida, é a nossa vida. Em primeiro lugar o trabalho é necessário para sustentar a família. Goste ou não goste, tem que trabalhar. Mas é preferível estar satisfeita, trabalhando no que goste. Você não pode ficar parado. É para todo mundo não só para deficiente. O eficiente parado fica deficiente.

c) Expectativas em relação à sociedade e à vida futura

JOEL, mostrando-se sincero e interessado, fala de algumas dúvidas a respeito do comportamento da sociedade de modo geral em relação às pessoas com deficiências. Expõe as dificuldades que elas enfrentam para lutar pelos seus direitos e como a sociedade deveria agir diante dessa questão:

Olha, sinceramente eu não sei, eu tenho dúvidas quanto à cabeça da sociedade em geral, se as pessoas vão mudar diante do tipo do problema que é o meu. Quer dizer,

houve uma mudança muito grande desde 15 anos atrás até a data de hoje [...]. Mas, mesmo assim, eu acho que as pessoas ainda barram as pessoas portadoras de deficiências. E muitas das vezes também, no dia a dia, você vê uma certa rejeição das pessoas. Eu sinto isto na pele, mas faço de conta que não vejo, quer dizer, desde que me entendo por gente eu tenho esse problema. Então na minha cabeça é o seguinte: já que tenho esse problema eu tenho que conviver da melhor forma possível e não são as pessoas, que às vezes são até inferiores a mim, que vão me derrubar perante a vida. Mas não acredito numa visão liberada mesmo da sociedade diante das pessoas portadoras de deficiência não só a física como uma outra deficiência também. Quanto ao futuro: eu acho que deveria ter uma concordância no geral, das autoridades, dentro da cidade, por exemplo. Eu acho que isto deveria partir lá de cima, e eu acho que isto não é bem pensado, não é discutido e colocado em prática. Eu como portador de deficiência física, existe uma lei estadual e federal que prevê o não pagamento de tarifas de ônibus coletivos dentro das cidades, entendeu? E quando eu fui receber tal benefício, nunca usei esse programa em lugar nenhum. Tudo que consegui até hoje foi com muito sacrifício e luta. Quando cheguei a ponto de requerer esse direito, tive que tirar xerox das leis e levar para eles que iriam me dar tal benefício para provar que tal coisa existia. Fica bem claro que a coisa não é bem por aí. Tem certas pessoas que não têm conhecimento dessas coisas. E a minha perspectiva para o futuro é exatamente essa: uma dúvida muito grande, se é que vai ou não melhorar as coisas no geral para uma pessoa portadora de deficiências. Eu acho que a sociedade tem que estar preparada para receber, mesmo com o desenvolvimento da tecnologia, da medicina, da prevenção, mas ainda acontecem casos como esse [...]. Eu acho que deveria haver uma forma de tratamento especial, uma visão mais aberta referente a essas pessoas.

MARIETA, parecendo sincera e convicta, fala sobre a questão da esperança, possivelmente como uma necessidade às pessoas que buscam o acesso ao mundo do trabalho. É importante notar que essa perspectiva, para Marieta, está mais ligada aos jovens, que talvez, mais que os adultos, estão buscando algo novo, novas descobertas, enfim de uma vida melhor:

[...] Então, umas das coisas que teria de dizer seria esperança, não eu não teria isso não. É lógico que tem muita coisa ainda a ser oferecida, estudada, descoberta, e [...] pelo menos isso a gente tem percebido uma busca, e se não tem perspectiva, o jovem está buscando alguma coisa, se não tem perspectiva delineada. Mas os jovens estão buscando, estudando, estão tentando alguma coisa para melhorar, têm esperança, e a gente assim mais velha, que analisa meio de lado isto, a gente percebe que realmente eles precisam ter muita esperança, senão não tem como conciliar emprego com esperança, de vida melhor de falta de cultura, desemprego [...].

LUCIO, aparentemente muito atento e curioso, relata o que gostaria de alcançar futuramente, além de comentar sobre ser aluno da APAE e aceitação da sociedade. É interessante observar que Lucio fala da deficiência como algo inerente a todas as pessoas:

Eu quero que seja muito bom. Quero ter minha própria casa, família. Até que não tenho muito problema em ser aluno da APAE. Tem gente que fala que na APAE só tem doido. Espero que me aceitem do jeito que sou. Acho que cada um tem seu problema e sua deficiência.

LILIANA, possivelmente interessada e sincera, revela seu sentimento sobre a atitude da sociedade em relação aos deficientes. Parece que Liliana tem muita convicção do que espera alcançar com seu trabalho e estudos. É provável que o comodismo não é um comportamento adequado às pessoas que lutam para conquistar e alcançar algo melhor:

Da sociedade, espero mais respeito. Respeito como ser humano, sabe? Deficiente físico não é um ser do outro mundo, só que um pouco de respeito como todo ser humano deve respeito a outro ser humano. Eu acho que a gente deve ser mais respeitado. O futuro? Ah eu quero estudar muito, eu quero trabalhar muito, eu quero me desenvolver mais. Do primeiro trabalho para o segundo eu já dei um pulo muito grande, quanto ao conhecimento, ao salário, tudo melhorou, e agora desse, para o próximo eu quero que melhore mais ainda, então eu tenho objetivo de até fazer faculdade, eu estou estudando para prestar vestibular esse ano ainda, Direito ou Serviço Social.

WILSON, parecendo muito convicto e questionador, cita alguns aspectos negativos sobre a sociedade, e por outro lado fala sobre o favorecimento da tecnologia. Relata também suas esperanças de uma vida melhor e suas conquistas. Quanto a isso, possivelmente, Wilson tem tomado iniciativas sozinho, não esperando nada de ninguém, devido algumas dificuldades já vivenciadas ou talvez já superadas por ele:

Da sociedade eu não espero nada. Eu acho que se eu não fizer ninguém irá fazer por mim. Por exemplo que não demonstro para as pessoas que eu sou capaz se eu não conquistar meu espaço no meio, porque eles são a maioria, não adianta eu querer ir contra eles. E muito menos querer que eles vão até mim, ninguém vem. Um outro por interesse ou por [...] mas é muito pouco. Trabalho porque eu acho que as coisas acontecem a partir do momento que você dá uma iniciativa, então da sociedade eu não espero nada. A tecnologia tem sido muito útil e favorece. Quero ter uma vida mais estável, poder ter minha casa própria, um carrinho, poder dar mais conforto para minha família, para meus pais, e ter uma vida mais favorável. Eu já tenho conquistado muitas coisas: rádios, eu quero chegar a nível nacional, para poder gravar canto para as pessoas, eu quero desenvolver meu trabalho nesse sentido.

MARIANO, provavelmente reflexivo e esperançoso, relata seus sentimentos a respeito do comportamento da sociedade e de algumas pessoas em relação a ele. É possível que algumas atitudes negativas tomadas pelas pessoas e pela sociedade no modo de encarar as pessoas com deficiências, estejam relacionadas à falta de preparo e de uma educação mais adequada, que contribuem para construir mais discriminações e estigmas para com os deficientes:

Eu espero que a sociedade trate melhor os deficientes, e as nossas leis possam ser mais abrangentes, para podermos conquistar nossos direitos. A gente é tão discriminada. Já me xingaram, já me ofenderam. A gente espera que no futuro isso não possa mais acontecer com nenhum de nós. Eu estava andando na rua uma vez, e nem toquei em um cara, e foi um acidente, em vez dele me pedir desculpas, ele me ofendeu. Eu fiquei quieto, mas a culpa não foi minha, porque ele veio e me atropelou. Muitas pessoas, a sua cidade, ela está preparada, mas têm muitas pessoas que não entendem, não estão preparadas para conviver com os deficientes. Eu acho que deveria ter um trabalho de educação com toda a sociedade para que isso não ocorra. No futuro espero assim constituir uma família, que é o sonho de todo mundo, porque ainda sou solteiro, tenho 23 anos, e espero construir uma família um dia, quem sabe.

MARIANA, mostrando-se muito simpática, relata resumidamente o que espera alcançar futuramente, em relação a um emprego e ao seu crescimento pessoal. É possível que Mariana já tenha uma certa convicção ou um plano já traçado, que nada poderia impedir de conquistar seus sonhos:

Gostaria muito de um emprego, formal ou informal, seguro. Na minha vida futura, espero ter a minha casa própria. E através desse trabalho, posso chegar lá... A aposentadoria é um dinheiro que você não pode esperar futuramente. É um início. Tenho que crescer. A minha idade eu esqueço dela.

LUCIANO, aparentemente reflexivo e questionador, revela, em poucas palavras como tem encarado a sociedade e o que espera realizar no futuro. Provavelmente sua forma de expressar esteja relacionada à sua convivência e a sua maturidade (52 anos) de ver e entender o mundo do trabalho:

Trabalho em casa com contabilidade, mas não tenho comércio aberto, para cada pessoa que eu atendo eu faço serviço de orçamento, contrato, aposentadoria, procuração. Espero conseguir um emprego de escrivão, eu vou tentar novamente. Nós brasileiros somos muito acomodados. Do jeito que as coisas vão, você pode trabalhar a vida toda e se aposentar com um salário mínimo. Aí, a gente fala que o governo deveria pagar bem todo mundo.

DEMÉTRIO, parecendo muito atento e curioso, fala de suas esperanças em relação ao seu trabalho, e de aprender algo novo. É possível que Demétrio tem demonstrado muita força de vontade de conviver melhor na sociedade, e no ambiente de seu trabalho. Talvez ele é uma pessoa acessível, pronta para receber novidades e novas experiências:

Eu espero que um dia eu possa trabalhar em mais lugares. Um dia posso trabalhar no açougue, na peixaria. Espero um dia trabalhar nessas atividades e ensinar outros como põe a mercadoria, tudo, ajudar as pessoas. Venho sozinho para o trabalho. Se a mãe levar, nunca vou aprender a andar de ônibus sozinho. Melhor aprender, vai que um dia eles mudam você de mercado. Eu posso até um dia chegar a montar uma família. Por enquanto não, eu prefiro morar com meus pais.

ARIEL, possivelmente muito alegre e empático, relata sobre algumas atitudes da sociedade para com os deficientes que precisariam ser mudadas. Fala da atitude das autoridades para encarar e ajudar melhor os deficientes. É importante notar que Ariel parece ter muita vontade de continuar estudando e lutando, quem sabe para contribuir ainda mais para seu crescimento pessoal e profissional:

Eu espero que a sociedade possa ser um pouco mais coerente com as pessoas que têm deficiências. Que as pessoas também possam exigir das autoridades para fazer algo mais por ela. As autoridades responsáveis possam dar mais atenção para a categoria, porque eles desconhecem o mundo que estão perdendo. Eu pretendo fazer o 2º e o 3º ano de administração ou fazer o curso de Serviço Social na UNESP. Eu quero prosperidade, lutar e vencer.

MARLAN, aparentemente tranqüilo, relata o que espera alcançar futuramente por meio de seu trabalho. É importante observar que parece que seu futuro está muito relacionado com seu trabalho, e o que importa no momento para ele é quem sabe produzir para adquirir e encarar o futuro:

Eu espero trabalhar enquanto estou forte com saúde, graças a Deus. E na hora da minha velhice, espero estar tranqüilo e ter um dinheiro para continuar sustentando minha família. Enquanto estou trabalhando hoje, espero estar adquirindo alguns bens, de adquirir uma renda para o futuro, então eu tenho que fazer agora enquanto estou com saúde. Eu também não quero ficar a minha inteira trabalhando nesse corre, corre. Então eu trabalho hoje vendo o futuro.

ARIANO, parecendo muito sincero, fala da sociedade e do futuro como parte da história. É importante notar que Ariano, sendo um historiador, relata sobre a tolerância e o respeito da vida, possivelmente como fatos a serem encarados na e pela história, para melhor compreensão da sociedade:

Sou meio pragmático. Quem faz a história, quem sente, quem mergulha na história, é mais tolerante a respeito da vida, é mais compreensivo. Quem estuda os antigos, os medievais, os homens do século XIX, aquelas brigas, aquelas utopias, você vai aprendendo mais a respeito do ser humano. Nós estamos evoluindo sempre, para virar ser racional, porque devemos pensar que descendemos do macaco e não dos anjos. Temos que ter esperanças de que o mundo vai melhorar.

d) O que pensa sobre política, a vivência do brasileiro na sociedade e no mundo do trabalho, e a compreensão a respeito da qualidade de vida

JOEL, aparentemente muito convicto, diz não gostar muito de discutir sobre política, por outro lado tem uma visão muito interessante sobre a qualidade de vida e a vivência do brasileiro na sociedade e no mundo do trabalho:

A política para mim, é uma das coisas que eu não faço nenhuma questão de discutir [...]. Eu acho a política um mundo tão sujo, que sinceramente eu nunca despertei curiosidade nenhuma, eu nunca tive interesse nenhum em absolutamente em qualquer mundo da política. Eu acho que a cabeça do político brasileiro está muito fora de órbita, estão lutando por um interesse praticamente particular, que está às vistas de todo mundo aí nem precisa falar muito sobre isso, eu acho que não é bem por aí, eu acho que o político que realmente ache em fazer realmente alguma coisa pela sua cidade, pela comunidade em geral, deveria pensar com a cabeça, e não por si próprio, ele não deveria pensar particularmente, ele deveria pensar justamente pelo âmbito nacional, estadual, dependendo do grau dele na política. A sociedade anda muito corrompida, está evidente isto. Mas eu acho que um pouquinho mais de trabalho dentro disso aí, muitas coisas podem ser alteradas e melhoradas com certeza, né? Os jovens de hoje já estão com a cabeça diferente, por exemplo, crianças de 10 anos vêm discutindo assuntos que quando eu tinha 10 anos não discutia de jeito nenhum. Eu acho que, sabe, está caminhando bem, mas assim tem que abrir um pouco mais a cabeça desse pessoal. O brasileiro na sociedade e no mundo do trabalho...Eu penso o seguinte sobre isso: há abusos de poder absurdos por aí. Eu vejo, assim, por exemplo, têm pessoas aí, que sacrificam 30 dias para ganhar um mísero salário, e às vezes, não é reconhecido um segundo sequer, certo? Eu acho assim que, sei lá... Eu acho meio complicado para eu falar sobre isto, sinceramente. Eu penso que têm pessoas que se dedicam muito em cima de uma determinada coisa e têm outras que não se dedicam absolutamente de nada. Muitas pessoas aí dão a sua última gota de sangue por um trabalho por uma vida melhor perante a sociedade e outras não fazem nada por isto, quer dizer, ela é o ciclo da vida. Eu acho [...]. Acho que nossa qualidade de vida está péssima, muito ruim mesmo, você entendeu? Quer dizer, a gente luta dia a dia, para melhorar a cada dia, mas as coisas normalmente, há dificuldades enormes por aí, né? Quer dizer, eu acho que não dá para a gente lutar sozinha, outras pessoas têm também que dar uma força, enxergar, que não só elas como outras pessoas têm que também sobreviver. Às vezes as pessoas estão totalmente fora de seu caráter, exatamente por isso: há uma guerra muito grande entre o certo e o errado, e normalmente o errado supera o certo.

MARIETA, parecendo muito sincera, fala de alguns aspectos negativos e positivos em relação a política brasileira. É possível que Marieta questiona a qualidade de vida relacionada ao trabalho, ao lazer e a acessibilidade. É importante notar como ela tem explanado a respeito dessa qualidade de vida e a vivência do brasileiro, principalmente das pessoas deficientes no mundo trabalho, possivelmente tentando relacionar aceitação, preconceitos, preparo e entendimento da sociedade para com as pessoas e suas deficiências:

Política não é o meu fraco, mas está difícil, acho que são poucos que têm assim realmente um objetivo correto, honesto e vontade de melhorar tudo isso, mas especialmente porque a gente percebe a desonestidade, a corrupção, essa [...] a gente liga, acessa qualquer coisa e só mostra esse lado meio pobre da política. Mas voltemos a esperança, né? No sentido que existem poucos que lutam e idealizam

alguma coisa de bom, a gente pelo menos, a população tem senso crítico para saber se tem... a maioria da população não tem senso crítico. Tudo gira em torno a esperança, que população tenha mais senso crítico na hora de votar, que tenha por eleito mais conscientização, menos corrupção, então é até meio abstrato falar nisso, mas não é generalizar falar que é tudo uma porcaria, porque não é, têm coisas boas ainda, têm coisas boas, eu acho que as pessoas têm que se conhecer, têm que conhecer a situação e ter senso crítico também. Vamos pensar a partir da qualificação para o trabalho – seria a educação. A educação, essa educação [...] a gente começa a questionar como vai ser a educação, né? Ela oferece educação para o trabalho? Essa qualificação para o trabalho, quando ele consegue trabalho ele consegue qualidade de vida? Então eu acho que de uma forma geral o Brasil está caminhando, está rastejando, estou tentando chegar a qualidade de vida, porque você percebe que não tem qualidade de vida, não tem. Quem está começando agora e consegue, vamos ver emprego e alguma coisa assim, trabalho é uma jornada imensa e não tem [...]. Assim trabalhar para sobreviver e a qualidade de vida que eu entendo seria também o lado do prazer, do lazer, da [...], né? Esse lado de poder sentir e de viver [...]. Então eu vou começar [...]. Infelizmente assim na seção eu vou entrar um pouco no pessoal, eu tenho sempre quando eu saio assim de analisar de forma geral também. Eu acho que o deficiente físico a princípio ele teria que receber aí que entra a educação para o trabalho e qualidade de vida também. A princípio eu acho que ele teria de receber uma reeducação mental. Quando eu falo que acho que a pessoa deveria se conhecer melhor seria nesse sentido. Então a partir do momento que ele tiver conscientização de aceitação, de aceitação no sentido de negação não nesse sentido. Aceitação assim: ele é o que o que e ele vai ter que se virar com que ele é. As pessoas vão oferecer coisas, vão oferecer afeto, vantagens, alguma coisa assim, vão e não vão, vai ter barreira vai, não vai ter barreiras, ele tem que mentalizar a realidade dele. Eu acho que a partir do momento que o deficiente físico aceita a realidade dele e ele tiver uma mente boa, uma cabeça aberta ele vai saber contornar tudo isso e conseguir alguma coisa, uma vida normal entre aspas, por exemplo. Agora o que acontece? Acontece, mais uma vez eu alo para você que sou privilegiada, que eu não tive barreiras, mas de uma forma geral a gente percebe que o deficiente é uma pessoa marginalizada ele se considera uma pessoa marginalizada e acaba ficando marginalizado pela sociedade também. Então por exemplo, em termos de arquitetura, é muito difícil a não ser em Curitiba [...] os acessos que têm as cidades planejadas oferecem assim todas as possibilidades para o deficiente, acho difícil. Preconceito eu acho que tem, ele vai ser admitido no trabalho se tem alguma deficiência? Aqui em Franca tem um Centro que está começando agora, para encaminhar para algumas empresas, e algumas já contratam o portador de alguma deficiência. Mas às vezes eles são barrados mesmo. É chato falar nisso. Nós, eu tenho que me incluir nisto porque eu sempre tenho, talvez por causa de meu título, embora meus pais tiveram só uma base educacional, eles tiveram uma sabedoria divina muito grande de que desde criança eu sentia a realidade e tentar superar aquilo ali. Então quando eu falei eu fico meio chateada no sentido assim de [...], você sente [...]. A partir do momento que sinto a realidade eu tento supera aquilo e não sofrer algum tipo de preconceito contra a mim mesmo e contra os outros, ou vice-versa. Então eu acho que para mim tem enorme diferença [...]. Se a sociedade está preparada, eu acho que ainda não, mas se já surgiu algum centro ou instituição é uma coisa importantíssima para isso aí, porque é levado às empresas e as empresas estão começando a aceitar. Eu acho que Franca está abrindo um pouquinho mais o espaço, principalmente com o deficiente visual. Agora um paraplégico, um tetraplégico, talvez ainda sofra um pouco na questão da arquitetura, de urbanismo, nesse sentido aí. Engraçado quando se pensa em deficiente já se pensa em cadeira de rodas [...]. Tanto é que o censo, tem perguntas assim, quando se quer ver se a casa tem alguma deficiente: deficiência física nas pernas é uma questão, deficiência visual e deficiência mental, já vieram três vezes aqui em casa porque não sabiam onde me colocar. Não, a pessoa do censo não tem noção do termo deficiência.

LUCIO, parecendo muito atento, diz o que pensa a respeito da sociedade brasileira e da política. Cita aspectos negativos e positivos, quem sabe não deixando de mostrar a noção que tem a respeito da vivência do brasileiro nessa realidade. É importante observar também como ele fala sobre a qualidade de vida:

Acho que a sociedade brasileira é muito boa. Só que a política não é [...]. Em vez de ajudar a sociedade [...]. Ela não nos beneficia [...]. Alguns partidos até são sinceros. Não sou muito de política. A sociedade de futebol até que é muito boa. Acho que emprego depende de nós, ter que fazer nossa parte. Têm uns que têm de estudar. Tem muita gente que nem tem a primeira série. Mas uns que com ajuda conseguem. Eles não têm culpa que tem que trabalhar quando criança para ajudar em casa. Agora tens uns que estudam [...]. A qualidade é muito boa, só que não está desenvolvida. Se cada família tivesse um salário bom, seria melhor. Tem que melhorar mais. O Presidente podia fazer alguma coisa mais. Cada vez mais o que já faz.

LILIANA, possivelmente muito interessada, relata suas decepções e esperanças em relação à política e à sociedade. Talvez Liliana tem vivenciado algumas dificuldades de relacionamento para com as pessoas, mostrando-se sincera ao falar da sociedade francana que tem atitudes preconceituosas para com as pessoas deficientes, em comparação com outras cidades. Por outro lado, é interessante observar como relata sobre a qualidade de vida, em nível de acessibilidade, educação e saúde, e o que fazer para melhorá-la:

Eu já me decepcionei tanto, correndo atrás de político, na esperança de ter algum retorno, sabe assim [...] eu não me mantenho alienada, é claro que eu me mantenho informada e tudo, mas eu não espero muito deles não, eu espero de mim, porque quando eu precisei, eu nunca pude contar, com políticos não, então eu faço a minha parte, eu espero que eles façam a parte deles, né? Já seria o suficiente. Em Franca [...] eu acho que são muito preconceituosos sabe? Falam que eu sou antiquada porque o vizinho faz o churrasco na calçada do lado e se brincar, jogam até os copinhos na sua calçada, e nem te cumprimenta. Eu senti isso desde quando eu vim para Franca. Goiás não é assim, o povo é mais caloroso. Tudo mundo que eu conheço que vem de fora reclama daqui de Franca. Agora da sociedade de um modo geral, sabe que eu nunca parei para pensar nisso? Eu acho assim, para melhorar cada um tem que fazer a sua parte, tomar consciência da sua obrigação, cumprir bem do que tem, fazer sua parte, não ficar esperando tudo de graça, nada, porque a gente que tem que correr atrás [...]. O brasileiro no mundo do trabalho de forma geral [...]. Eu acho assim, quando a gente quer a gente consegue, qualquer ser humano. Sabe, eu acho que é muito de cada um. Você quer, você batalha, você corre, e você luta atrás, você consegue. Quando dizem assim ah, eu estou desempregado faz 6 anos, porque eu não consigo porque, se faz, então pára e analise, porque alguma coisa de errado tem, porque só depende da gente, querer mudar uma situação, querer conquistar uma coisa, querer melhorar, só depende de cada um de nós mesmo. Eu acho que cada um tem de fazer bem a sua parte. Hoje eu acho que gente tem de batalhar muito, depende muito de cada um. Do quanto cada um lutar para mudar. Eu mesmo acho que sou uma pessoa que tinha tudo para estar debaixo de uma ponte, de onde eu vim. Eu nasci lá no interior de Goiás, no meio de um mato enorme, que não dava nem para imaginar de sair de lá, eu vim parar aqui, e hoje eu até falo para minha filha: filha, hoje, você parar, se eu te contar a minha

vida na tua idade, hoje nós somos ricos, sabe, rico mesmo, a gente não tem nada, mas se eu te contar o que eu vivi na tua idade, você é rica. Porque ela está em uma ótima escola, não falta nada, tudo o que ela precisa, ela tem, no colégio Jesus Maria José, e lá é um colégio particular. Então, não falta nada, de roupa, a comida, tudo o que precisa, o básico, a gente tem condição de dar [...] e ela tem o principal, e eu sempre do lado dela. Ela fica comigo até no trabalho à tarde, ela fica lá dentro, eu sei que ela está estudando, fazendo teatro, lá é seguro. Eu fui criada pro mundo e hoje eu tinha tudo para ser prostituta, uma drogada, uma mendiga. A vida, se eu falar por esse lado [...]. Hoje eu batalhei para que não fosse assim, então eu acho que a gente correndo atrás, lutando, você tem muita condição de mudar, de melhorar, sabe, e a condição de vida hoje é muito mais fácil de que antigamente. Hoje você tem mais oportunidade de lutar. Está certo, que em alguns lugares ainda é complicado, foi que eu te falei, sempre tem que chegar, que perguntar, ainda mais eu que sou baixinha, dá vontade de pegar a bengala e colocar em cima do balcão, porque eles não vêem, eles olham para sua cara, às vezes eu chego em primeiro lugar da fila, quando eu vou direto assim, então eles falam que eu estou no lugar de outros, daí eu tenho que mostrar a bengala e falar: não eu estou direita, eu tenho direito. O governo tem que fazer a sua parte. A saúde, por exemplo, não depende de mim ir lá no INPS, e mudar para o melhor do mundo. A minha vida pessoal depende de mim para mudar para uma condição melhor par anão precisar de um INPS da vida. É isso que eu quero dizer. As pessoas às vezes se acomodam, sabem, na pobreza, na doença, falam é isso que está reservado para mim, Deus quis assim [...]. E eu não concordo com isso. O INPS, essas associações do Governo, depende do governo melhorar, mas depende da gente também, botar a boca no trombone, mostrar que não está satisfeito, lutar para que melhore. Agora a vida pessoal de cada um, só depende de si para mudar, correr atrás, de lutar para não precisar sofrer numa fila de INPS.

WILSON, aparentemente simpático e interessado, conta com detalhes o que sabe e o que pensa sobre política e a sociedade que vivenciamos no passado e hoje. Cita alguns aspectos interessantes sobre e a acessibilidade dos brasileiros, particularmente das pessoas com deficiências, no mundo do trabalho. Sobre a qualidade de vida, possivelmente mostrando-se sincero e convicto, questiona alguns aspectos negativos em relação a vida do brasileiro, e o que governo deveria fazer para melhorar:

Eu vejo a política hoje bastante doente. A gente vive em um sistema de coronelismo que existia no Brasil em alguns anos. Você sabe que a melhor coisa que aconteceu no Brasil foi a ditadura. Porque com a ditadura voltou a ter um pouco de organização, mas aí tirou a liberdade e expressão do povo. Então o povo liberdade de expressão só que não soube se manter nessa democracia que hoje nós vivemos. O povo confunde democracia com badernismo, e com liberação geral de tudo. Tem que haver um certo controle de tudo. Hoje as emissoras de TV foram obrigadas a se adaptar a um certo controle de qualidade que está muito liberal. Então tudo tem que haver um controle de qualidade, assim como a política. Hoje as leis que estão lançadas, que o cara tem que prestar contas do que gastou, isso já tinha que ter sido feito há muito tempo. O que ocorre que o Brasil deixou muito o que fazer, é fazer tudo aquilo que não é interessante. Você não precisa falar do Brasil para ter uma noção [...]. Porque quando você faz uma pesquisa, você não entrevista todo mundo, você só entrevista uma pequena parte da população. Então vamos colocar São Carlos como uma parcela da população. O que o nosso governo fez? Há dez anos praticamente não se fez nada de melhoria para a cidade. O governo é muito defeituoso, não investiu nada na área do esgoto [...], saneamento, enfim, e várias outros defeitos. Então eu acho que a política é doente. Agora essa nova geração que

está chegando aí, eu acho que até o pessoal dos outros partidos terem errado, o PT entrou e mostrou que ele é capaz, embora não confio plenamente no PT, mas diante do que eles estão fazendo, eu gosto muito da política. A política trai muito, mas eu gosto da política da forma como ela é manejada e não da forma como ela é feita hoje. Existe uma diferença de política e politicagem. A maioria das lojas não tem hoje o acesso a deficientes físicos. Existe uma média dos deficientes que andam muito e aqueles que não andam nada. São Carlos deixa muito a desejar, e principalmente no transporte. Eu por exemplo consigo subir no ônibus, qualquer grau que seja, escada alta baixa, eu subo. Mas há deficientes físicos que não conseguem. Se não for com uma ajuda de um ou de outro, eles não conseguem. Começando pela educação dos motoristas. Você entra pela porta da frente, o cara nem espera você sentar, e já toca o ônibus. É um ou outro departamento que oferece condições para o deficiente físico poder entrar ou sair. É o seguinte: tem que fazer um estudo para fazer um levantamento de quantos deficientes físicos temos na cidade, e estudar caso a caso. Em relação aos deficientes físicos, cada caso é um caso, não é simplesmente criar um padrão de atendimento ao deficiente físico, e esse padrão servir para todos. Nós temos aqui, eu conheço alguns deficientes físicos que são inteligentíssimos, um que gosta de mexer com computação, outra não tem as mãos e os pés, mas pinta como ninguém com a boca, pinta cada quadro lindo. Então eu acho assim: Pra você resolver o problema do deficiente físico, é muito fácil, mas você teria que ter uma equipe especializada estudando caso a caso, fazendo o que poderia ser feito com cada deficiente físico, estou falando de São Carlos. No Brasil nem adianta eu falar porque eu não sei. O brasileiro é um povo muito pacato. Esse é o problema. Se você for colocar uma média de ambição, você pode perceber que o existe de ambição hoje [...] nós temos um povo aqui no estado de São Paulo, um pouco no Rio de Janeiro e alguma porcentagem nos outros estados. Mas, norte em geral e o povo do sul não tem ambição de vida, de crescimento, de progresso. Isto faz mal, porque o cara que vem lá do norte desesperado para conseguir aqui em São Paulo, o que ele quer [...] quer defender o pãozinho de cada dia, isso para ele está bom. Se ele conseguir comida aquele dia está bom. Não é por aí. Ele deve constituir uma casa, um lar decente. E outra coisa, as pessoas em termo de trabalho: a maioria não quer trabalhar, realmente dar duro, ela quer um emprego, quer o fácil. Isto está errado. Agora se você for colocar trabalho, se todo mundo for querer trabalhar na cidade, estamos mortos, vai se fazer o quê? Precisa ser feito um trabalho de descentralizar o emprego das capitais, das cidades, e desenvolver o campo. Porque hoje nós dispomos de técnicas agrícolas maravilhosas. O deficiente físico poderia estar empregado nesse tipo de trabalho. Essa é minha maneira de pensar. A nossa qualidade de vida é péssima. A gente come mal, dorme mal. Não temos lazer. Eu por exemplo, é claro que tenho condições para isso. Eu posso, se eu quiser sar do Extra nesse momento ir lá na piscina, nadar, pescar ou fazer qualquer outra coisa que me distraia [...] você sabe que o ser humano hoje é muito estressado, essa nossa vida urbana nos estressa, porque você trabalha, paga a conta, você tem problema político, a família nos tira um pouco o lazer. Mas é porque o governo não oferece lazer. E agora com esse negócio do “apagão”, o governo não só engatou, puxou o freio de mão, como ele engatou a ré também. Então nós estamos regredindo. E tudo isso vem a criar um certo estresse, uma certa depressão a população, que é normal e natural, e é perigoso e nocivo, mas nós não temos, e a nossa qualidade de vida é péssima, embora moramos num país onde as condições do clima são totalmente favoráveis. É o descaso, esse apagão está sendo um prejuízo, e há mais de dez anos já foi previsto, e na verdade o governo não fez nada. Que é o seguinte: hoje existe o ministro da energia que o São Pedro. Hoje criou até um personagem – o ministro São Pedro. Se chover o suprimento de água sempre favorável para que ser gerado a energia, mas o apagão reduziu a economia mais uma vez. E você vê: hoje a gente tem aqui empresas grandiosas querendo vir para o Brasil. Eu estava lendo a respeito de uma matéria na Veja sobre umas empresas que ainda pretendem mesmo assim vir para o Brasil, e ameaças de algumas grandes empresas que hoje estão fazendo, porque senão se normalizar essa situação, nós vamos ter o caos disparado dentro de pouco tempo. Imagine você: a política é muito peculiar, se estávamos comendo merda, agora a merda não vai dar. O

governo dita as leis assim 24 horas por dia. Você não tem respeito pelo telefone que você usa, pelo automóvel que você dirige no tráfego, você não tem direito na energia que chega a sua casa, na água que entra no esgoto e a que sai. Precisa nem falar dos impostos: você vê algum retorno do imposto que você paga? Nós somos desrespeitados. O Código do Consumidor, os seus direitos não são respeitados, você só tem deveres, nunca recebe nada em troca.

MARIANO, talvez mostrando-se reflexivo, relata sobre nossa política, do modo de vida do brasileiro, de governantes, eleições, investimentos do governo, enfim, quem tenta relacionar alguns aspectos sobre como o brasileiro está vivendo nessa realidade e no mundo do trabalho. É importante verificar de que forma Mariano fala sobre a qualidade de vida, a segurança, as escolhas e a acomodação das pessoas, possivelmente para aceitar a realidade como está:

E não sou muito bom de política. A qualidade, o modo de vida do brasileiro ainda continua [...]. Uns ganham mais outros ganham menos. Acho que todo brasileiro pensa que um dia isso se iguale. Não deveria ter pessoas ricas e pobres. Acho que deveria ser tudo equilibrado. Acho que todo brasileiro espera que um dia a desigualdade social termine. Que nas próximas eleições a gente espera que melhore, escolher quem governar para que não ocorra mais o que está acontecendo. A crise de energia, o governo em vez de investir na educação, na saúde, desemprego, principalmente no desemprego, que só tem aumentado nos últimos dias e cada dia, e a crise de energia, muitas empresas estarão fechando as portas, demissões vão estar [...]. Até esse trabalho nosso ali no SESI, até agora não sabemos de nada. São mais de 300 empregos diretos, se for ter que demitirem, quase todos da fábrica vão falir, se tiver de parar. Então espero que nas próximas eleições que se aproximam, nós possamos escolher um governante que não deixe acontecer o que aconteceu agora. A culpa do racionamento foi do governo. O governo deveria ter educado a população para não gastar muita energia. Se o governo estivesse evitado com programa de educação, avisando o povo, isso aí não estaria acontecendo. Então o culpado é o governo. A classe mais atingida é o pobre. A do trabalhador. Acho difícil ter um governo nas próximas eleições que possa estar mudando tudo isso. Um fala uma coisa, você bota fé neles [...]. Eu não vejo muita esperança, mas a gente sempre, a esperança nunca morre, mas eu não tenho muita expectativa. Pode entrar o que for lá, vai continuar na mesma coisa, porque eles falam, falam, falam [...]. Você vota, depois chega na hora, tudo acontece diferente. A gente tem uma pequena esperança. A gente sabe que é muito difícil acontecer. Eu acho que o povo brasileiro, pelo jeito que a Globo vem falando, o governo, a televisão. Eu acho que nas próximas eleições, o povo irá eleger o próprio governo da oposição. Ou o Lula ou o Ciro Gomes. Hoje em dia a qualidade de vida dos brasileiros não tem muitas opções. Ele trabalha, a violência tem aumentado. Hoje em dia, o brasileiro, em muitas cidades grandes, tem que ficar trancado dentro de casa, porque quando sai para o trabalho, chega em casa e ainda corre o risco de ser baleado. A qualidade de vida do brasileiro é muito baixa. Claro que existem outras capitais que tem de tudo, praia [...] mas mesmo assim, se você for na praia hoje, corre o risco de ser assaltado. A jornada de trabalho é de 8 horas. Se for para eles reduzirem a jornada de trabalho iriam que reduzir o salário também. Para não perder o emprego, prefiro essa jornada de trabalho, para que não reduza nada. Saiu uma pesquisa que pra o povo viver bem aqui no Brasil o salário deveria ser em torno de R\$420,00. O brasileiro deve seguir em frente e procurar lutar, se for para se acomodar, vai voltar ao passado. O mundo de hoje, a globalização não permite isso. Você tem que pensar uma coisa hoje e fazer amanhã. O brasileiro é um pouco acomodado. Falta ânimo. O povo brasileiro já aprendeu a

aceitar. Ele sabe se não aceitar iremos ficar todos no escuro. Ele está meio revoltado. Meus colegas ficam meio bravos, mas no fundo no fundo eles querem cooperar e ajudar. Eu acho que nas próximas eleições o povo brasileiro irá estudar as propostas de cada um. O povo brasileiro parece que não é mais tonto.

MARIANA, parecendo muito atenta, fala resumidamente o que pensa a respeito da política e seu apoio para com as pessoas deficientes. Porém, observando seu relato, poderemos refletir sobre alguns aspectos da sociedade e da qualidade de vida, que se aplicam a qualquer pessoa, possivelmente quando enfrentam o mundo do trabalho:

A política e a sociedade deveriam apoiar mais os deficientes, não só os que têm capacidades diferentes da gente. A sociedade deveria ver o lado das oportunidades e do apoio para a gente trabalhar. Aqui no Brasil tem muito locais que deveriam dar mais chances para a gente. A gente sempre espera uma oportunidade e melhoras. A qualidade de vida do brasileiro depende de nós. No nosso caso, já que não tínhamos um local adequado para trabalhar, nós tínhamos que ter outro lugar. Nenhum deles conseguiu, estão nas ruas. Sou vendedora para uma empresa. A empresa fornece para mim. Foi através de uma pessoa conhecida que eu consegui esse trabalho. Ela estava na casa de meu irmão, e ele perguntou se eu não gostaria de trabalhar com eles com revendas. Não vou até a população. A população vem até a mim. Eu vendo para população um produto limpo, lacrado e higiênico, é um mel de qualidade.

LUCIANO, demonstrando tranqüilidade e atenção, fala da relação entre política e sociedade. Sua visão a respeito do assunto parece trazer reflexões pertinentes e desafiadoras, o que nos levaria a questionar sobre a situação atual que estamos vivenciando. Luciano possivelmente tem muito conhecimento a respeito desse assunto, quando cita também algumas formas de melhorar a qualidade de vida do brasileiro:

Eu gostaria que melhorasse a situação que estamos vivendo. Dar um basta na corrupção, e o político trabalhar com mais honestidade. Essas pessoas e crianças que ficam pelas ruas, não deveriam ser chamadas de vagabundas, pois a gente não sabe o que realmente aconteceu com elas. Penso que o brasileiro deva estudar, ter uma boa educação para ter um bom trabalho e também uma boa alimentação para não ir doente trabalhar. A nossa qualidade de vida está presente na gente, no dia a dia. Conhecemos as pessoas pelo rosto quando não estão bem alimentadas. Muitas vezes falta a educação alimentar. Hoje o casal com mais de três filhos, a situação fica pesada. Para se ter vida saudável, deveremos aprender. Como estrutura, faltou a educação para nós. Se não tem escola, deveremos aproveitar aquilo que está à nossa disposição.

DEMÉTRIO, procurando manter-se atento e interessado, relata sua perspectiva a respeito da situação das pessoas diante da política e da sociedade atualmente. Sua fala é clara e concisa, não deixando de citar aspectos principais que considera importante para melhorar a situação do trabalhador. É importante verificar a simplicidade de seu relato, uma vez que

Demétrio expõe a obrigação da política para melhorar a situação do brasileiro, além da necessidade do trabalhador também fazer sua parte:

A política pode acabar com a violência, as drogas. Eu vejo pessoas que não têm onde morar, outras não tem pai nem mãe. Dar uma casa para quem não tem, acabar com a violência, procurar emprego. Ter boa vontade e pique para trabalhar, ir atrás de emprego, a pessoa consegue, consegue pagar água, luz. Eu acho que daqui [...]. Se esse país não acabar com a violência, esse país nunca vai para frente, nunca vai manter a cidade e o país. Esses políticos devem arrumar emprego para esses meninos que não tem o que fazer em casa. Porque com esse emprego vai acabar com toda essa violência. A nossa vivência é boa, está cada vez melhor. Para quem trabalha deveria ganhar mais. Esse país está bom, está se modificando. Tem lugares que estão bem outros não. Aqueles que não tem emprego, pira mais ainda. Não tem uma boa saúde, uma boa vida. Com emprego você pode ter do bom e do melhor.

ARIEL, parecendo se interar adequadamente ao assunto, fala sobre a situação de vida do brasileiro, relacionando a política com o mercado de trabalho, além de citar aspectos referentes à economia e ao comportamento do brasileiro como político e como cidadão. Refletindo sobre a qualidade de vida das pessoas, é interessante verificar que Ariel possui uma visão crítica a respeito. Seus relatos fluíram naturalmente, mostrando que tem uma opinião formada sobre o assunto discutido:

Eu acho que agora a política [...]. Que a população está caindo em si e estão vendo quem são os verdadeiros governantes. Porque nós pegamos a ditadura e as diretas JÁ em 1985. Ninguém ouvia falar nem conhecia o que acontecia dentro do senado, do cenário político. Ninguém tinha acesso. Todos aqueles que queriam encontrar as éticas da política na época sofriam condenações. Hoje 'falcatruas' e outras coisas aparecem assim na nossa frente [...]. Agora as coisas estão sendo descobertas. Na sociedade em geral. Se fosse para a gente levar em consideração na lógica da convivência é meio complicado, porque você não tem liberdade de sair de casa, de confiança, de ter um amigo, está meio complicado. As oportunidades [...]. Há muito abuso de poder perante os mais impotentes. Políticos roubando, mostrando os erros dos outros. Afinal das contas, todos são mascarados, uns roubam mais que os outros, comparo a sociedade como uma salada mista. Todos os partidos estão debatendo temas atuais que estão acontecendo. Um dos principais temas seria o desemprego. Mas ninguém consegue empregar todos os brasileiros da noite para o dia. Da mesma forma eu digo não adianta promessas, já que o barco está dentro d'água, e se você está no oceano, e não conhece bem o curso da água, do mundo, você estará perdido. Mesma coisa eu considero a política hoje, está todo mundo perdido, querendo fazer com que a população poupe ou caia na realidade. O brasileiro em relação a outros países, tem, principalmente no estado de São Paulo, estado rico de grande potência no mercado internacional, nacional, mas no mercado brasileiro, o brasileiro ainda está muito bem diante dos outros países, fora de conflitos que podem atingir a tua convivência nesse país. Eu considero Brasil um país intermediário, mais em esquema de emergente, subindustrializado, seria aquele que precisaria uma força muito grande para poder se estabelecer e mudar na categoria do mercado. Sobre a parte industrial está muito bem. Há uma grande diferença social. Se a gente puder pegar a qualidade de vida de um americano e comparar com a qualidade de vida de um brasileiro, é totalmente diferente. A forma de vida, os sistemas financeiros, em termos de capitalização financeira, em geral são bem diferentes. A segurança no modo de viver, a parte de justiça é muito

diferente. Tem um ditado que se diz assim; aqui se faz, aqui se paga. Muitas coisas que os Estados Unidos fizeram com outros países, eles receberam agora. O que aconteceu foi uma resposta de outros países mostrando que não estão mortos. Essa bactéria e outras coisas têm mostrado o que os americanos têm causado e causam. Eu sempre costumo estar bem informado por revistas e jornais. Eu acho que têm poucos brasileiros que têm uma visão crítica de tudo que lê e escuta. Uma boa música, por exemplo, traz fluídos positivos. Na década de 70 e 80 podemos ver que a educação estava bem. Na década de 90 houve uma regressão. O que o professor ganhava por hora era muito pouco. Eu acho que na classe de professor não tem professores capacitados para exercer essa função. Digo isso nas federais e nas estaduais. Eu acho que aqui há uma minoria de doutores das áreas que podem mostrar o caminho para essas pessoas mais jovens, o caminho do sucesso. O bom empregado é aquele que se faz através de uma boa experiência [...] Comparo com os professores. Está difícil o aluno ter aulas decentes. Eu não culpo só os professores, mas também o governo por ter criado essa lei de não repetência. Eu acho que a greve vai muito da categoria do sindicato. Se a greve tem uma categoria forte, segue em frente – para se exigir o direito que todos têm.

MARLAN, aparentemente interessado e convicto, expõe sua opinião a respeito da sociedade e da política de forma geral. Fala intensamente e questiona sobre a necessidade do brasileiro viver com mais vontade a política, além de opinar sobre algumas mudanças necessárias e importantes que deveriam ocorrer no cenário político do país, talvez porque tem uma certa experiência e vivência como político e exercendo o papel de suplente de vereador em seu município. É possível que Marlan tem suas razões quando destaca a política como aspecto principal a ser considerado para melhorar a sociedade e a vida do trabalhador:

É assim a nossa política: A cada hora que você liga a televisão, liga o rádio, ou conversa com um amigo, e você fala de política, você escuta assim: ah, não dá mais votar, todo mundo é vagabundo, é ladrão, isso é espelho do que vem acontecendo desde a época da ditadura. Na ditadura tudo isso acontecia debaixo dos panos, e com maior teor ainda de gravidade. Hoje, isso tudo está aparecendo na televisão, esses escândalos políticos é porque estão mostrando... Desde quando estão mostrando isso, o povo não elege mais aquele político. Cada um de nós contribui com sua cidade, com seu município, estado e país. E aquelas pessoas que gente elege não estão fazendo direito, a gente também é culpada disso. Se eu fico falando que eles são ruins, e não fazendo nada, então devo me candidatar, não adianta ficarmos só falando [...]. Então eu me candidatando eu vou eliminar um daqueles. Tudo gira em torno de política, então as pessoas deveriam aprender a gostar de política e a participar [...]. As escolas deveriam preparar os jovens para viver a nossa política, pois eu cresci ouvindo que nosso país está nas mãos dos jovens. Hoje a gente vê muitos velhos no senado. Está certo, conta também muita experiência, mas eles já fizeram sua vida, e não estão preocupados com a sociedade. Estão ali pelo interesse. Acho que nossa política é muito mal constituída. Eu acho que está caminhando para melhorar. A maior parte desses jovens que trabalham aqui, eles vem para trabalhar para cumprir o horário deles, chegou 4:30h da tarde, eles viram as costas e não querem nem saber de nada, o cara não está ligado que ele não produzir não tem emprego. Então por quê? É má formação? Então eu tenho que trabalhar pensando que você está fazendo parte do país, é como diria um dia uma pessoa que estava lá na NASA: estou ajudando o meu país chegar a Lua. A nossa qualidade de vida, eu sempre digo: cada um tem a vida que quer. Se eu não me esforçar em trabalhar eu vou viver uma condição pior, se eu trabalhar, se eu me esforçar, eu vou ter melhores condições, ter melhor salário, e ocupar um lugar com melhores condições na sociedade. Pela política do país por tudo, há muito

desemprego. O país também pode ajudar, porque têm pessoas que têm boa vontade e não conseguem empregos. Aí ele está com dificuldade aonde não teria condições boas. Eu acho que a cidade, as indústrias, todo esse pessoal, isso tudo também vem contribuindo para a formação da pobreza. Desde que houve aquele êxito do pessoal do campo para a cidade, aquilo sobrecarregou as cidades. As pessoas do campo sempre foram criadas no campo, nas fazendas, e chegando nas cidades, não tinha emprego para todo mundo. E aí, a política do país não deu condições básicas para os fazendeiros tocarem seus empreendimentos e manter-se lá, com os mesmos direitos que um empregado tem na cidade.

ARIANO, demonstrando firmeza e equilíbrio, relata sua opinião a respeito da política e da sociedade e da qualidade de vida do brasileiro, relacionando alguns aspectos importantes sobre o passado e o presente. Sua perspectiva referente ao assunto mostra-se crítica e questionadora. Cita temas como cultura, economia, partidos, privatização, educação, enfim, sua fala é clara, concisa e completa, mostrando que possui uma vasta experiência profissional e acadêmica, possivelmente por ter já vivenciado a função como vice-prefeito e professor universitário de história:

Sou do PSDB. Mas sou ajudando o PT. Aqui eu chamado por causa da política. Aqui eu faço de acordo com o PT, porém sou a favor do Fernando Henrique. Porque eu acho que ele tem a visão do estadista. Todos iriam errar. Mas acho que a política dele com correções é a melhor. Economia e sociedade estão ligadas [...]. Sou favorável a privatização porque elimina as despesas do país [...]. Elimina os cartórios, as burocracias. A privatização translocada não poderia existir. Nós somos de um país novo ainda. Há 1500. Nesse espaço de tempo, tivemos uma coisa ruim chamada escravidão. Que na época foi importante. Com os braços de escravo, poderia conquistar, plantar a terra, foi importante em termos econômicos. Depois já não foi. A culpa é nossa, é de todos nós, de não ter preparado o escravo para a liberdade. Simplesmente usamos ele como mão escrava, e depois como mão escrava ficou, e depois a liberdade nada foi como descartar o problema. O problema está aí, os sem terra, os sem cultura, os sem educação. Esse é um grande problema nosso. Então nós temos alguns problemas graves que vem se arrastando, desde há muito tempo. E não podem ser resolvidos de uma hora para outra. Apesar de todos os pesares, o Brasil melhorou muito em termos políticos, econômicos [...]. Na época em que fui vice-prefeito nossa meta era melhorar a qualidade de vida para todos. O Brasil também melhorou também, em termos de qualidade de vida. Hoje estamos vivendo uma democracia. Hoje podemos falar, discutir, sobre tudo [...]. A qualidade de vida da classe pobre. Aqui em Franca, por exemplo, não temos favelas, o povo até que vive bem. Aqui se emprega a mãe, o pai, o filho. A situação do favelado de São Paulo: A situação deles ainda está melhor de um nordestino que passa fome. Porque lá tem luz, água, emprego e médico. No sertão não tem nem isso.

e) Representação de sua deficiência

JOEL, parecendo uma pessoa muito tranqüila e positiva, fala sobre a sua deficiência como algo que não lhe causa muita preocupação:

Essa deficiência para minha cabeça não representa nada. Eu a encaro com a maior naturalidade do mundo, eu não sinto dificuldade nenhuma a não ser alguma, em termos de locomoção, fora isso eu encaro na maior realidade. Eu nunca tive complexo nenhum de qualquer coisa. Vou atrás daquilo que eu preciso, de todas as formas que forem necessárias.

MARIETA, demonstrando simpatia e serenidade, relata que sua deficiência não lhe traz grandes problemas. Conta uma pequena história de como superou grande parte de sua deficiência física, além de comentar como a enfrenta atualmente:

Para isso eu nem sei se vai interessar, mas eu vou ter que falar para você também. Eu nasci com a mesma deficiência que eu tenho nos braços, nas pernas. Então o pé um pouco entortado para trás, os ossos não eram interligados, nem os nervos, eu teria que fazer três cirurgias nas pernas, três nos braços. Eu morava em Delfinópolis, SP e teria que ir para São Paulo. Então não havia possibilidades nenhuma que eu andasse. E [...] me emociono quando penso nisso. Quando eu tinha 5 anos, falei que eu ia andar, que eu ia caminhar, que eu ia, que eu ia, que eu ia [...]. Meus pais são muito religiosos e era uma festa de quermesse, e era realização dessa festa, e eu falei que ia andar nessa festa, eu tinha 5 anos. Não era nada de promessa, era uma criança querendo andar. E no dia eu queria ir para festa, fiz birra e tal e acabaram me levando. Lá eu dei um grito para pessoa que estava me segurando e daí eu saí andando. Então a intervenção divina direto [...], pela vontade de uma criança. Então eu acho assim hoje, minha vida inteira o restante da deficiência que ficou [...]. Para você ter uma idéia fui andando até o consultório médico em São Paulo. O médico assustou tanto que chamou a junta médica. Olha é impossível qualquer explicação. Essa força de vontade que eu tinha quando criança de andar, eu tenho até hoje. Eu tive probleminhas nas escolas, disciplinas, essas coisas normais entre outras que todo professor tem. Mas por exemplo: rejeição, preconceito, nada, nada, nada. Hoje essa minha deficiência não representa nada. Já aposentei, mas continuo trabalhando [...] Hoje já faço fisioterapia, eu consigo nadar, viajar, então eu tenho esse privilégio de ter qualidade de vida embora sendo deficiente. Eu me considero uma pessoa vitoriosa, hoje eu me considero uma pessoa vitoriosa. Eu acho assim, desde criança tem a mão divina muito grande.

LUCIO, aparentemente curioso e interessado, fala que tipo de deficiência tem e a oportunidade que obteve em trabalhar devido ter sido aluno da APAE. Parece que Lucio não carrega consigo algum problema ligado com a sua deficiência, talvez porque fala de suas dificuldades e não da deficiência em si. É importante notar que ele tenta contornar essas dificuldades, quando expõe o que poderia estar fazendo para melhorar sua situação:

Que é muito bom para mim isso aqui. Tinha vontade de arrumar um serviço para mim, só que não tinha oportunidade. Lá na APAE desenvolvia mais, fazia esporte. Quando estudava em outra escola, ficava mais quieto na Educação Física. Não sei explicar, não tinha um grau bom de aprendizado, não aprendia rápido. Demorava aprender. Na escola especial aprendi mais. Tenho que me esforçar e aprender mais, e me aperfeiçoar cada vez melhor.

LILIANA, demonstrando muita lucidez e sinceridade, relata que enfrentou certos problemas pessoais em relação a sua deficiência. Fala também da insegurança que sente relacionada ao seu trabalho, talvez porque enfrentou algum tipo de preconceito em outro emprego, já comentado por ela. É interessante observar como Liliana tem afrontado com sua deficiência atualmente diante das pessoas e da sociedade em geral:

Porque assim, no começo, algum tempo atrás eu mesma tinha preconceito. Sabe, eu não me assumia, eu não me aceitava. Hoje eu me acho uma mulher normal, uma mulher bonita, eu me acho [...] se não me achar, quem vai me achar? Hoje eu me aceito do jeito que eu sou. Eu não tinha coragem de ir num clube, de colocar um biquíni, por causa de minha deficiência, e eu achava que todo mundo iria ficar me olhando [...]. Daí, hoje eu vou ao clube, e vejo outras que não têm deficiências e são mais feias que eu [...]. Daí, hoje eu me consegui superar. Trabalho durante a semana, e aos sábados vou ao salão, dia de domingo, eu saio, vou ao clube, ao barzinho, eu viajo com a minha filha, sozinha. Hoje para mim a minha vida é normal, mais normal até do que para muitas outras pessoas. Eu não tenho medo de lutar, com todas as minhas forças, dentro de minha capacidade. Não sei se é diferente da capacidade de uma pessoa que não tem deficiência. Sabe, o esforço físico é mais, não adianta pegar uma corrida com uma pessoa normal, que nunca vai dar certo, então o esforço físico é sempre maior, é muito desgastante, eu sempre me desgasto bastante. Mas, eu não tenho mais esse preconceito, eu me aceito do jeito que eu sou, gosto de mim, então eu tenho uma insegurança, que já comentei com você, mas não é nada que me atrapalhe.

WILSON, parecendo muito convicto e reflexivo, expõe o que tem representado sua deficiência para ele mesmo e para a sociedade. A relatar algum evento já vivenciado, é interessante notar como Wilson tem sentido e pensado sobre o comportamento das pessoas, ao se confrontar com elas:

Eu não sou um cara religioso, de frequentar uma igreja, ou uma instituição. Mas eu acredito num ser onipotente que vê tudo isso, e que você para estar nesse mundo, nas ilusões que a gente vive hoje no plano material, você tem que se lapidar. E para lapidar a sua alma você tem que impor algumas condições. Eu acredito que Deus me deu um tesouro, um desafio para medir as possibilidades, eu sou um cara privilegiado, por poder ser deficiente, poder viver com isso, lutar com isso e simplesmente mostrar para as pessoas que sou capaz. O que representa essa minha deficiência para a sociedade [...]. Eu tive uma namorada há pouco tempo, e sou ainda apaixonada por ela, e não consegui esquecê-la. Eu só não consegui ficar com ela porque primeiro eu já fui casado, segundo porque eu não tenho uma condição de vida favorável para ela e em terceiro porque sou deficiente físico. O que as pessoas vão pensar dela: puxa, você é bonita pra andar com deficiente físico, o cara não vai te fazer feliz. Pelo contrário, eles me conheceram e sabe como eu sou diferente dos outros namorados que ela teve. A deficiência física na maioria das vezes sempre vem em primeiro plano para as pessoas. Quando entrei aqui no Extra as pessoas temiam por qualquer coisa que eu viesse a fazer, colocando em risco a própria companhia. Imagine você se eu sofro um acidente aqui hoje, eles têm que se responsabilizar. As pessoas temem que você venha a oferecer um certo desconforto e termos de responsabilidade. Pensam que um deficiente físico é uma bomba relógio e qualquer hora irá explodir. Então eles não sabem quais são suas necessidades básicas, mas porque falta um pouquinho de visão das pessoas.

MARIANO, aparentemente alegre e interessado, relata como representou sua deficiência no passado, e como a tem encarado atualmente, depois de ter superado algumas dificuldades de locomoção. Fala também da importância do trabalho, e de ter frequentado a SORRI. Afirma, com um certo pesar, que algumas portas de empregos são fechadas por causa da deficiência e da falta de preparo para exercer determinados trabalhos. Possivelmente Mariano tenha enfrentado certos obstáculos, quando expõe esses tipos de problemas:

No começo, eu ficava às vezes meio triste, porque eu não poderia nem sair de casa. Porque andava engatinhando, eu nem podia andar na rua, porque eu me sujava todo, então eu ficava mais dentro de casa. Eu via aquilo como obstáculo, que me impedia de andar. Hoje em dia, eu faço que eu quero. Mesmo com essa deficiência. Não me impede em nada. Eu subo escada, elevador, vou para onde eu quero. Então antigamente me impedia em muitas coisas. Hoje em dia eu me adapto no máximo que puder com ela. Claro que de vez enquanto você leva escorregão com as muletas. Eu procuro levar a vida mais alegre possível. A única dificuldade é não estar andando normalmente. Eu já me adaptei ao meu problema. O trabalho é tudo para mim. Se não fosse ele, não estaria onde estou. Por ser deficiente você pode sair por aí, batendo qualquer porta de emprego que eles não dão. Tem muitas empresas que exigem o estudo e a formação. E, se não fosse a SORRI eu não teria arrumado o emprego sozinho.

MARIANA, parecendo tranqüila e simpática, fala sinteticamente como tem enfrentado sua deficiência, mostrando seu sentimento a respeito dessa situação. É possível que Mariana tem tido algumas experiências importantes referentes à sua adaptação na sociedade e no trabalho:

Mesmo tendo uma deficiência física, não posso me apoiar nela. Eu vejo a minha deficiência como se eu fosse uma pessoa normal, pois eu me sinto normal, ela não me incomoda para ter habilidade, agir e seguir em frente.

LUCIANO, demonstrando uma certa segurança e interesse, relata, em poucas palavras, como tem convivido com a sua deficiência. Parece que Luciano encontra aspectos positivos por apresentar deficiência, pois diz que, com ela, obteve um certo crescimento pessoal:

Há 7 anos, depois que eu parei por causa da deficiência, tive um crescimento muito grande, não que eu era desumano. Passei a olhar a outra face da moeda, comecei a ver o mundo com outros ângulos. Para mim têm duas maneiras de se ver o meu problema. Ou eu o abraço e vivo com ele, ou eu fujo dele, e para fugir eu teria que morrer, sumir.

DEMÉTRIO, parecendo um pouco entusiasmado, fala de seus sentimentos a respeito da APAE, além de relatar que benefícios ela tem oferecido aos seus alunos. É interesse notar que possivelmente, para Demétrio, sua deficiência não tem representado dificuldades ou outro tipo de referência, quem sabe porque não a encara como obstáculo mais importante para enfrentar o mundo do trabalho:

A APAE foi a melhor escola, ajuda os alunos a desenvolverem cada vez mais. Por exemplo, aqui os alunos aprender a bordar tapete, encadernação, vender o tapete, para saber contar e voltar o troco. Também os alunos desenvolvem cada vez mais a coordenação motora, colar, passar cola, montar bloquinho, caderno. E um dia podem chegar a trabalhar fora da APAE, os alunos aprendem a falar mais e a trabalhar.

ARIEL, mostrando-se interessado e simpático, relata claramente e definido como a sua deficiência tem representado para ele. Em nenhum momento, Ariel se queixa de grandes dificuldades ou obstáculos por apresentar uma deficiência. Fala sobre coisas que tem feito mesmo possuindo uma deficiência, e por outro lado é importante verificar como Ariel enfrenta certas situações:

A gente tem o nosso mundo atual e um mundo diferente, que só a gente mesmo conhece. Eu particularmente faço tudo que eu quero e de tudo um pouco, sempre que posso. Tem hora que eu agradeço a Deus por poder jogar bola, andar de bicicleta, fazer alguns programas legais, ler bastante, acessar e navegar na internet, desenvolver programas. Tenho vários cursos de formação, e acho que não tenho muitas barreiras para enfrentar o mundo. Outras pessoas podem ter menos dificuldades que eu, mas às vezes não tem 1/3 do que tenho, em termos de cursos, de educação, de tudo um pouco. A minha deficiência não me dificulta em nada. A minha deficiência representa conhecer novos horizontes. Gosto de olhar para trás, observar; às vezes tenho dificuldades piores e tal, mas com o pensamento ligado para trás. Nada na vida da gente é difícil, basta a gente ter vontade e ânimo para fazer as coisas positivamente. A gente tem que sempre olhar positivamente para ter uma mente pura e infinita para vencer novos, grandes e pequenos desafios, e com vontade e determinação.

MARLAN, aparentemente muito sincero, expõe seus sentimentos em relação às dificuldades encontradas na sociedade e no mundo do trabalho, devido apresentar uma deficiência, mesmo dizendo que ele não se sente deficiente. Seu relato a respeito é claro, demonstrando a existência de certas discriminações para com as pessoas deficientes. Cita a acessibilidade, a superação, a discriminação, e burocracia, que parecem ser temas importantes para reflexão e questionamento, uma vez que parece que os deficientes têm enfrentado o mundo do trabalho com grandes, pequenas ou nenhuma dificuldade, dependendo de como a deficiência tem representado para eles mesmos:

Sinceramente, é muito difícil falar sobre esse tema. Eu fico chateado quando a pessoa me trata como deficiente. Eu não gosto de andar de ônibus por exemplo, de circular. É lógico que por educação eles levantam e pedem para eu sentar e eu não gosto. Eu não me sinto deficiente [...]. Para eu conseguir meu primeiro emprego, por causa de minha deficiência foi muito difícil. Hoje já não encontro essa dificuldade. Eu já superei minha deficiência. Eu tenho medo de perder meu emprego, e ter que arrumar um emprego aí fora e encontrar essa dificuldade ainda. Sobre acessibilidade – Poucos locais possuem um acesso fácil para deficientes. A maioria das vezes os atendentes não dão devido respeito aos deficientes. Eu não tive esse problema. Mas eu já vi várias pessoas na porta dos bancos, por exemplo, precisando entrar e ficam lá até esperar uma pessoa [...]. Existem as filas especiais nos Bancos, mas não é bem divulgado. O deficiente tem isenção de imposto para adquirir um carro, então você vai atrás e é uma burocracia danada.

ARIANO, possivelmente pensativo e questionador, relata como tem sentido e convívio com a sua deficiência. Ainda, fala sobre como a sociedade deveria agir e tratar os deficientes, além de expor situações negativas que deveriam ser levadas em consideração pelos deficientes, talvez como proposta de enfrentar, sem grandes dificuldades, o mundo do trabalho:

Ter deficiência é uma fraqueza. É muito ruim não enxergar. Mas o pior de ser cego é ser mudo. O pior de todos é ser mudo e parar. Estamos vivendo, realizando coisas. Não devemos parar. A acessibilidade: Aqui em Franca, por exemplo, as calçadas são muito ruins. O cestinho de lixo é muito baixo, dificulta nossa locomoção. Então deve-se adaptar aos poucos: os rebaixamentos de nível, rampas. O cego é mais fácil. Não tendo cestinha, garagem aberta com as portas para fora, tudo bem. Dá para andar bem. O deficiente não pode ser enjoado, senão fica muito difícil para ele. Sou cego, cego sou. Sou paraplégico, paraplégico sou. E pronto, precisa colocar isso na cabeça. Tem certas coisas que não tem jeito de fazer. Vamos pensar em coisas mais prática, como uma condução especial [...]. O que eu gostaria de falar, é que é a vida [...]. A vida é a mais importante de tudo, enquanto você não enxerga, você não anda, não consegue ouvir, falar, mas consegue viver, aproveite a vida naquilo que você pode aproveitar. Procura a vida naquilo que ela pode ser usufruída. Se ficar no seu problema, somente se envolver nele, e achar que ele é o grande obstáculo, um pouco de vida que você tem, você não vive. Em relação a sociedade. Que a sociedade nunca pense que a falta de visão atrapalha o cego, a falta de locomoção está atrapalhando o deficiente físico, a falta de audição está atrapalhando o surdo, não se pode ver isso (a deficiência) como um impedimento para o desenvolvimento dos deficientes. A sociedade não pode levantar mais barreiras que nós já temos. A sociedade tem todo o dever de pensar o deficiente sem a sua deficiência. Se ela não pensar, pelo menos tem que aceitar, porque não tem outra maneira.

3.3 Análise de Conteúdo - Histórias de enfrentamento de pessoas com deficiências no mundo do trabalho

Ao desenvolver a análise dos dados, o pesquisador tenta compreender as histórias de vida dos entrevistados (DEMARTINI, 1992), o que possibilita, através dos seus relatos orais, conhecer os significados e as experiências vividas pelas pessoas com deficiências no seu enfrentamento do mundo do trabalho. Histórias de vida é um método utilizado para coleta de dados em um determinado momento de vivência do indivíduo ou de grupos, técnica essa com a qual se tenta captar a relação da vida individual com o social (DEMARTINI, 1992; QUEIROZ et al., 1988). A coleta das histórias de vida não segue nenhum roteiro rígido pré-estabelecido. Nesse caso, o entrevistado pode falar sobre sua vida ou seu momento vivido, e o pesquisador procura aprofundar os aspectos que lhe pareçam necessários, levando em conta os problemas de investigação, tentando sempre não truncar ou mutilar o relato do entrevistado, ou impedi-lo de falar sobre o que quiser. Durante o processo mesmo de realização das entrevistas, esse tipo de método leva ao pesquisador proceder à análise e ao questionamento contínuo dos problemas relatados. O que se busca, na verdade é a abundância de informações que cada entrevistado tem a contar, e, poder coletar e refletir ao mesmo tempo, é uma das riquezas maiores que este tipo de trabalho permite.

Na entrevista com as pessoas deficientes, foram obtidos os relatos orais, que são as respostas colhidas para análise das histórias de enfrentamento no mundo do trabalho, que foram consideradas como histórias de vida mais sumárias, ou seja, segundo DEMARTINI (1992), aquelas restringidas a determinado momento ou tema que se quer conhecer ou estudar. Como resultado dessa análise de dados (relatos orais), foi alcançado *o conteúdo*, ou seja, o **objeto de estudo** (*as histórias de enfrentamento das pessoas com deficiências no mundo de trabalho*) da presente pesquisa, que, sendo evidenciado e avaliado, poderão permitir o conhecimento e a descrição da realidade vivenciada por essas pessoas.

a) *As dificuldades enfrentadas pelos deficientes ao participarem do mundo do trabalho.*

Segundo Houaiss⁵, Dicionário da Língua Portuguesa, a palavra dificuldade significa: *1 o que é difícil 2 obstáculo 3 complexidade e 4 situação aflitiva*. Partindo do pressuposto que todos nós enfrentamos certas dificuldades quando vamos realizar ou desenvolver algo, ou na busca de algo novo, desconhecido, podemos afirmar que elas também estão presentes no dia-a-dia de qualquer pessoa ao enfrentar o mercado de trabalho. São situações que poderiam causar até mesmo conflitos, além de estados de tensão, que quase sempre interferem, em algum momento, o alcance de sucessos ou o desenvolvimento pleno do trabalho. Quando propusemos entrevistar pessoas com deficiências, em capacitação profissional e as inseridas no mercado de trabalho, objetivamos conhecer quais seriam as dificuldades enfrentadas por elas, quer seja na busca do emprego ou no labor. Além disso, tal método de estudo permitiu a coleta e análise de outros aspectos incluídos nos temas das entrevistas.

A questão *representação da deficiência*, discutida e apresentada pelos entrevistados, fornece informações, por meio da fala do representante, sobre os seus sentimentos em relação à sua deficiência. Segundo LEVY et al. (1994) as representações se apresentam como um *saber sobre* – saber ou sentido, algo vivenciado, um projeto de dar um sentido a uma experiência vivida. Quando se tenta apreendê-las sob a forma de como efetivamente se apresentam, ou atuam, são percebidas como séries de discursos entrecruzados, procurando de uma maneira nunca acabada a busca de um sentido. São discursos que as pessoas enunciam nas situações em que vivenciam. Assim, o processo de análise se constitui em apreender as significações existentes como discursos incompletos.

Quando realizamos as análises dos relatos orais das pessoas deficientes entrevistadas, podemos dizer que o tema **dificuldade** está intrinsecamente relacionado às expectativas em relação ao emprego e à sociedade, e à representação da deficiência, nos quais buscam-se significados na ação *enfrentar o mundo do trabalho*.

Para analisar a situação enfrentada pelos deficientes em relação à sua inclusão/participação no mundo do trabalho, organizamos um quadro (QUADRO 1) que intercruza os sentimentos, as dificuldades e as representações dos capacitandos e dos trabalhadores.

⁵ HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

QUADRO 1 – Categorias (grupo) de dificuldades relatadas pelos capacitandos e trabalhadores deficientes, ao enfrentarem o mundo do trabalho.

CAPACITANDOS		TRABALHADORES	
sentimentos	comportamentos	sentimentos	comportamentos
<ul style="list-style-type: none"> - depressão - insegurança de se manter no emprego - insegurança de perder o benefício - timidez - insegurança da sociedade sobre a capacidade dos deficientes - sentir-se normal - liberdade - tranqüilidade - revolta - falta de algo que já experimentou - inferioridade 	<ul style="list-style-type: none"> - conseguir emprego - estranheza de ver deficiente trabalhando - contratação de deficientes - olhar o deficiente com pena - aceitação da sociedade - dependência financeira - concorrer no mercado altamente competitivo - acomodação no trabalho - ajuda e apoio das pessoas - interesse e investimento da sociedade - entender a capacidade dos deficientes - informação sobre os deficientes - confiança na e da sociedade - preparação profissional - obstáculos arquitetônicos - a sociedade não estar acostumada em lidar com deficientes - percepção de sua deficiência - convivência na sociedade e com a sua deficiência - valorizar as coisas pelo seu esforço - a sociedade e o deficiente aprenderem com a deficiência e o que é a vida do deficiente - relacionamento com as pessoas - encarar a deficiência - aceitação da sua própria deficiência e de si mesmo - superação das barreiras - conviver com as dificuldades 	<ul style="list-style-type: none"> - insegurança de não fazer o certo - orgulho consigo mesmo - insegurança de buscar um outro emprego - medo de aprender - complexo - vontade de poder se locomover - incômodo para ter habilidade - fraqueza por ter a deficiência - deficiente 	<ul style="list-style-type: none"> - locomoção ou mobilização - esforço físico - barreiras arquitetônicas - saber o que o deficiente é capaz - conhecer o que o deficiente é na verdade - julgamento da pessoa pela deficiência - confiança nos deficientes - barreira social - preconceito das pessoas e de si mesmo - não saber ler - início de carreira - adaptação no emprego - credibilidade da sociedade - oportunidades e apoio da sociedade - demora em realizar algo - encarar a deficiência - ter alguns privilégios - aprendizagem, esforço e aperfeiçoamento - aceitação da e pela sociedade de si mesmo e - desafios e conhecimentos para medir possibilidades - mostrar sua capacidade para as pessoas - adaptação com a deficiência - apoiar-se na sua deficiência - crescer e se desenvolver - referência importante para enfrentar o trabalho - superação da deficiência - apoiar-se no problema

Diante desse quadro, observa-se que essas representações, significativas para as pessoas deficientes que estão vivenciando um dado momento – a participação no mundo do trabalho, parecem mostrar que elas têm enfrentado não só dificuldades pessoais como também, na sua maioria, obstáculos impostos pela sociedade, principalmente quando a pessoa ainda não está empregada. Como diz PASTORE (2000), muitos problemas que afligem a vida dos deficientes decorrem das barreiras que lhe são impostas pelo meio social. É claro que

esses sujeitos possuem certas limitações como andar, aprender, falar ou ver. Porém, as mais significativas estariam ligadas à sociedade, pois, muitas vezes a pessoa deixaria de ser deficiente no momento em que lhe são proporcionadas condições adequadas.

Observando essas dificuldades (QUADRO 1), pode-se supor que muitas delas se apresentam como obstáculos comuns a todo cidadão, na busca de qualquer trabalho ou algo novo. Possivelmente, todos nós já nos sentimos ‘deficientes’ em alguns momentos. Por exemplo, uma gestante pode se sentir incapaz de passar na catraca de um ônibus urbano, um idoso pode sentir muitas dificuldades ao subir o ônibus (degrau alto), uma pessoa obesa pode se sentir um pouco incômoda ao passar em uma porta giratória ou em algum lugar estreito, enfim, todos nós, de uma maneira ou de outra, encontramos certos impedimentos ou obstáculos ao buscarmos algo, ou enfrentarmos certas situações, o que nos levaria a sentir uma certa tensão ou aflição.

Pensando nisso, e nas dificuldades sentidas pelas pessoas com deficiências, ao enfrentarem o mundo do trabalho, provavelmente, a superação das mesmas estaria na análise de sua própria essência, ou seja, se esse problema significa insegurança de fazer o que é certo ou no relacionamento pessoal, a superação seria a conquista da segurança. Aliás, enfrentar essa insegurança, e *aceitar* esse tipo de comportamento como obstáculo à sua participação no mercado de trabalho, possivelmente representa um primeiro desafio para avaliar as possibilidades de superação.

Porém, alguns passos e conquistas são importantes para o desenvolvimento das potencialidades dessas pessoas e para seu preparo profissional. RIBAS (2000), em uma entrevista à Revista Integração, relata que antes de capacitar uma pessoa com deficiência para seguir carreira, é necessário prepará-la como *pessoa*, na sua identidade pessoal. Segundo esse autor, muitas vezes elas estariam até capacitadas tecnicamente, porém não psicologicamente. Algumas vezes elas usam a própria deficiência como desculpa para algum privilégio. Essas pessoas deveriam estar preparadas para *enxergar* a fronteira entre direito humano e privilégio pessoal. Acredita-se que não existe um trabalho ou uma atividade específica para as pessoas com deficiências, porque existem diferenças entre elas, e, o importante é descobrir o talento que cada uma possa ter e como ela enfrentaria determinada profissão.

Quando os deficientes falam que as oportunidades para vaga de emprego também se constituem uma das dificuldades que têm enfrentado, provavelmente seria importante verificar quais seriam os problemas inerentes às políticas públicas e privadas a essas oportunidades de trabalho.

Os mecanismos legais no Brasil apresentam muitas dificuldades de serem realizados ou praticados, segundo PASTORE (2000). Eles não estão muito próximos da realidade das empresas contratantes e, muitas vezes, as leis são formuladas sem consultá-las. As empresas têm uma linguagem própria para significar o que é vantajoso para elas mesmas, e, criar condições para que os deficientes colaborem de forma produtiva seria uma alternativa para que elas os empregassem.

Preocupados com essa realidade, ou seja, com a questão de vagas – cotas a partir de 2% de vagas nas empresas de 100 a 200 empregados - durante o percurso da presente investigação, houve a oportunidade de consultarmos um advogado de empresas da cidade de Franca, SP (interessado no assunto), para discutirmos esse tema. Segundo ele, a realidade empresarial francana está mais difícil de ser compreendida. A oportunidade de vagas nas indústrias de calçados de Franca para o trabalho de deficientes deveria ser entendida como um obstáculo, pois a capacitação profissional destes, realizada nas instituições francanas, não se adequam ao tipo de função a ser exercida pelos empregados da maioria dessas indústrias. A questão principal seria o tipo de maquinário existente, o que obrigaria a qualquer trabalhador um maior preparo para o seu manuseio.

Nessas condições, alguns empregadores possuem até desconhecimento e medo de empregar a pessoa com deficiência. Alguns desconhecem as aptidões e os talentos dos deficientes, e, muitos até confundem *deficiência* com *doença*. RIBAS (2000) destaca que 95% desses sujeitos não apresentam nenhum tipo de doença. Por outro lado, existem até exploração por parte de certos empresários, isto é, quanto algum tipo de trabalho é favorecido, de certa forma, pela deficiência apresentada pelo empregado. Alguns se referem preferir em contratar um surdo para trabalhar em um ambiente com altos níveis de pressão sonora. Outros empregam deficientes mentais em nível leve, para fazer uma atividade repetitiva. Apesar disso, parece existir consenso para que as pessoas deficientes estejam sendo empregadas para substituir a ociosidade, a depressão e a dependência.

Diante disso, é necessário levar em conta que as pessoas com deficiências, entrevistadas no presente estudo, têm se esforçado e investido na sua formação profissional, principalmente aqueles que têm oportunidades e condições econômicas favoráveis. A exemplo disso, encontramos deficientes visuais, ou cegos, exercendo o magistério (FIGURA 1), deficientes físicos que trabalham no reparo de cadeiras de rodas (FIGURA 2), deficientes mentais que trabalham em empresas de cosméticos embalando shampoos, perfumes, e outras

linhas (FIGURA 3), e, pessoas cegas que seguem a carreira artística como pianista (FIGURA 4).

Também deve ser levado em conta a questão das políticas sociais e públicas que tratam dos problemas ligados à pobreza e à escolaridade, uma vez que os entrevistados, de maneira geral, sempre enfocavam e discutiam, à luz de seus entendimentos, tais assuntos. Nesse caso, possivelmente é importante destacar que o problema da deficiência no Brasil está mais ligado à baixa renda. De acordo com PASTORE (2000), um dos maiores obstáculos ou sucessos para colocação dos deficientes no mercado de trabalho é a boa articulação entre as ações sociais, públicas e privadas nos campos da educação, habilitação, reabilitação, e a estimulação das empresas para manterem seus empregados com deficiências. Em algumas instituições de capacitação profissional, pode ser notado o esforço por parte dos capacitandos para participarem do mundo do trabalho. Algumas atividades desenvolvidas por essas instituições são interligadas com a necessidade do mercado, além de terem um programa junto com as empresas de pagar os serviços prestados pelos deficientes em capacitação. Na Figura 5 (p. 116), podemos contemplar um trabalhador deficiente visual na montagem de caixas de sapatos, e na Figura 6 (p. 116) um deficiente mental que exerce sua função de costureiro e no repara de roupas.

Vale destacar também que, provavelmente, o Brasil precisaria desenvolver ações para diminuir o grande abismo existente entre as necessidades das pessoas com deficiências e o que as empresas podem fazer. É realizar negociações entre as partes envolvidas no sistema, considerando que o centro de todas as ações deve ser a de um ser humano que possui limitações superáveis. “O mundo dos portadores de deficiência está pedindo criatividade no campo das políticas públicas para bem utilizar os recursos disponíveis e os novos a serem gerados, pela força de mecanismos mais modernos” (PASTORE, 2000, p.226). Ariano, deficiente visual, relata com muita clareza que:

A sociedade tem todo o dever de pensar o deficiente sem a sua deficiência. Se ela não pensar, pelo menos tem de aceitar, porque não tem outro jeito.

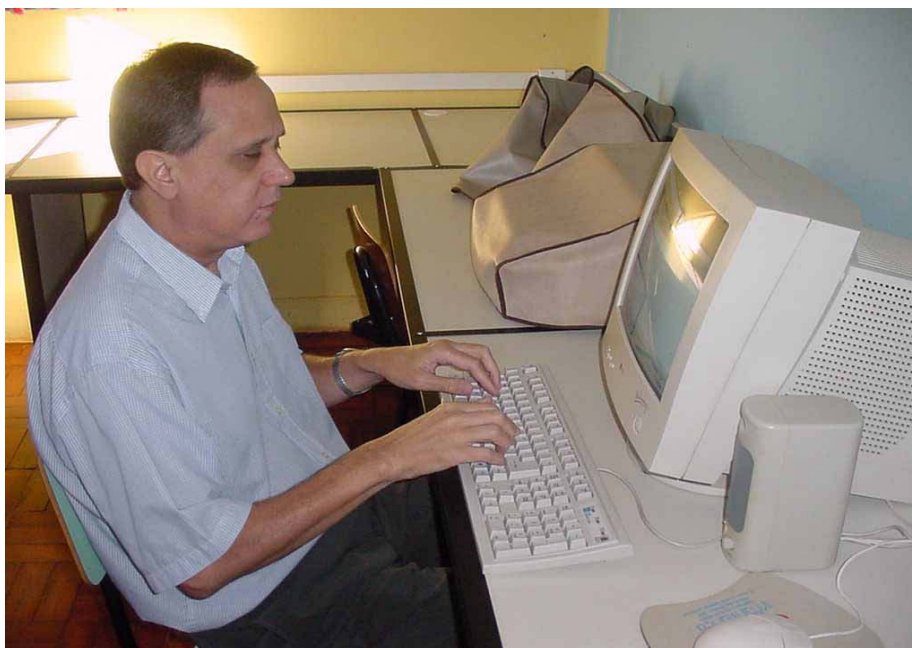


FIGURA 1. Trabalhador deficiente visual. Atividade: Professor de informática



FIGURA 2. Trabalhador deficiente físico. Atividade: Reparador de Cadeiras de Rodas.



FIGURA 3. Trabalhadores deficientes mentais. Atividade: Embaladores de shampoo, etc.



FIGURA 4. Capacitando deficiente visual ou cego. Atividade: participante do curso de teclado.

b) A acessibilidade como inclusão do deficiente no mundo do trabalho

Ao analisarmos as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiências, descrevemos no QUADRO 1 a categoria *dificuldades*, representando os sentimentos e comportamentos referentes às mesmas. Para a análise da acessibilidade e da conseqüente autonomia, apresentamos no QUADRO 2 as categorias de palavras ou frases relacionadas a essa relação, ou seja, os sentimentos e as ações significativas representadas pelos deficientes ao participarem do mundo do trabalho.

Esse momento vivenciado pelas pessoa deficientes capacitandas e trabalhadoras se mostra pertinente para a coleta de informações sobre a questão da acessibilidade e a conquista de uma certa autonomia, uma vez que já estão envolvidos direta ou indiretamente no mundo do trabalho. Nesse caso, a acessibilidade está intrinsecamente ligada aos sentimentos dos deficientes sobre:

- aceitação de si mesmo e de sua limitação
- credibilidade de sua capacidade
- valorização
- preconceito
- tranquilidade
- conscientização
- esperança para consigo mesmo e para com a sociedade
- ânimo
- normalidade

e ao seu comportamento, e da sociedade, sobre:

- a superação de obstáculos
- as oportunidades de apoio
- interesse pelo deficiente
- entender sua capacidade
- percepção da pessoa e não da deficiência
- valorização
- aprendizagem
- convivência
- superação da barreira social

- conhecer o deficiente e o novo
- política mais coerente
- educação para o trabalho
- reeducação mental do deficiente e da sociedade
- maior preparo para receber o deficiente
- esperança
- investimento do governo
- educação para o trânsito
- respeito pelo e do governo
- aproveitar as oportunidades
- conquistar seu espaço e a sua integração
- iniciativa própria
- aprendizagem com a deficiência
- conviver com as dificuldades

QUADRO 2. Categorias de sentimentos e ações relacionados ao acesso da pessoa com deficiente capacitanda e trabalhadora no mundo do trabalho.

CAPACITANDOS/TRABALHADORES	
<ul style="list-style-type: none"> - superação dos obstáculos - aceitação - credibilidade - oportunidades e apoio - interesse - entender a capacidade dos deficientes - percepção da pessoa e não da deficiência - valorização como ser humano - aprendizagem - convivência - barreira social - preconceito - conhecer o deficiente - conhecer o novo - procurar melhorar - esperança consigo mesmo e com a sociedade - investimento do governo - a política deve ser melhor planejada e manejada - educação no trânsito - respeito do governo 	<ul style="list-style-type: none"> - tranquilidade - política mais coerente - conscientização - necessidade de educação para o trabalho - reeducação mental dos deficientes e da sociedade - necessidade de a sociedade estar mais preparada para receber o deficiente - equilíbrio entre as diferenças - maior ânimo - aproveitar as oportunidades - aprender a gostar de política - conquistar seu espaço e sua integração - respeito próprio e das outras pessoas - iniciativa própria - leis mais abrangentes - busca da prosperidade - política mais honesta - aprender com a sua própria deficiência - sentir-se normal - conviver com as dificuldades

Segundo os entrevistados, o comportamento da sociedade, referente ao preconceito – o de não conhecer o deficiente e suas capacidades e o de não oferecer apoio e oportunidades

para a sua inclusão, parece influenciar muito na percepção negativa da sua própria limitação, tendendo a se acentuar na medida em que esse deficiente tenta o seu acesso e sua inclusão no meio social.

O acesso ao mundo do trabalho, ou o desbloqueio para uma carreira profissional, poderia se tornar realidade para os deficientes, mediante a superação dos problemas por meio de remoção de barreiras. É possível observar no Quadro 2 que os maiores impedimentos para acessibilidade seriam a falta de informação e conscientização por parte da sociedade, o escasso esforço das instituições sociais e governamentais, e a carência de oportunidade, que são representações significativas para desenvolver o preconceito e proporcionar a gênese de maiores obstáculos para a participação da pessoa com deficiência no mundo do trabalho. E tudo isso contribui ainda para diminuir o autoconceito e, quem sabe, arruinar a auto-estima desses sujeitos. Ao enfrentar o mundo do trabalho, é verificável o grande esforço, a luta das pessoas deficientes, segundo seus relatos orais, para superar os preconceitos sociais. Os que nunca encararam essa problemática, possivelmente não formaram uma idéia aproximada da sua própria complexidade.

Quando a acessibilidade aparece como um meio para inclusão da pessoa com deficiência no mundo do trabalho, é possível acreditar que se torna importante o conhecimento e estudo de leis que apóiam e amparam esses cidadãos. PASTORE (2000) relata que nas últimas três décadas destacou-se um momento de grandes esforços legislativos com vistas a melhor incluir os deficientes no mundo do trabalho. Leis Nacionais e Convenções Internacionais foram aprovadas com essa finalidade (ONU, 1993; OIT, 1997; ARAÚJO, 1997) (ANEXO A). Assim, o conhecimento da existência e a compreensão de tais iniciativas, seguramente poderão provocar estímulos positivos às pessoas com deficiências, instigando-as a se organizarem melhor e a buscarem formas variadas de delegações ou representação para atuarem em busca de novos direitos. Em 3 de dezembro de 1982, a ONU aprovou o Programa de Ação Mundial para as Pessoas com Deficiência, e em seu artigo 12, é destacado o seguinte:

A igualdade de oportunidade é o processo mediante o qual o Sistema Geral da Sociedade – o meio físico, cultural, a habitação, o transporte, os serviços sociais e de saúde, as oportunidades de educação e trabalho, a vida cultural e social, inclusive as instalações esportivas e de lazer, deve tornar-se acessível a todos

(nos ANEXOS C, D e E encontram-se algumas normativas com respeito ao acesso das pessoas com deficiências).

Os momentos vivenciados ou que vivem as pessoas com deficiências ao enfrentarem o mundo do trabalho, segundo seus relatos orais, são representados pela aquisição da conscientização de suas limitações, de aceitá-las e tentar superar certos obstáculos impostos por elas mesmas e pelo entorno. Elas, provavelmente, podem estar enfrentando esse tipo de problema, buscando meios e esforços para superarem as dificuldades e conquistarem uma certa autonomia. E um dos meios aludido pelos indivíduos da presente pesquisa seria aquele através da capacitação profissional, que é um dos poucos recursos oferecidos pela sociedade. As Figuras 4 e 5 mostram dois capacitandos com deficiência visual (cegos) participando de cursos de preparo profissional oferecidos pela Sociedade dos Cegos de Franca, e a Figura 6 mostra um capacitando com deficiência mental, que também participa de atividade de formação profissional oferecida pela Instituição SORRI de Bauru.

A autonomia significa a capacidade, a competência de possuir um certo talento para se fazer o indivíduo na história e no cotidiano, mediante forças de poder e recursos próprios e de se fazer presente e participativo (FALEIROS, 1999). Possivelmente, essa autonomia seria a própria independência que as pessoas com deficiências, conforme relataram, dizem ser de grande importância, como fim último de seus esforços para participar e serem incluídos na sociedade do trabalho. Com base nessa formulação didaticamente linear, foi organizado um esquema básico, com o objetivo de visualizar os momentos vivenciados pelos relatores de suas histórias sobre como enfrentam o mundo do trabalho, evidenciando a acessibilidade e, como objetivo final da inclusão, a autonomia.

Observando o Esquema 1 (p. 117) é possível desmembrar essa aparente linearidade devido à descrição da existência de desafios para superar os problemas, pensando na acessibilidade ligada às oportunidades que podem ser oferecidas pelo meio social. Tais oportunidades mostram-se como: a estratégia da integração para o desenvolvimento das habilidades da pessoa com deficiência, e a reabilitação da própria comunidade – fazer valer os recursos (programas de qualificação, educação, política de emprego e acesso mais estruturada, organizações de trabalho e de trabalhadores mais aplicáveis) nela disponíveis, buscando novas adaptações para os deficientes, além do conhecimento necessário de suas dificuldades e de suas capacidades como cidadãos lutando para conseguir um espaço no mundo do trabalho.

A questão da fragilidade destacada no Esquema 1 (p.117) pressupõe uma rede de mediações e forças (obstáculos impostos pelo meio) que impedem o sujeito de agir, de se

fazer presente e de enfrentar e superar as dificuldades (FALEIROS, 1999). A pessoa com deficiência poderá se sentir fragilizada quando sua deficiência é mais importante do que sua capacidade de superar obstáculos, sendo que essa superação poderia acontecer através do fortalecimento ou o *empowerment* das forças e das mediações que o fragiliza. Esse autor descreve que as decisões sobre o próprio destino do sujeito e sobre seu próprio corpo,

são limitadas pelas relações de classe, de raça, de gênero, de sociabilidade local. São [...] relações contraditórias, de poder e poderes que aumentam ou diminuem no enfrentamento de forças, tanto pela expressão e manifestação dos desacordos, dos não ditos, dos recalques, dos incômodos, dos questionamentos, como dos conflitos e consensos possíveis (p. 62-63).

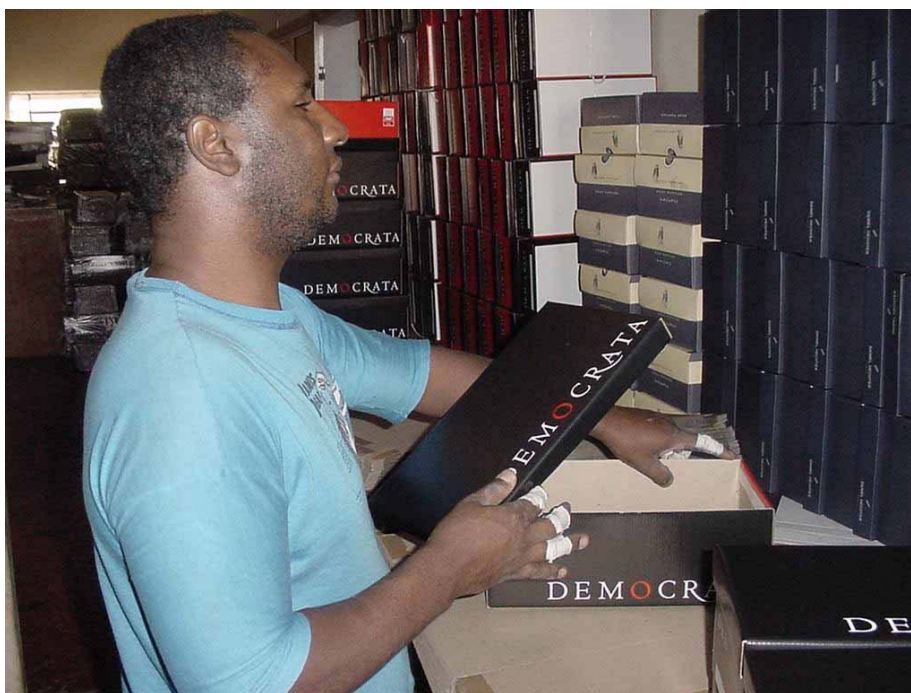
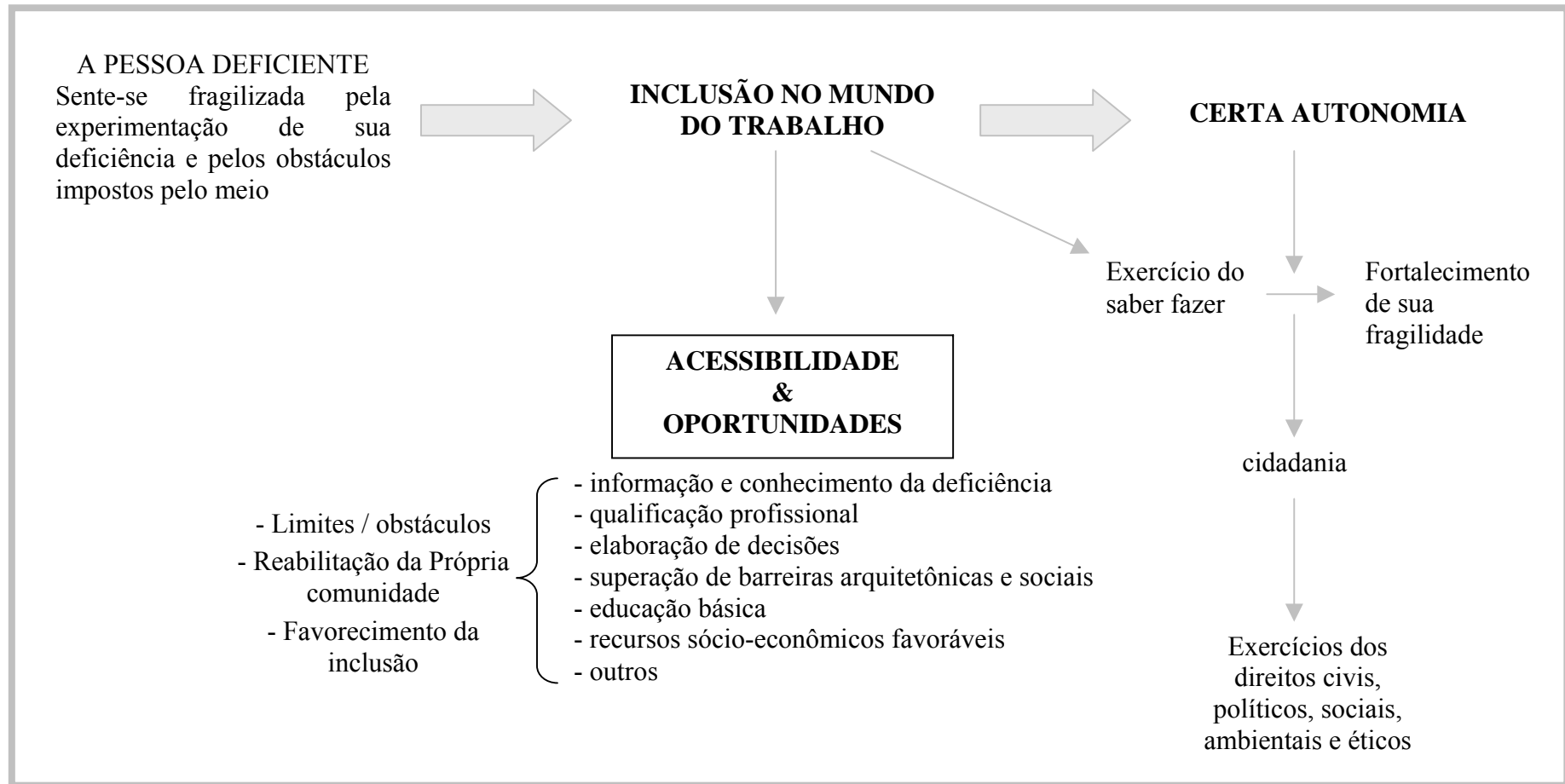


FIGURA 5. Capacitando deficiente visual. Atividade: Montador de caixas de sapato.



FIGURA 6. Capacitando deficiente mental. Atividade: Costuras e reparo de roupas.

ESQUEMA 1 - Aspectos que podem envolver a ACESSIBILIDADE.



Na Tabela 3, encontra-se uma estimativa dos números e porcentagens de deficientes existentes no Brasil, especificamente no Estado de São Paulo. Nessa tabela pode ser constatado que das deficiências enumeradas a mental é a mais freqüente, seguida da física e da visual, o que possivelmente leva, a uma nova reflexão sobre as formas mais específicas para a capacitação dessas pessoas, segundo sua deficiência, para um trabalho produtivo e conseqüentemente seu acesso na sociedade do trabalho.

TABELA 3. Número Estimativo de Pessoas com Deficiência. Com base em índices recomendados pela Organização Mundial de Saúde (1980-1990)

	%	BRASIL	ESTADO DE SÃO PAULO
População geral	100	165.000.000	35.200.000
Pessoas com deficiência	10	16.500.000	3.520.000
mental	5	8.250.000	1.760.000
física	2	3.300.000	704.000
auditiva	1,5	2.475.000	528.000
múltipla	1	1.650.000	352.000
visual	0,5	825.000	176.000

Fonte: Sasaki, 1998.

BONVIN (2000) declara que o desenvolvimento da vida de uma pessoa com deficiência se inscreve em um determinado estado de oferta de oportunidades e possibilidades, inicialmente com a escolarização, e depois do emprego. O acesso a isso é especificado, em cada caso, para o conjunto de características ligadas à origem social e à deficiência. As características da deficiência condicionam, a seu modo, os riscos e os custos do sucesso em cada etapa, e, particularmente, afetam o rendimento sobre o mercado de trabalho cujas exigências tendem a ser diferentes daquelas existentes na escola, ou nos programas de preparo profissional.



CONCLUSÃO

...Mas eu acredito num ser onipotente que vê tudo isso, e que você para estar nesse mundo, nas ilusões que a gente vive hoje no plano material, você tem que se lapidar. E para lapidar a sua alma você tem que impor algumas condições.

Eu acredito que Deus me deu um tesouro, um desafio para medir as possibilidades, eu sou um caro privilegiado, por poder ser deficiente, poder viver com isso, lutar com isso e simplesmente mostrar para as pessoas que sou capaz.

Wilson

Todos convivendo com as deficiências

*Tem gente que gostaria de ser mais baixa.
Tem gente que gostaria de ser mais alta.
Tem garota com pouco seio.
Tem garota com muito seio.
Existem aqueles que andam com os próprios pés.
E os que só se movimentam em cadeira de rodas.
Alguns têm habilidade para cálculos.
Outros, para as artes.
Tem os que não são portadores de deficiências, pelo menos aparentes.
E os que são portadores.
Todo mundo convivendo junto: estudando, brincando, paquerando, se divertindo.
Todo mundo tendo a oportunidade de olhar para o que é diferente no outro e... gostar!*

Ribas, 1995

À guisa de concluirmos esta Tese, destacamos neste momento algumas falas das pessoas por nós entrevistadas, que indicam representações significativas no seu processo de enfrentamento do mundo do trabalho.

[...] espero que a vida da sociedade melhore, porque se melhorar a vida na sociedade, melhora da gente também. Se o interesse da sociedade fosse melhor [...] acho que tinha emprego para todo mundo (James).

[...] ter alguém que confie na capacidade da gente, [...] é difícil para todos, mas é muito difícil para a sociedade entender que a gente é capaz, acreditar na capacidade da gente (Joana).

[...] deve haver ajuda para as pessoas viverem no mundo do trabalho (Manuel).

Por parte dos empresários, a gente está vendo que está aumentando muito o incentivo para o que é politicamente correto. Há as entidades, organizações que oferecem os cursos para a capacitação, porque do governo não vem muita coisa (Helio).

Se a política apoiasse os deficientes [...] vai bem. Se desse uma liberdade, uma oportunidade [...] a qualidade de vida tem de ser construída por nós. Depende muito do apoio e da oportunidade (Melissa).

[...] tem pessoa que não ajuda porque não gosta de ajuda, outra não tem costume de lidar com a gente (Homero).

Infelizmente a sociedade em geral tem uma visão muito pequena sobre o que uma pessoa portadora de deficiência... pode fazer ou é na verdade (Joel).

As pessoas que têm preconceito não têm culpa disso, porque elas não têm conhecimento da pessoa que estão lidando (Wilson).

Nesse trabalho, não encontrei muita dificuldade. Deram condições para eu trabalhar (Mariano).

Tudo no começo é meio complicado. A gente passa por várias modificações para se chegar a essa comodidade, adaptação... (Ariel).

A minha maior dificuldade é não saber ler (Demétrio).

Espero que me aceitem do jeito que sou. Acho que cada um tem seu problema e sua deficiência (Lúcio).

Da sociedade espero mais respeito. Respeito como ser humano... (Liliana).

Quem faz a história, quem sente, quem mergulha na história, é mais tolerante a respeito da vida, é mais compreensivo (Ariano).

A política e a sociedade deveriam apoiar mais os deficientes, não só os que têm capacidades diferentes da gente. A sociedade deveria ver o lado das oportunidades e do apoio para a gente trabalhar (Mariana).

É imprescindível destacar que o método por nós utilizado para a coleta de dados em muito contribuiu para o desenvolvimento da análise do objeto de estudo. Por outro lado, devido à complexidade de investigar histórias de vida ou momentos vivenciados, de apresentarem sentimentos, pensamentos e perspectivas pessoais, e a riqueza dos fatos que cada relator expôs, a presente pesquisa não poderia estar *totalmente* completa ou finalizada. Assim, na tentativa de conhecer, apreender, compreender e descrever *uma pequena parte da vida*, ou um *momento vivido* por esses sujeitos, sentimos que o presente estudo é importante e significativo, pois com o apoio da literatura, elaboramos a análise dos relatos orais de cada pessoa deficiente participante da investigação.

É importante destacarmos que o estudo apresentado – *o enfrentamento das pessoas com deficiências no mundo do trabalho*, não deixa de tratar de uma problemática complexa, porém existem alguns caminhos que podem melhorar esse quadro. Enquanto algumas instituições, na sua maioria, segregam ou até mesmo criam certos obstáculos para as pessoas com deficiências, outras instituições ou organizações criam ou têm propostas que facilitam o acesso delas na sociedade do trabalho. Nossas leis são muito bem fundamentadas, porém sua aplicação é a longo prazo, em parte devido falhas existentes na formação das políticas públicas e sociais, e a carência de programas e projetos institucionais de acessibilidade mais adjacentes à nossa realidade. Isto significa que grandes esforços por parte de profissionais que trabalham nessa área e de instituições precisam ser levados a sério. Existem propostas de capacitar o deficiente fora das instituições, mais próximo da realidade do mercado de trabalho, que seria uma maneira de ampliar as possibilidades de inclusão desses sujeitos. A acessibilidade hoje no Brasil tem outras alternativas, novas legislações que podem expandir ações de não só capacitar as pessoas com deficiências para o trabalho como também educar para integração social.

Atualmente as categorias de classificação da pessoa com deficiência, por nós utilizadas para facilitar a leitura e identificar os sujeitos participantes do estudo, não são importantes quando se quer falar dessas pessoas. É melhor hoje discorrer mais da situação de deficiência que vivenciam esses sujeitos do que da própria deficiência. Situação essa que significa o meio social no entorno da pessoa – as relações que apresentam a deficiência.

O conceito de deficiência pode residir na incapacidade da pessoa de realizar determinadas tarefas, não na falta de qualquer limitação física ou mental. A sua análise deve ser correlacionada à questão da tarefa ou atividade e a forma como essa pessoa lida com sua deficiência.

As pessoas com deficiências apresentam diferentes graus de dificuldade para sua inclusão na sociedade, devendo ser objeto de atenção individualizada por todos os profissionais e pesquisadores da área.

É imprescindível que a sociedade saiba a diferença entre **doente** mental e **deficiente** mental e/ou físico. O primeiro possui uma doença, e, portanto, necessita de tratamentos médicos, e o segundo tem uma deficiência ou uma limitação, necessitando de estimulação, educação, habilitação, reabilitação, profissionalização para alguns e outros capacitação para o trabalho, com vistas à sua inclusão na sociedade.

É importante não só para os profissionais ou pessoas que tratam diretamente com deficientes, mas que também a comunidade seja envolvida na discussão e reflexão sobre os preconceitos para se chegar à questão do conhecimento, da compreensão, das limitações, capacidades e de possibilidades desses sujeitos para uma vida satisfatória no trabalho e, portanto, na sociedade.

Não podemos deixar de ressaltar as barreiras arquitetônicas e sociais que impedem formas de acessibilidade que possibilitariam a inclusão e a conquista de certa autonomia das pessoas que enfrentam essa problemática. Haja vista a construção do metrô na cidade de São Paulo, com certas linhas cujas estações não possuem escadas rolantes, entre outros exemplos.

É imprescindível que a sociedade brasileira, de maneira geral, se importasse e se interessasse mais em conhecer as deficiências existentes, os deficientes com suas limitações, dificuldades e capacidades para participarem do mundo do trabalho, além de definir recursos mais viáveis no investimento social dessas pessoas.

O estudo e o conhecimento das ofertas de vagas e do acesso ao mercado de trabalho para as pessoas com deficiência devem estar vinculados à análise das leis e das políticas sociais, públicas e privadas, com o objetivo de encontrar melhores formas de sua aplicabilidade e facilitar a acessibilidade destas pessoas no trabalho.

Muitos países têm se preocupado com a questão da formação profissional, porém, os investimentos e desenvolvimento de recursos humanos, tanto por parte do setor público, como do privado, ainda são insuficientes. O mercado de trabalho e as instituições de formação não acompanham e não respondem adequadamente às mudanças aceleradas dos sistemas de produção. A OIT tem se ocupado com essas questões e elaborou um novo programa sobre conhecimentos teóricos e práticos e empregabilidade, baseado em consultas diretas entre governos, empregadores e trabalhadores, objetivando promover um melhor acesso dos grupos considerados mais vulneráveis, em especial os deficientes, à formação e ao mercado de trabalho, com vistas a proporcionar sua maior integração econômica e social. A Convenção da OIT n.159, sobre a readaptação profissional e o emprego, faz referência ao objetivo principal da reabilitação ou seja, maior respeito para com os direitos das pessoas deficientes e o desenvolvimento de um ambiente de apoio para sua crescente integração social e econômica através de sua inclusão no mundo do trabalho. A sociedade brasileira deveria tomar conhecimento de como esses países tratam da questão da formação profissional das pessoas deficientes e da acessibilidade, objetivando a conquista da sua autonomia, não esquecendo

que isso depende de seu investimento e interesse nos programas desenvolvidos e das oportunidades oferecidas pela sociedade.

A pessoa deficiente também possui preconceitos, levando a se sentir limitada para enfrentar o mundo do trabalho, e, seria importante entender que a sociedade possui muito mais preconceito para com ela, o que diminui ainda mais a capacidade do deficiente para superar suas dificuldades.

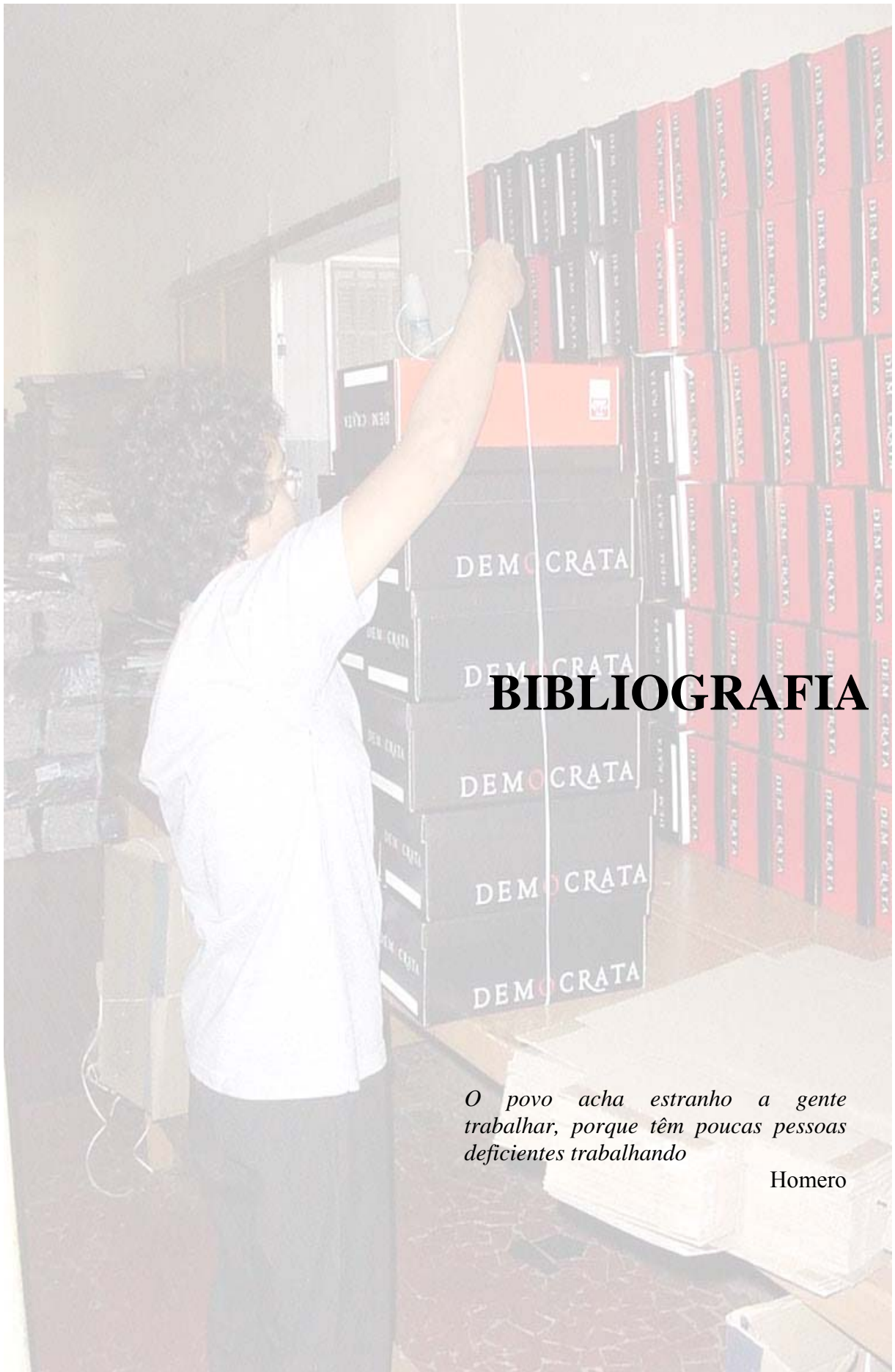
A sociedade do trabalho globalizado tem exigido cada vez mais dos profissionais qualificação para exercer variadas funções. Com o aceleração das mudanças do mercado de trabalho, tais como automação, novas tecnologias, declínio dos setores tradicionais e expansão de serviços em rápida ascensão, houve um significativo aumento do número de pessoas com deficiências na busca da capacitação profissional, seja ela partindo da família, ou deles mesmos. Por outro lado, essas pessoas têm enfrentado dificuldades relacionadas com a falta de emprego, de colocação, com a aceitação e rejeição da sociedade, enfim, obstáculos que têm impedido o desenvolvimento das potencialidades dos capacitandos e trabalhadores com deficiências e o seu acesso no mundo laboral.

As pessoas com deficiências mostram uma certa insegurança e dúvida ao definir trabalho, emprego e oportunidade. A sociedade tem acentuado ainda mais essa dificuldade, quando as oportunidades de capacitação profissional, acesso e inclusão são inadequadas e insuficientes, uma vez que vêem essas pessoas como ‘incapacitadas’ e não como possibilitadas e eficientes para trabalhar satisfatoriamente.

Ao enfrentar o mundo do trabalho, essas pessoas falam da necessidade da sociedade estar mais preparada para recebê-las como trabalhadoras capacitadas, oferecendo oportunidades de acesso, para eliminar certas barreiras sociais como preconceito, não aceitação, rejeição, estigma, desvalorização, descrédito, desrespeito e desinteresse, promovendo assim sua inclusão e o desenvolvimento de sua autonomia no exercício dos direitos civis, políticos, sociais, ambientais e éticos.

Para as pessoas com deficiências, enfrentar o mundo do trabalho está relacionado ao respeito, à oportunidade, à capacitação profissional, ao acesso, e às formas de inclusão oferecidas pela sociedade. A superação das dificuldades impostas pelo meio está intrinsecamente ligada na conquista de uma certa segurança ou autonomia de ir e vir, representando um importante desafio para avaliar as possibilidades de superação ou eliminação desses obstáculos.

Trabalhar com relatos orais foi muito importante para nós, pois facilitou o conhecimento de como cada deficiente tem participado do mundo do trabalho, além de enriquecer a análise do objeto de estudo – histórias de enfrentamento. Por outro lado, é imprescindível destacar que este estudo não se esgota, dada a sua importância e por tratar de um tema relevante, complexo e participante no cotidiano de profissionais e pesquisadores, que buscam desvendar e compreender as questões relacionadas à participação das pessoas com deficiências no mundo do trabalho. Tal tema, por nós investigado, necessitaria de mais aprofundamento para compreensão e apreensão dos momentos vivenciados por esses cidadãos, que participam da sociedade do trabalho possuidora também de limitações e deficiências.



BIBLIOGRAFIA

O povo acha estranho a gente trabalhar, porque têm poucas pessoas deficientes trabalhando

Homero

- AMARAL, L.A. **A deficiência como um padrão harmonioso da arte de viver**. São Paulo: [s.n.], 1996.
- AMIRALIAN, M.L.T.M. **Psicologia do excepcional**. São Paulo: EPU, 1986.
- AQUINO, J.G. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.
- ARAÚJO, L.A.D. **A proteção constitucional das pessoas portadoras de deficiência**. 2. ed. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, Brasília: CORDE, 1997.
- ARROYO, MG. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, E; ARROYO, MG; NOSELLA, P. **Educação e cidadania**. São Paulo: Cortez, 1987.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona, 1977.
- BARROCO, M.L.S. Bases filosóficas para uma reflexão sobre Ética e Serviço Social. In: **Serviço Social e Sociedade**, v. 39, n. 8, p.80-90, 1992.
- BENEVIDES, M.V. Cidadania e democracia no Brasil: notas para debate. In: SEMINÁRIO TIRADENTES HOJE: IMAGINÁRIO E POLÍTICA NA REPÚBLICA BRASILEIRA. Belo Horizonte, 1994. **Anais do Seminário Tiradentes Hoje**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994.
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **La construcción social de la Realidad**. Buenos Aires: Amarrortu, 1995.
- BITTENCOURT, C.M.F. Capitalismo e cidadania em propostas curriculares de história. In: BOVIN, F. Reinsertion Social des handicapés physiques. **Cadernos CERU**. série 2, n. 12, 2001.
- BONVIN, F. Deficiência física, escolarização e trabalho. **Cadernos CERU**. Série 2, n. 11, p. 73-99, 2000.
- BOUCAULT, C.E.A; ARAÚJO, N. **Os direitos humanos e o direito internacional**. Rio de Janeiro: Renovar, 1999.
- BRASIL. Ministério de Ação Social. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Deficiente. **Política Nacional de integração da pessoa deficiente na Comunidade**. Brasília: CORDE, 1992.

_____. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial: Livro 1/MEC/SEESP**. Brasília: A Secretaria, 1994a. 66 f.

_____. Organização Internacional de Trabalho. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Deficiente. **Oportunidades de trabalho para portadores de deficiência: um guia para as organizações de empregadores**. Brasília: CORDE, 1994b.

CANIATO, AM.P. **História negada: violência sob um enfoque psicopolítico**. 1995. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CATALUNYA. Prefeitura Municipal. Departament de Benestar Social. Generalitat de Catalunya. **Guia básica per a la Redacció d'un pla d'Accessibilitat Municipal**. Obra Publica: Edificació, 2000. (Apostila mimeo).

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CLEMENTE FILHO, AS. **Participação da comunidade na integração de deficiente mental**. Brasília-DF: Departamento de Documentação e Divulgação, 1977.

CODO, W. Saúde mental, trabalho e cidadania. *In*: CONGRESSO REGIONAL ABRAPSO, São Paulo, 1992. **Anais do Congresso Regional Abrapso**, São Paulo: [s.n.], 1992.

_____. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 5.ed. São Paulo, 1997.

COVEY, H.C. **Social perceptions of people with disabilities in history**. Springfield (Illinois): Charles C. Thomas Publisher, 1998.

CRUICKSHANK, W.; JOHNSON, G.O. **A educação da criança e do jovem excepcional**. Porto Alegre: Globo, 1974.

DALLARI, D.A. Estado de direito e cidadania. **Universidade e Sociedade**. São Paulo, v.7, n.14, p.4-7, 1997.

DECLARAÇÃO de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Trad: Edilson Alkmin da Cunha. 2. ed. Brasília: CORDE, 1997.

DELUIZ, N. **Formação do trabalhador: produtividade cidadania**. Rio de Janeiro: Shape, 1995.

DEMARTINI, Z.B.F. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. **Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica**. série 2, textos 3, 1992.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1985.

_____. **O que é alienação**. São Paulo: Brasiliense, 1991a.

_____. **Pobreza assistida**. São Paulo: Cortez, 1991b.

_____. **Participação é conquista**. Noções de Política social participativa. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

DIAS, T.R.S. Pessoa com deficiência em reabilitação profissional. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 24. ribeirão Preto, 1994. **Resumos da XXIV Reunião Anual de Psicologia**. Ribeirão Preto: [s.n.], 1994.

_____. Treinamento na situação real de trabalho: critérios e procedimentos. In: CICLO DE ESTUDOS SOBRE DEFICIÊNCIA MENTAL, 8. São Carlos, 1995. **Resumos do VIII Ciclo de Estudos sobre Deficiência Mental**. São Carlos: [s.n.], 1995.

DUNN, L.M. **Crianças excepcionais, seus problemas, sua educação**. Rio de Janeiro: Livros e Técnicos e Científicos, 1977.

DUPAS, G. **Economia global e exclusão social**. Pobreza, emprego, Estado e o futuro do capitalismo. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ENRIQUEZ, E. O papel do sujeito humano na dinâmica social. In: MACHADO, M.N.M. et al. **Psicossociologia, Análise Social e intervenção**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA, 2, São Paulo, 1997. **Anais do II Encontro Perspectivas do Ensino de História**. São Paulo: [s.n.], 1997.

FALEIROS, V.P. **A política social do Estado Capitalista: funções de previdência e da assistência sociais**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. Serviço Social: Questões presentes para o futuro. **Serviço Social & Sociedade**. v. XVII, n. 50, p. 9-39, 1996.

_____. **Estratégias em Serviço Social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FALEIROS, V.P. *et al.* Identidade/Coletivo/Cidadania. **Revista Serviço Social e Sociedade**. v.8, n.39, p.144-160, 1992.

FIGUEIREDO, AM; RIBAS, J.B.C. **As pessoas deficientes num país que ainda não aceita diferenças**. Rio de Janeiro: IDAC, 1987.

FUNDOWN. El tratamiento precoz posibilita la autonomía. **La Verdad, Suplemento Publicitario**. Murcia, Espanha. p.3, 1996a.

_____. Me gustaría de trabajar en el hotel Rincón de Pepe La Verdad. **La Verdad, Suplemento Publicitario**. Murcia, Espanha. p.6, 1996b.

_____. Formação Profissional. **La Verdad, Suplemento Publicitario**. Murcia, Espanha, p.7, 1996c.

_____. La fundación tiene proyectado crear dos nuevas empresas a medio plazo. **La Verdad, Suplemento Publicitario**, Murcia, Espanha:, p.5, 1996d.

_____. La fundación tiene proyectado crear dos nuevas empresas a medio plazo. **La Verdad, Suplemento Publicitario** Murcia, Espanha, p.5, 1996e.

_____. Los alumnos de los cursos formativos de interface realizarán prácticas en empresas de la región. **La Verdad, Suplemento Publicitario**. Murcia, Espanha: p.4, 1996f.

_____. Ampliación del concepto de normalidad. **La Verdad, Suplemento Publicitario**. Murcia, Espanha, p.6, 1996g.

GALASSO, I. Recordação da adolescência: um acidente de trabalho. **Revista Serviço Social e Sociedade**, v.12, n.37, p.49-68, 1991.

GOFFMAN, E. Estigma. **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1975.

GOHN, MG. **Educação não – formal e cultura política**. Questões da nossa época. São Paulo: Cortez, 1999.

GORENDER, J. **Gênese e desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GUIMARÃES, MP. Qualidade de vida de pessoas deficientes. **Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada**. Departamento de Economia, Administração e Sociologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, ano 2, n. 9, 2000.

HEILBRUNN, E. **Oficinas Abridadas**. Promoção humana através do trabalho. [s.l.]: Hurda, Cultura Social, [s.d.].

HIRANO, S. **Formação da sociedade moderna no Brasil**: ensaios sobre tradição, modernização e modernidade. 1991. Tese (Livre Docência) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

IANNI, O. As ciências sociais e a sociedade global. In: XVI ENCONTRO ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - ANPOCS, Caxambú, MG, 1992. **Mimeo do XVI Encontro Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, Caxambu, MG, 1992.

_____. **Era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996a.

_____. **Sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996b.

JACOBI, P.R. **Ampliação da cidadania e participação: desafios na democratização da relação poder público/sociedade civil no Brasil**. 1996. Tese (Livre Docência) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

JAMESON, F. **Pós-modernismo – A lógica do capitalismo tardio**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

JULIÃO, C.H. **A pessoa deficiente mental em nível educável e o mundo do trabalho: a visão dos empregadores do setor calçadista de Franca**. 1997. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Franca.

KARSCH, U.M.S. **O Serviço Social na era dos serviços**. São Paulo: Cortez, 1989.

KOSHIYAMA, A.M. Comunicação, cidadania e globalização: questão nacional. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE AMÉRICA LATINA E CARIBE, 5. São Paulo, 1996. **Resumos das Comunicações do V Congresso da sociedade Latino-Americana de Estudos Sobre América Latina e Caribe**, São Paulo: Prolam/USP, 1996.

KRYSNSKI, S. **Serviço Social na área da deficiência mental**. São Paulo: Almed, 1984.

LAFER, C. **A reconstrução dos direitos humanos**. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

LAMOUNIER, B. **Direito, cidadania e participação**. São Paulo: BAO, 1981.

LEITE, M.A.F.P. Poder público, decisão técnica e cidadania. In: ENCONTRO DA BARTLET INTERNACIONAL SUMMER SCHOOL, 13. São Paulo, 1991.

LEVY, A. et al. **Psicossociologia: Análise social e intervenção**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LEWONTIN, R.C.; ROSE, S.; KAMIN, L.S. **No está en los genes**. Crítica del racismo biológico. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1996.

LOPEZ, I. Deficientes, mas vivos. **Revista Problemas Brasileiros**. n. 326, mar./abr., 1998.

LOSNAK, C.J. **Olhares na formação do Serviço Social: trabalho, comunidade, lazer e assistência**. 1993. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

LUCKASSON, R; COULTER, D.A; POLLOWAY, E.A. **Mental retardation: definition, classification, and systems of supports**. Washington, DC: American Association on mental Retardation, 1992.

LUDKE, M. e André, M.A.D. **Pesquisa em educação**. Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

- MACEDO, R. O profissional globalizado. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, mar. 1998.
- MARCANTONIO, A.T.; SANTOS, M.; LEHFELD, N.A. **Elaboração e divulgação do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1993.
- MATTA, R. **Brasileiro: cidadão?** São Paulo: Cultura, 1992.
- MAZZOTTA, M.J.S. **Fundamentos de Educação Especial**. São Paulo: Pioneira, 1982.
- MELLO, G.N. **Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio**. São Paulo: Cortez, 1991.
- MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento/metodologia de pesquisa social (qualitativa) em saúde**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, FIOCRUZ, 1989.
- _____. **O desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1992.
- MONTERO, P. Questões para a etnografia numa sociedade mundial. **Novos Estudos Cebrap**. n.36, 1993.
- NEVES, NP. **Capacitação para o trabalho da pessoa deficiente mental: o desafio de seu enfrentamento numa economia globalizada**. 1997. Tese (Livre Docência em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Franca.
- ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PASTORE, J. **Oportunidades de trabalho para portadores de deficiência**. São Paulo: LTr, 2000.
- PECCI, J.C. **Minha profissão é andar**. São Paulo: Summus, 1990.
- PETERS, S. The politics of disability identity. In: PASTORE, J. **Oportunidades de trabalho para portadores de deficiência**. São Paulo: LTr, 2000.
- PIRES, H.F. **Reestruturação industrial e alta-tecnologia no Brasil: as indústrias de informática em São Paulo**. 1995. Tese (Doutorado em Engenharia Industrial) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PINSKY, J.; ELUF, L.M. **Brasileiro (a) é assim mesmo: cidadania e preconceito**. São Paulo: Contexto, 1993.
- PITTA, A. **Reabilitação psicossocial no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.

POCHMANN, M. **Políticas do trabalho e de garantia de renda no capitalismo em mudança**: um estudo sobre experiências da França, da Inglaterra, da Itália e do Brasil desde o segundo pós-guerra aos dias de hoje. São Paulo: LTr, 1995.

QUEIROZ, MIS. et al. **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988.

RIBAS, J.B.C. **Viva a diferença** – convivendo com nossas restrições ou deficiências. São Paulo: Moderna, 1995.

_____. **As pessoas portadoras de deficiência na sociedade brasileira**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1997.

_____. Entrevistas. **Integração**. Ministério da Educação, Secretaria da Educação, ano 10, n. 22, p. 4-7, 2000.

ROCHA, E.F. **Corpo deficiente: em busca da reabilitação?** – uma reflexão a partir da ótica das pessoas deficientes físicas. 1990. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROJAS, I.E.A. O indizível e o dizível na história oral. **Cadernos do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre identidade**. São Paulo, n.1, p.68-73, 1994.

RUDIGER, D.S. Considerações sobre os direitos dos trabalhadores na Declaração Universal dos Direitos Humanos. In: BOUCAULT, C.E. de A.; ARAÚJO, N. de (org.). **Os direitos humanos e o direito internacional**. Rio de Janeiro: Renovar, 1999.

SASSAKI, R.K. **Quantas pessoas têm deficiência**. 1998. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acesso em: mar. 2000.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do Trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SCHALOCK, R.L. Implicaciones para la investigación de la definición, clasificación y sistemas de apoyos de la AAMR de 1992. **Siglo Cero**. v. 26, n.1, p.5-13, 1995.

SILVA, R.S.R. **Os sujeitos sociais no cotidiano institucional**. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre identidade, Puc, 1996.

SINGER, P. **Modernidade, globalização e exclusão**. São Paulo: Imaginário, 1996.

SOUZA, N.H.B. **Trabalhadores pobres e cidadania da exclusão e da rebeldia na construção civil**. 1994. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SPINK, M.J. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1999.

SPOSATI, A. **História da pobreza assistida em São Paulo**. 1987. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

TASSO, V.C. **Concepções de profissionais sobre o comportamento apático de crianças institucionalizadas**. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

TELLES, V.S. Sociedade civil e os caminhos (incertos) da cidadania. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v.1, n.2, p.7-14, 1994.

TOFFLER, A. **Mudança do poder**. Rio de Janeiro: Record, 1990, 613 p.

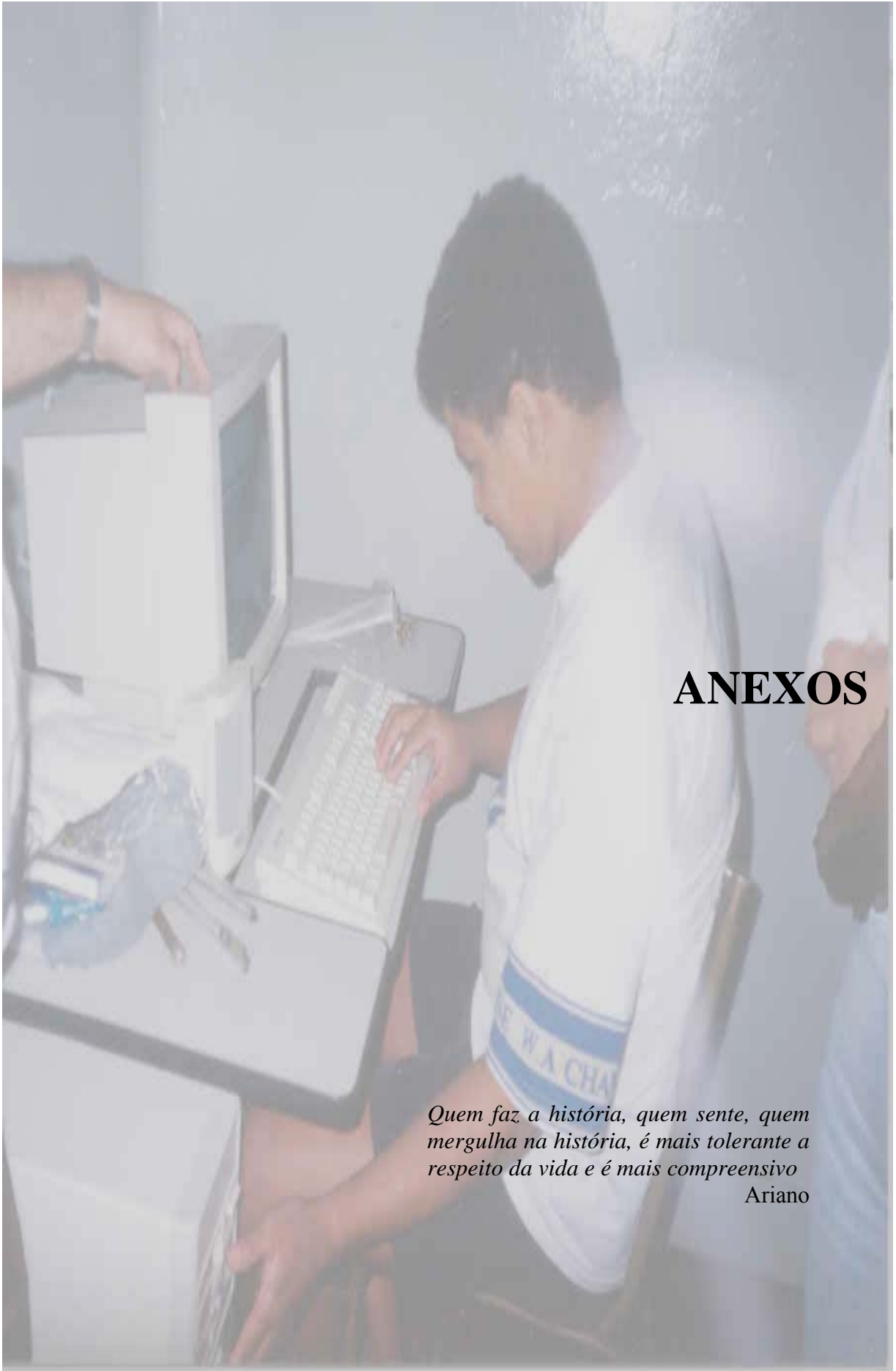
TOLDRÁ, R.C. **Aprender a viver: La construcción de la identidad de la persona con discapacidad física**. 1996. Tesis (Doctorado) - Universidad de Barcelona, Barcelona.

TRAVAIN, M.E.C. **Rompendo barreiras e voltando à vida**. 1998. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Franca.

TREFFERT, D.A.; WALLACE, G.L. Ilhas de Genialidade. **Scientific American Brasil**. ano 1, n. 2, jul. 2002.

VELHO, G.; ALVITO, M. **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: UFRJ/ FGV, 1996.

VERDUGO, M.A. El cambio de paradigma en la concepción del retraso mental. La nueva definición de la AAMR. **Siglo Cero**. Salamanca, España, v.25, n.3, p.43-48, 1994.



ANEXOS

*Quem faz a história, quem sente, quem
mergulha na história, é mais tolerante a
respeito da vida e é mais compreensivo*

Ariano

ANEXO A

PROJETO DE LEI – CORDE Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.

Acrescenta dispositivos à Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, que dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - CORDE, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público e define crimes.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º - A Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, passa a vigorar acrescida dos seguintes artigos:

"Art. 2º-A. A inserção da pessoa portadora de deficiência no mercado de trabalho efetivar-se-á mediante colocação competitiva, colocação seletiva ou promoção do trabalho por conta própria.

§ 1º Entende-se por colocação competitiva o processo de contratação regular, nos termos da legislação trabalhista e previdenciária, que independe a adoção de procedimentos especiais para sua concretização, não sendo excluída a possibilidade de utilização de apoios especiais.

§ 2º Entende-se por colocação seletiva o processo de contratação regular, nos termos da legislação trabalhista e previdenciária, que depende da adoção de procedimentos e apoios especiais para sua concretização.

§ 3º - Entende-se por promoção do trabalho por conta própria o processo de fomento da ação de uma ou mais pessoas, mediante trabalho autônomo, cooperativado ou em regime de economia familiar, com vista à emancipação econômica e pessoal." (NR)

"Art. 2º-B. A inserção laboral de pessoa portadora de deficiência física, sensorial ou mental que demande procedimentos e apoios especiais, inclusive supervisão contínua, na forma do § 2º do artigo anterior, será feita por entidades beneficentes de assistência social, instituídas na forma da lei, nos seguintes casos:

- I - na terceirização de serviços com instituições públicas e empresas do setor privado;
- II - na comercialização de bens e serviços decorrentes de programas de habilitação profissional da pessoa portadora de deficiência em oficina protegida de produção.

§ 1º A terceirização de serviços será feita mediante celebração de convênio ou contrato formal, entre a entidade beneficente de assistência social e o tomador de serviços, no qual constará a relação nominal dos trabalhadores portadores de deficiência colocados à disposição do tomador.

§ 2º A entidade que adotar o processo de colocação seletiva deverá promover, em parceria com o tomador dos serviços, programas de prevenção de doenças profissionais e de redução da capacidade laboral e programas de reabilitação, caso ocorram patologias ou se manifestem outras incapacidades.

§ 3º A utilização da alternativa referida neste artigo não eximirá a entidade da celebração de contrato de trabalho, de acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, observando-se ainda o disposto nos incisos I e II do art. 2º-D.

§ 4º A inserção laboral mediante colocação seletiva não exige o tomador dos serviços de cumprir os percentuais de contratação de pessoas portadoras de deficiência habilitadas, nos termos da legislação previdenciária." (NR)

"Art. 2º-C. O trabalho realizado na forma do inciso I do artigo anterior não caracteriza relação de emprego com o tomador de serviços, mas implica sua responsabilidade subsidiária, quanto às obrigações trabalhistas e previdenciárias relativas ao período em que o trabalhador portador de deficiência esteve a sua disposição." (NR)

"Art. 2º-D. Para os efeitos desta Lei consideram-se:

- I - procedimentos especiais: os meios utilizados para a contratação de pessoa que, devido ao seu grau de deficiência, transitória ou permanente, exige condições especiais, tais como, jornada variável, horário flexível, proporcionalidade de salário, dentre outras;
- II - apoios especiais: os elementos (orientação, supervisão e ajudas técnicas, dentre outros) que auxiliem ou permitam compensar uma ou mais limitações funcionais motoras, sensoriais ou mentais da pessoa portadora de deficiência, de modo a superar as barreiras da mobilidade e da comunicação, possibilitando a plena utilização de suas capacidades em condições de normalidade;

III - oficina protegida de produção: a unidade que funcione em relação de dependência com entidade pública ou beneficente de assistência social, tendo por objetivo desenvolver programa de habilitação profissional para o portador de deficiência, provendo-o com trabalho remunerado, com vistas à sua emancipação econômica e pessoal relativa." (NR)

"Art. 2º-E. O Ministério Público do Trabalho tem legitimidade para propor as ações necessárias à defesa dos interesses coletivos ou difusos decorrentes da relação de emprego das pessoas portadoras de deficiência, assim como as ações individuais necessárias à defesa dos interesses que tenham origem na relação jurídica decorrente da colocação seletiva no mercado de trabalho." (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

ANEXO B

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
GABINETE DO MINISTRO

PORTARIA Nº 1.679, DE 2 DE DEZEMBRO DE 1999

Dispõe sobre requisitos de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências, para instruir os processos de autorização e de reconhecimento de cursos, e de credenciamento de instituições.

O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições, considerando o disposto na Lei nº 9.131, de 24 de novembro de 1995, na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e no Decreto nº 2.306, de 19 de agosto de 1997, e considerando ainda a necessidade de assegurar aos portadores de deficiência física e sensorial condições básicas de acesso ao ensino superior, de mobilidade e de utilização de equipamentos e instalações das instituições de ensino, resolve:

Art. 1º Determinar que sejam incluídos nos instrumentos destinados a avaliar as condições de oferta de cursos superiores, para fins de sua autorização e reconhecimento e para fins de credenciamento de instituições de ensino superior, bem como para sua renovação, conforme as normas em vigor, requisitos de acessibilidade de pessoas portadoras de necessidades especiais.

Art. 2º A Secretaria de Educação Superior deste Ministério, com o apoio técnico da Secretaria de Educação Especial, estabelecerá os requisitos, tendo como referência a Norma Brasil 9050, da Associação Brasileira de Normas Técnicas, que trata da Acessibilidade de Pessoas Portadoras de Deficiências e Edificações, Espaço, Mobiliário e Equipamentos Urbanos.

Parágrafo único. Os requisitos estabelecidos na forma do caput, deverão contemplar, no mínimo:

- a) para alunos com deficiência física eliminação de barreiras arquitetônicas para circulação do estudante, permitindo o acesso aos espaços de uso coletivo; reserva de vagas em estacionamentos nas proximidades das unidades de serviços; construção de rampas com corrimãos ou colocação de elevadores, facilitando a circulação de cadeira de rodas; adaptação de portas e banheiros com espaço suficiente para permitir o acesso de cadeira de rodas; colocação de barras de apoio nas paredes dos banheiros; instalação de lavabos, bebedouros e telefones públicos em altura acessível aos usuários de cadeira de rodas;
- b) para alunos com deficiência visual Compromisso formal da instituição de proporcionar, caso seja solicitada, desde o acesso até a conclusão do curso, sala de apoio contendo: máquina de datilografia braille, impressora braille acoplada a computador, sistema de síntese de voz; gravador e fotocopiadora que amplie textos; plano de aquisição gradual de acervo bibliográfico em fitas de áudio; software de ampliação de tela; equipamento para ampliação de textos para atendimento a aluno com visão subnormal; lupas, régua de leitura; scanner acoplado a computador; plano de aquisição gradual de acervo bibliográfico dos conteúdos básicos em braille
- c) para alunos com deficiência auditiva Compromisso formal da instituição de proporcionar, caso seja solicitada, desde o acesso até a conclusão do curso: quando necessário, intérpretes de língua de sinais/língua portuguesa, especialmente quando dá realização de provas ou sua revisão, complementando a avaliação expressa em texto escrito ou quando este não tenha expressado o real conhecimento do aluno; flexibilidade na correção das provas escritas, valorizando o conteúdo semântico; aprendizado da língua portuguesa, principalmente, na modalidade escrita, (para o uso de vocabulário pertinente às matérias do curso em que o estudante estiver matriculado); materiais de informações aos professores para que se esclareça a especificidade lingüística dos surdos.

Art. 3º A observância dos requisitos estabelecidos na forma desta Portaria será verificada, a partir de 90 (noventa) dias de sua publicação, pelas comissões de especialistas de ensino, responsáveis pela avaliação a que se refere o art. 1º, quando da verificação das instalações físicas, equipamentos, laboratórios e bibliotecas dos cursos e instituições avaliados.

Art. 4º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAULO RENATO SOUZA

ANEXO C

PESSOA COM DEFICIÊNCIA - RELAÇÃO DE EMPREGO

Portaria GM/TEM Nº 772, de 26 de agosto de 1999
(DOU, 27/08/99 – Seção 1E – Pág. 14)

Estabelece normas para o trabalho de pessoa portadora de deficiência

O MINISTRO DE ESTADO DO TRABALHO E EMPREGO, usando das atribuições que lhe confere o inciso II, do parágrafo único, do art. 87 da Constituição Federal, o art. 913 da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto Lei nº 5.452, de 1º de Maio de 1942, e tendo em vista o disposto no art. 2º, Inciso III, da lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989;

Considerando o disposto na Convenção nº 159, da Organização Internacional do Trabalho – OIT, sobre a reabilitação profissional e emprego de pessoas deficientes;

Considerando, ainda, a necessidade de orientar os agentes da inspeção do trabalho quanto às situações em que se depararem com o trabalho do deficiente em entidades sem fins lucrativos, de natureza filantrópica de comprovada idoneidade, ou em empresas tomadoras de seus serviços, resolve:

Art. 1º O trabalho da pessoa portadora de deficiência não caracterizará relação de emprego com o tomador de serviços, se atendidos os seguintes requisitos:

- I – realizar-se com a intermediação de entidade sem fins lucrativos, de natureza filantrópica e de comprovada idoneidade, que tenha por objetivo assistir ao portador de deficiência;
- II – a entidade assistencial intermediadora comprovar a regular contratação dos portadores de deficiência nos moldes da Consolidação das Leis do Trabalho;
- III – o trabalho destinar-se a fins terapêuticos, desenvolvimento da capacidade laborativa reduzida devido à deficiência, ou inserção da pessoa portadora de deficiência no mercado de trabalho;
- IV – igualdade de condições com os demais trabalhadores, quando os portadores de deficiência estiverem inseridos no processo produtivo da empresa.

§ 1º O trabalho referido neste artigo poderá ser realizado na própria entidade que prestar assistência ao deficiente ou no âmbito da empresa que par ao mesmo fim celebrar convênio ou contrato com a entidade assistencial.

§ 2º O período de treinamento visando a capacitação e inserção do portador de deficiência no mercado de trabalho não caracterizará vínculo empregatício com o tomador ou com a entidade sem fins lucrativos, de natureza filantrópica, se inferior a seis meses.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

(Francisco Dornelles – O ELO, SINPAIT)

ANEXO D

LEI No 10.098, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000

Diário Oficial da União, 20 de dezembro de 2000

Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

CAPÍTULO I DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º Esta Lei estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação.

Art. 2º Para os fins desta Lei são estabelecidas as seguintes definições:

I – acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida;

II – barreiras: qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento e a circulação com segurança das pessoas, classificadas em:

d) barreiras arquitetônicas urbanísticas: as existentes nas vias públicas e nos espaços de uso público;

b) barreiras arquitetônicas na edificação: as existentes no interior dos edifícios públicos e privados;

c) barreiras arquitetônicas nos transportes: as existentes nos meios de transportes;

d) barreiras nas comunicações: qualquer entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos meios ou sistemas de comunicação, sejam ou não de massa;

III – pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida: a que temporária ou permanentemente tem limitada sua capacidade de relacionar-se com o meio e de utilizá-lo;

IV – elemento da urbanização: qualquer componente das obras de urbanização, tais como os referentes a pavimentação, saneamento, encanamentos para esgotos, distribuição de energia elétrica, iluminação pública, abastecimento e distribuição de água, paisagismo e os que materializam as indicações do planejamento urbanístico;

V – mobiliário urbano: o conjunto de objetos existentes nas vias e espaços públicos, superpostos ou adicionados aos elementos da urbanização ou da edificação, de forma que sua modificação ou traslado não provoque alterações substanciais nestes elementos, tais como semáforos, postes de sinalização e similares, cabines telefônicas, fontes públicas, lixeiras, toldos, marquises, quiosques e quaisquer outros de natureza análoga;

VI – ajuda técnica: qualquer elemento que facilite a autonomia pessoal ou possibilite o acesso e o uso de meio físico.

CAPÍTULO II DOS ELEMENTOS DA URBANIZAÇÃO

Art. 3º O planejamento e a urbanização das vias públicas, dos parques e dos demais espaços de uso público deverão ser concebidos e executados de forma a torná-los acessíveis para as pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Art. 4º As vias públicas, os parques e os demais espaços de uso público existentes, assim como as respectivas instalações de serviços e mobiliários urbanos deverão ser adaptados, obedecendo-se ordem de prioridade que vise à maior eficiência das modificações, no sentido de promover mais ampla acessibilidade às pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Art. 5º O projeto e o traçado dos elementos de urbanização públicos e privados de uso comunitário, nestes compreendidos os itinerários e as passagens de pedestres, os percursos de entrada e de saída de veículos, as escadas e rampas, deverão observar os parâmetros estabelecidos pelas normas técnicas de acessibilidade da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT.

Art. 6º Os banheiros de uso público existentes ou a construir em parques, praças, jardins e espaços livres públicos deverão ser acessíveis e dispor, pelo menos, de um sanitário e um lavatório que atendam às especificações das normas técnicas da ABNT.

Art. 7º Em todas as áreas de estacionamento de veículos, localizadas em vias ou em espaços públicos, deverão ser reservadas vagas próximas dos acessos de circulação de pedestres, devidamente sinalizadas, para veículos que transportem pessoas portadoras de deficiência com dificuldade de locomoção.

Parágrafo único. As vagas a que se refere o caput deste artigo deverão ser em número equivalente a dois por cento do total, garantida, no mínimo, uma vaga, devidamente sinalizada e com as especificações técnicas de desenho e traçado de acordo com as normas técnicas vigentes.

CAPÍTULO III DO DESENHO E DA LOCALIZAÇÃO DO MOBILIÁRIO URBANO

Art. 8º Os sinais de tráfego, semáforos, postes de iluminação ou quaisquer outros elementos verticais de sinalização que devam ser instalados em itinerário ou espaço de acesso para pedestres deverão ser dispostos de forma a não dificultar ou impedir a circulação, e de modo que possam ser utilizados com a máxima comodidade.

Art. 9º Os semáforos para pedestres instalados nas vias públicas deverão estar equipados com mecanismo que emita sinal sonoro suave, intermitente e sem estridência, ou com mecanismo alternativo, que sirva de guia ou orientação para a travessia de pessoas portadoras de deficiência visual, se a intensidade do fluxo de veículos e a periculosidade da via assim determinarem.

Art. 10. Os elementos do mobiliário urbano deverão ser projetados e instalados em locais que permitam sejam eles utilizados pelas pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

CAPÍTULO IV DA ACESSIBILIDADE NOS EDIFÍCIOS PÚBLICOS OU DE USO COLETIVO

Art. 11. A construção, ampliação ou reforma de edifícios públicos ou privados destinados ao uso coletivo deverão ser executadas de modo que sejam ou se tornem acessíveis às pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Parágrafo único. Para os fins do disposto neste artigo, na construção, ampliação ou reforma de edifícios públicos ou privados destinados ao uso coletivo deverão ser observados, pelo menos, os seguintes requisitos de acessibilidade:

I – nas áreas externas ou internas da edificação, destinadas a garagem e a estacionamento de uso público, deverão ser reservadas vagas próximas dos acessos de circulação de pedestres, devidamente sinalizadas, para veículos que transportem pessoas portadoras de deficiência com dificuldade de locomoção permanente;

II – pelo menos um dos acessos ao interior da edificação deverá estar livre de barreiras arquitetônicas e de obstáculos que impeçam ou dificultem a acessibilidade de pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida;

III – pelo menos um dos itinerários que comuniquem horizontal e verticalmente todas as dependências e serviços do edifício, entre si e com o exterior, deverá cumprir os requisitos de acessibilidade de que trata esta Lei; e

IV – os edifícios deverão dispor, pelo menos, de um banheiro acessível, distribuindo-se seus equipamentos e acessórios de maneira que possam ser utilizados por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Art. 12. Os locais de espetáculos, conferências, aulas e outros de natureza similar deverão dispor de espaços reservados para pessoas que utilizam cadeira de rodas, e de lugares específicos para pessoas com deficiência auditiva e visual, inclusive acompanhante, de acordo com a ABNT, de modo a facilitar-lhes as condições de acesso, circulação e comunicação.

CAPÍTULO V DA ACESSIBILIDADE NOS EDIFÍCIOS DE USO PRIVADO

Art. 13. Os edifícios de uso privado em que seja obrigatória a instalação de elevadores deverão ser construídos atendendo aos seguintes requisitos mínimos de acessibilidade:

I – percurso acessível que una as unidades habitacionais com o exterior e com as dependências de uso comum;

II – percurso acessível que una a edificação à via pública, às edificações e aos serviços anexos de uso comum e aos edifícios vizinhos;

III – cabine do elevador e respectiva porta de entrada acessíveis para pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Art. 14. Os edifícios a serem construídos com mais de um pavimento além do pavimento de acesso, à exceção das habitações unifamiliares, e que não estejam obrigados à instalação de elevador, deverão dispor de especificações técnicas e de projeto que facilitem a instalação de um elevador adaptado, devendo os demais elementos de uso comum destes edifícios atender aos requisitos de acessibilidade.

Art. 15. Caberá ao órgão federal responsável pela coordenação da política habitacional regulamentar a reserva de um percentual mínimo do total das habitações, conforme a característica da população local, para o atendimento da demanda de pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

CAPÍTULO VI

DA ACESSIBILIDADE NOS VEÍCULOS DE TRANSPORTE COLETIVO

Art. 16. Os veículos de transporte coletivo deverão cumprir os requisitos de acessibilidade estabelecidos nas normas técnicas específicas.

CAPÍTULO VII

DA ACESSIBILIDADE NOS SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO E SINALIZAÇÃO

Art. 17. O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer.

Art. 18. O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braille, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação.

Art. 19. Os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens adotarão plano de medidas técnicas com o objetivo de permitir o uso da linguagem de sinais ou outra subtítuloção, para garantir o direito de acesso à informação às pessoas portadoras de deficiência auditiva, na forma e no prazo previstos em regulamento.

CAPÍTULO VIII

DISPOSIÇÕES SOBRE AJUDAS TÉCNICAS

Art. 20. O Poder Público promoverá a supressão de barreiras urbanísticas, arquitetônicas, de transporte e de comunicação, mediante ajudas técnicas.

Art. 21. O Poder Público, por meio dos organismos de apoio à pesquisa e das agências de financiamento, fomentará programas destinados:

I – à promoção de pesquisas científicas voltadas ao tratamento e prevenção de deficiências;

II – ao desenvolvimento tecnológico orientado à produção de ajudas técnicas para as pessoas portadoras de deficiência;

III – à especialização de recursos humanos em acessibilidade.

CAPÍTULO IX

DAS MEDIDAS DE FOMENTO À ELIMINAÇÃO DE BARREIRAS

Art. 22. É instituído, no âmbito da Secretaria de Estado de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, o Programa Nacional de Acessibilidade, com dotação orçamentária específica, cuja execução será disciplinada em regulamento.

CAPÍTULO X

DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 23. A Administração Pública federal direta e indireta destinará, anualmente, dotação orçamentária para as adaptações, eliminações e supressões de barreiras arquitetônicas existentes nos edifícios de uso público de sua propriedade e naqueles que estejam sob sua administração ou uso.

Parágrafo único. A implementação das adaptações, eliminações e supressões de barreiras arquitetônicas referidas no caput deste artigo deverá ser iniciada a partir do primeiro ano de vigência desta Lei.

Art. 24. O Poder Público promoverá campanhas informativas e educativas dirigidas à população em geral, com a finalidade de conscientizá-la e sensibilizá-la quanto à acessibilidade e à integração social da pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Art. 25. As disposições desta Lei aplicam-se aos edifícios ou imóveis declarados bens de interesse cultural ou de valor histórico-artístico, desde que as modificações necessárias observem as normas específicas reguladoras destes bens.

Art. 26. As organizações representativas de pessoas portadoras de deficiência terão legitimidade para acompanhar o cumprimento dos requisitos de acessibilidade estabelecidos nesta Lei.

Art. 27. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 19 de dezembro de 2000; 179º da Independência e 112º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
José Gregori

ANEXO E

ASSEMBLÉIA GERAL
VIGÉSIMO NONO PERÍODO ORDINÁRIO DE SESSÕES
6 de junho de 1999 AG/doc. 3826/99
Guatemala 28 maio 1999
Original: espanhol
Tema 34 da agenda

PROJETO DE RESOLUÇÃO**CONVENÇÃO INTERAMERICANA PARA A ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO
CONTRA AS PESSOAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA**

(Aprovado pelo Conselho Permanente na sessão realizada em 26 de maio de 1999)

A ASSEMBLÉIA GERAL,

TENDO VISTO o relatório do Conselho Permanente sobre o projeto de Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência (CP/CAJP-1532/99);

CONSIDERANDO que, em seu Vigésimo Sexto Período Ordinário de Sessões, a Assembléia Geral, mediante a resolução AG/RES. 1369 (XXVI-O/96), "Compromisso do Panamá com as Pessoas Portadoras de Deficiência no Continente Americano", encarregou o Conselho Permanente de, por intermédio de um Grupo de Trabalho correspondente, preparar um projeto de convenção interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação por razões de deficiência;

LEVANDO EM CONTA que a deficiência pode dar origem a situações de discriminação, pelo qual é necessário propiciar o desenvolvimento de ações e medidas que permitam melhorar substancialmente a situação das pessoas portadoras de deficiência no Hemisfério;

CONSIDERANDO que a Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem proclama que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos, e que os direitos e liberdades de cada pessoa devem ser respeitados sem qualquer distinção;

LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO que o Protocolo Adicional à Convenção Americana sobre Direitos Humanos em Matéria de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, "Protocolo de San Salvador", reconhece que "toda pessoa afetada por diminuição de suas capacidades físicas ou mentais tem direito a receber atenção especial, a fim de alcançar o máximo desenvolvimento da sua personalidade";

TOMANDO NOTA de que a resolução AG/RES. 1564 (XXVIII-O/98) reitera "a importância da adoção de uma Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência" e solicita também que sejam envidados todos os esforços necessários para que este instrumento jurídico seja aprovado e assinado no Vigésimo Nono Período Ordinário de Sessões da Assembléia Geral da Organização dos Estados Americanos,

RESOLVE:

Adotar a seguinte Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência:

**CONVENÇÃO INTERAMERICANA PARA A ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO
CONTRA AS PESSOAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA OS ESTADOS PARTES NESTA CONVENÇÃO,**

REAFIRMANDO que as pessoas portadoras de deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que estes direitos, inclusive o direito de não ser submetidas a discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e da igualdade que são inerentes a todo ser humano;

CONSIDERANDO que a Carta da Organização dos Estados Americanos, em seu artigo 3, j, estabelece como princípio que "a justiça e a segurança sociais são bases de uma paz duradoura";

PREOCUPADOS com a discriminação de que são objeto as pessoas em razão de suas deficiências;

TENDO PRESENTE o Convênio sobre a Readaptação Profissional e o Emprego de Pessoas Inválidas da Organização Internacional do Trabalho (Convênio 159); a Declaração dos Direitos do Retardado Mental (AG.26/2856, de 20 de dezembro de 1971); a Declaração das Nações Unidas dos Direitos das Pessoas Portadoras de Deficiência (Resolução Nº 3447, de 9 de dezembro de 1975); o Programa de Ação Mundial para as Pessoas Portadoras de Deficiência, aprovado pela Assembléia Geral das Nações Unidas (Resolução 37/52, de 3 de dezembro de 1982); o Protocolo Adicional à Convenção Americana sobre Direitos Humanos em Matéria de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, "Protocolo de San Salvador" (1988); os Princípios para a Proteção dos Doentes Mentais e para a Melhoria do Atendimento de Saúde Mental (AG.46/119, de 17 de dezembro de 1991); a Declaração de Caracas da Organização Pan-Americana da Saúde; a resolução sobre a situação das pessoas portadoras de deficiência no Continente Americano [AG/RES. 1249 (XXIII-O/93)]; as Normas Uniformes

sobre Igualdade de Oportunidades para as Pessoas Portadoras de Deficiência (AG.48/96, de 20 de dezembro de 1993); a Declaração de Manágua, de 20 de dezembro de 1993; a Declaração de Viena e Programa de Ação aprovados pela Conferência Mundial sobre Direitos Humanos, das Nações Unidas (157/93); a resolução sobre a situação das pessoas portadoras de deficiência no Hemisfério Americano [AG/RES. 1356 (XXV-O/95)] e o Compromisso do Panamá com as Pessoas Portadoras de Deficiência no Continente Americano [AG/RES. 1369 (XXVI-O/96)]; e

COMPROMETIDOS a eliminar a discriminação, em todas suas formas e manifestações, contra as pessoas portadoras de deficiência,

CONVIERAM no seguinte:

ARTIGO I

Para os efeitos desta Convenção, entende-se por:

1. Deficiência

O termo "deficiência" significa uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social.

2. Discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência

a) O termo "discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência" significa toda diferenciação, exclusão ou restrição baseada em deficiência, antecedente de deficiência, conseqüência de deficiência anterior ou percepção de deficiência presente ou passada, que tenha o efeito ou propósito de impedir ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício por parte das pessoas portadoras de deficiência de seus direitos humanos e suas liberdades fundamentais.

b) Não constitui discriminação a diferenciação ou preferência adotada pelo Estado Parte para promover a integração social ou o desenvolvimento pessoal dos portadores de deficiência, desde que a diferenciação ou preferência não limite em si mesma o direito à igualdade dessas pessoas e que elas não sejam obrigadas a aceitar tal diferenciação ou preferência. Nos casos em que a legislação interna preveja a declaração de interdição, quando for necessária e apropriada para o seu bem-estar, esta não constituirá discriminação.

ARTIGO II

Esta Convenção tem por objetivo prevenir e eliminar todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência e propiciar a sua plena integração à sociedade.

ARTIGO III

Para alcançar os objetivos desta Convenção, os Estados Partes comprometem-se a:

1. Tomar as medidas de caráter legislativo, social, educacional, trabalhista, ou de qualquer outra natureza, que sejam necessárias para eliminar a discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência e proporcionar a sua plena integração à sociedade, entre as quais as medidas abaixo enumeradas, que não devem ser consideradas exclusivas:

a) medidas das autoridades governamentais e/ou entidades privadas para eliminar progressivamente a discriminação e promover a integração na prestação ou fornecimento de bens, serviços, instalações, programas e atividades, tais como o emprego, o transporte, as comunicações, a habitação, o lazer, a educação, o esporte, o acesso à justiça e aos serviços policiais e as atividades políticas e de administração;

b) medidas para que os edifícios, os veículos e as instalações que venham a ser construídos ou fabricados em seus respectivos territórios facilitem o transporte, a comunicação e o acesso das pessoas portadoras de deficiência;

c) medidas para eliminar, na medida do possível, os obstáculos arquitetônicos, de transporte e comunicações que existam, com a finalidade de facilitar o acesso e uso por parte das pessoas portadoras de deficiência; e

d) medidas para assegurar que as pessoas encarregadas de aplicar esta Convenção e a legislação interna sobre esta matéria estejam capacitadas a fazê-lo.

2. Trabalhar prioritariamente nas seguintes áreas:

a) prevenção de todas as formas de deficiência preveníveis;

b) detecção e intervenção precoce, tratamento, reabilitação, educação, formação ocupacional e prestação de serviços completos para garantir o melhor nível de independência e qualidade de vida para as pessoas portadoras de deficiência; e

c) sensibilização da população, por meio de campanhas de educação, destinadas a eliminar preconceitos, estereótipos e outras atitudes que atentam contra o direito das pessoas a serem iguais, permitindo desta forma o respeito e a convivência com as pessoas portadoras de deficiência.

ARTIGO IV

Para alcançar os objetivos desta Convenção, os Estados Partes comprometem-se a:

1. Cooperar entre si a fim de contribuir para a prevenção e eliminação da discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência.

2. Colaborar de forma efetiva no seguinte:

a) pesquisa científica e tecnológica relacionada com a prevenção das deficiências, o tratamento, a reabilitação e a integração na sociedade de pessoas portadoras de deficiência; e

b) desenvolvimento de meios e recursos destinados a facilitar ou promover a vida independente, a auto-suficiência e a integração total, em condições de igualdade, à sociedade das pessoas portadoras de deficiência.

ARTIGO V

1. Os Estados Partes promoverão, na medida em que isto for coerente com as suas respectivas legislações nacionais, a participação de representantes de organizações de pessoas portadoras de deficiência, de organizações não-governamentais que trabalham nessa área ou, se essas organizações não existirem, de pessoas portadoras de deficiência, na elaboração, execução e avaliação de medidas e políticas para aplicar esta Convenção.

2. Os Estados Partes criarão canais de comunicação eficazes que permitam difundir entre as organizações públicas e privadas que trabalham com pessoas portadoras de deficiência os avanços normativos e jurídicos ocorridos para a eliminação da discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência.

ARTIGO VI

1. Para dar acompanhamento aos compromissos assumidos nesta Convenção, será estabelecida uma Comissão para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência, constituída por um representante designado por cada Estado Parte.

2. A Comissão realizará a sua primeira reunião dentro dos 90 dias seguintes ao depósito do décimo primeiro instrumento de ratificação. Essa reunião será convocada pela Secretaria-Geral da Organização dos Estados Americanos e será realizada na sua sede, salvo se um Estado Parte oferecer sede.

3. Os Estados Partes comprometem-se, na primeira reunião, a apresentar um relatório ao Secretário-Geral da Organização para que o envie à Comissão para análise e estudo. No futuro, os relatórios serão apresentados a cada quatro anos.

4. Os relatórios preparados em virtude do parágrafo anterior deverão incluir as medidas que os Estados membros tiverem adotado na aplicação desta Convenção e qualquer progresso alcançado na eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência. Os relatórios também conterão toda circunstância ou dificuldade que afete o grau de cumprimento decorrente desta Convenção.

5. A Comissão será o foro encarregado de examinar o progresso registrado na aplicação da Convenção e de intercambiar experiências entre os Estados Partes. Os relatórios que a Comissão elaborará refletirão o debate havido e incluirão informação sobre as medidas que os Estados Partes tenham adotado em aplicação desta Convenção, o progresso alcançado na eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência, as circunstâncias ou dificuldades que tenham tido na implementação da Convenção, bem como as conclusões, observações e sugestões gerais da Comissão para o cumprimento progressivo da mesma.

6. A Comissão elaborará o seu regulamento interno e o aprovará por maioria absoluta.

7. O Secretário-Geral prestará à Comissão o apoio necessário para o cumprimento de suas funções.

ARTIGO VII

Nenhuma disposição desta Convenção será interpretada no sentido de restringir ou permitir que os Estados Partes limitem o gozo dos direitos das pessoas portadoras de deficiência reconhecidos pelo Direito Internacional consuetudinário ou pelos instrumentos internacionais vinculantes para um determinado Estado Parte.

ARTIGO VIII

1. Esta Convenção estará aberta a todos os Estados membros para sua assinatura, na cidade da Guatemala, Guatemala, em 8 de junho de 1999 e, a partir dessa data, permanecerá aberta à assinatura de todos os Estados na sede da Organização dos Estados Americanos até sua entrada em vigor.

2. Esta Convenção está sujeita a ratificação.

3. Esta Convenção entrará em vigor para os Estados ratificantes no trigésimo dia a partir da data em que tenha sido depositado o sexto instrumento de ratificação de um Estado membro da Organização dos Estados Americanos.

ARTIGO IX

Depois de entrar em vigor, esta Convenção estará aberta à adesão de todos os Estados que não a tenham assinado.

ARTIGO X

1. Os instrumentos de ratificação e adesão serão depositados na Secretaria-Geral da Organização dos Estados Americanos.

2. Para cada Estado que ratificar a Convenção ou aderir a ela depois do depósito do sexto instrumento de ratificação, a Convenção entrará em vigor no trigésimo dia a partir da data em que esse Estado tenha depositado seu instrumento de ratificação ou adesão.

ARTIGO XI

1. Qualquer Estado Parte poderá formular propostas de emenda a esta Convenção. As referidas propostas serão apresentadas à Secretaria-Geral da OEA para distribuição aos Estados Partes.

2. As emendas entrarão em vigor para os Estados ratificantes das mesmas na data em que dois terços dos Estados Partes tenham depositado o respectivo instrumento de ratificação. No que se refere ao restante dos Estados Partes, entrarão em vigor na data em que depositarem seus respectivos instrumentos de ratificação.

ARTIGO XII

Os Estados poderão formular reservas a esta Convenção no momento de ratificá-la ou a ela aderir, desde que essas reservas não sejam incompatíveis com o objetivo e propósito da Convenção e versem sobre uma ou mais disposições específicas.

ARTIGO XIII

Esta Convenção vigorará indefinidamente, mas qualquer Estado Parte poderá denunciá-la. O instrumento de denúncia será depositado na Secretaria-Geral da Organização dos Estados Americanos. Decorrido um ano a partir da data de depósito do instrumento de denúncia, a Convenção cessará seus efeitos para o Estado denunciante, permanecendo em vigor para os demais Estados Partes. A denúncia não eximirá o Estado Parte das obrigações que lhe impõe esta Convenção com respeito a qualquer ação ou omissão ocorrida antes da data em que a denúncia tiver produzido seus efeitos.

ARTIGO XIV

1. O instrumento original desta Convenção, cujos textos em espanhol, francês, inglês e português são igualmente autênticos, será depositado na Secretaria-Geral da Organização dos Estados Americanos, que enviará cópia autenticada de seu texto, para registro e publicação, ao Secretariado das Nações Unidas, em conformidade com o artigo 102 da Carta das Nações Unidas.

2. A Secretaria-Geral da Organização dos Estados Americanos notificará os Estados membros dessa Organização e os Estados que tiverem aderido à Convenção sobre as assinaturas, os depósitos dos instrumentos de ratificação, adesão ou denúncia, bem como sobre as eventuais reservas.